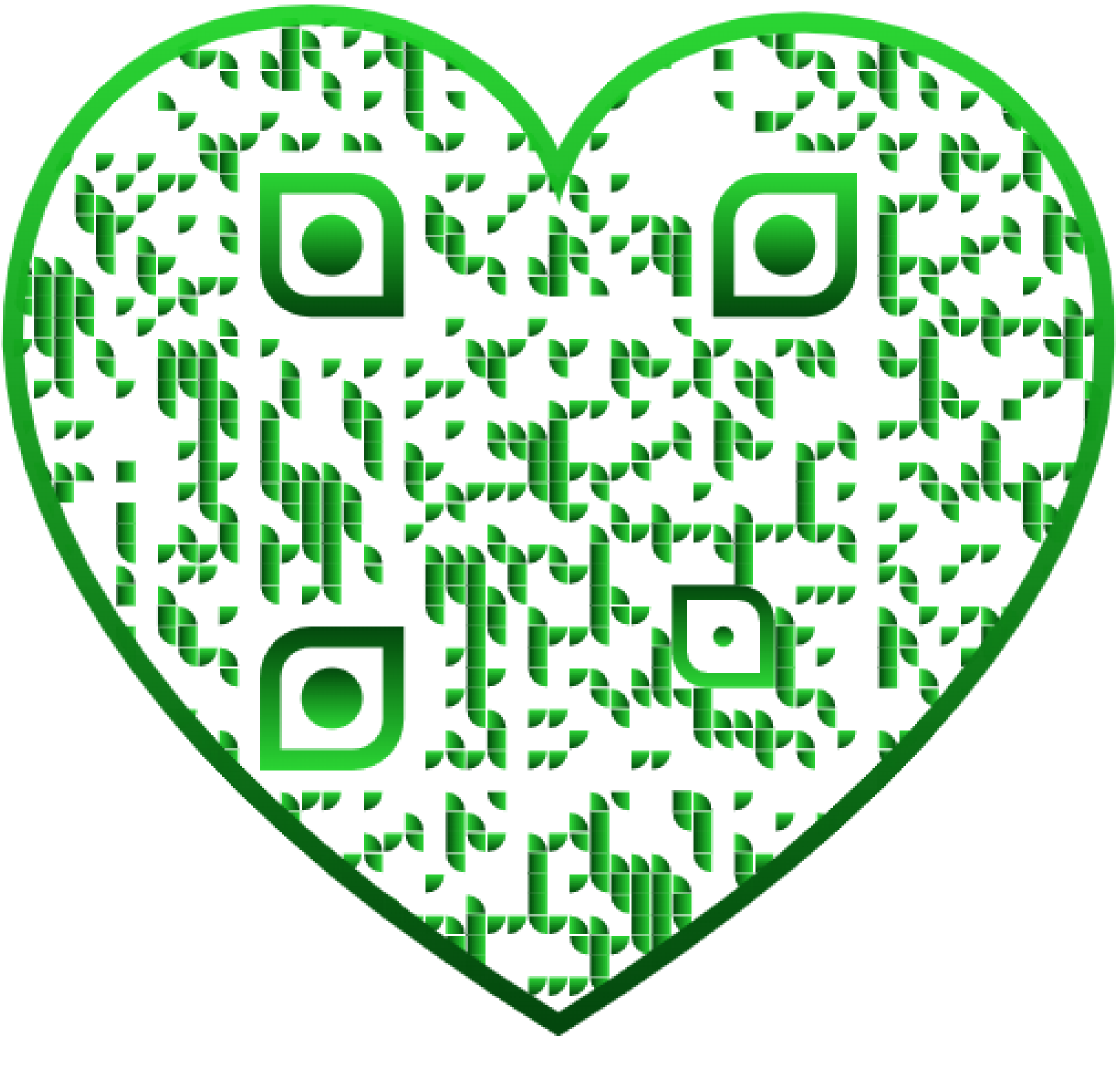
Peter Camenzind

Hermann Hesse



PETER CAMENZIND

O romance "Peter Camenzind" surgiu pela primeira vez no ano de 1904. Provou sua perseverança através dos decênios, tornando-se uma das obras constantes da nova literatura alemã.

Para a geração que envelhece, ele representa acontecimentos inesquecíveis. As gerações mais jovens e vindouras também serão atingidas pela magia do livro. Cada jovem se sente fascinado por aquela nostalgia da beleza do mundo, da amizade e do amor que transpiram da primeira obra-prima de Hermann Hesse. O romance apresenta também traços grosseiros, não pretendendo embelezar ou glorificar coisa alguma. Entretanto, até as páginas ásperas da narrativa calam no âmago, espiritualizadas. Os muitos amigos de Hermann Hesse só poderão avaliar e compreender perfeitamente sua trajetória poética, começando pelo "Peter Camenzind". O amor pelas obras da maturidade de Hesse se tornará mais profundo, quando o leitor já tiver tomado conhecimento e apreciado a obra de sua juventude.

O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO

O Jogo das Contas de Vidro contém, é certo, uma crítica à nossa época. O plano deste livro é dialético. Baseia-se num raciocínio que poderia ser resumido nos seguintes termos; se é verdade que a causa do trágico erro da civilização moderna é a aglomeração, no espírito humano, *ás* noções heterogêneas e a fascinação pelo poder tecnológico, o que sucederia se, ao contrário, a ciência, o sentido do belo e do bem se fundissem num concerto harmonioso"

NARCISO E GOLDMUND

O Jovem aluno do convento, Goldmund, olha com timidez e admiração para seu mestre Narciso. Quer dedicar sua vida à ordem, mas Narciso desencoraja-o, pois não lhe parece ser este o seu destino. "Você é um artista, eu, um pensador. Para mim brilha o sol, para você, a lua e as estrelas". Narciso desperta Goldmund para conhecer a sua própria persondidade.

O todo desta obra forma um quadro colorido da Idade Média alemã, onde o romântico e o real se confundem.

Os livros nacionais e estrangeiros que não encontrados nas livrarias podem ser pedidos pelo Reembolso Postal
LIVRARIA BRASILIENSE
Rua Barão de Itapetininga, 99
Caixa Postal 30.644 - São Paulo

Com este rude e fantástico livro, como são todas as obras de juventude, iniciou Hermann Hesse sua trajetória pelo maravilhoso mundo da poesia, do amor e da comunicação, características marcantes de sua literatura.

Principalmente os jovens, atingidos em sua problemática, redescobriram este autor, cuja obra poderão entender mais ampla e profundamente através da leitura de Peter Camenzind.

HERMANN HESSE

Nasceu a 2 de Julho de 1877 no coração da Alemanha antiga, romântica, em uma das pequenas cidades de aspecto medieval. Seus pais foram missionários protestantes que tinham pregado o cristianismo na Índia. O jovem Hesse também deveria estudar teologia. Mas fugiu do seminário, não agüentando a rígida disciplina. No ginásio revoltou-se contra o ensino nacionalista. Fugiu para a Suíça, onde se empregou numa livraria e publicou os primeiros livros. Depois do sucesso de Peter Camenzind, seu primeiro casamento foi com a filha de ricos burgueses suíços: parecia a vitória na vida. Teve com ela 3 filhos. Mas fugiu do conforto, nessa jaula dourada, para um existência solitária na Natureza, da qual só o expulsou o começo da Primeira Guerra Mundial. E logo mais uma fuga: Hesse desistiu da cidadania alemã, vivendo na Suíça perseguido pela contra-espionagem alemã. Tinha-se declarado contra o nacionalismo bélico do Kalser e dos alemães. Casou-se mais duas vezes.

Toda a vida de Hesse, até o último dia, foi uma série de fugas. E cada uma dessas fugas foi uma revolta: contra a casa paterna; contra o cristianismo; contra a escola; contra a vida burguesa; contra a guerra e contra o nacionalismo. Hesse sempre foi e sempre se conservou um rebelde contra os poderes deste mundo, temporais e espirituais. Sua vida confirma-lhe a vocação de grande poeta, de altiva independência.

As estações nesse caminho são as grandes obras de Hesse. Marcam as soluções em que o rebelde encontrou, por momentos, a paz, acreditando viver em harmonia consigo mesmo. Para tanto, o poeta percorreu espiritualmente o mundo, em busca de credos mais autênticos que os abusados do Ocidente, e uma dessas peregrinações o levou, também fisicamente, à Índia.

O budismo de Hesse não é elitista nem evasionista; seu livro VIAGEM AO ORIENTE é um dos mais rebeldes que escreveu. Tampouco tem pontos de contato com o budismo ginástico que foi descoberto pelos beatniks americanos "rebeldes sem causa". A rebelião de Hesse tem causa: é a paz do mundo, a externa e a interior. Seu budismo não é o Zen japonês, mas o indiano, o autêntico. A vida de SIDARTA parece-se com a do próprio Buda. Mas também se parece com a do próprio Hesse, que experimentou todas as possibilidades da existência humana até reconhecer a profunda doutrina da identidade de tudo que é vivo: Idênticos são o pecado e a santidade, a sabedoria e a loucura e, enfim, a vida e a morte. Hermann Hesse foi um grande poeta. Também foi um grande sábio. Em 1946, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

1

No princípio era o mito. Assim como o bom Deus, poderoso, em luta por uma expressão, poetizava na alma dos hindus, gregos e germanos, assim continuava Ele poetizando, diariamente, na afina de cada criança.

Qual o nome que, na minha pátria, se dava ao lago, montanhas e riachos, eu ainda não o sabia; via porém estender-se, exposta ao sol, a imensidão das águas rasas, de um verde azulado, entretecidas de pequenos pontos luminosos e formando uma espessa coroa ao seu redor, montanhas íngremes e, nas mais altas fendas, as brechas de neve muito alvas e pequenas, minúsculas quedas de água tendo ao seu sopé prados luminosos e inclinados, semeados de árvores frutíferas, cabanas e as vacas cinzentas dos Alpes. E, já que minha pobre e pequena alma se encontrava tão vazia, silenciosa e expectante, os espíritos do lago e das montanhas escreveram nela suas belas e ousadas façanhas. As encostas rígidas dos montes e dos penhascos falavam, iradas e respeitosas, das eras que lhes haviam dado origem e de cujas chagas são portadoras. Falavam também de outras épocas longínquas, quando a terra se rompeu e se curvou e que do seu ventre atormentado, em gemidos de parto, irromperam cumes e cristas. Montanhas rochosas surgiam, violentamente, lançando-se sem destino às alturas, rasgando espaços com suas arestas que, fendidas, caíam sobre si mesmas; montanhas gêmeas, em desespero, lutavam pela conquista do seu lugar, até que uma delas, vencedora, atirava a irmã para o lado, despedaçando-a. Ainda pendiam, oriundos daqueles dias, aqui e ali, nos cimos das gargantas, cumes destroçados, rochas impelidas para fora e fendidas, e cada vez que a neve derretia, o caudal das águas fazia despencar enormes blocos, estilhaçando-os, como se fossem de vidro, ou arrastando-os para baixo, nos prados macios, sob a violência dos seus golpes.

Eles repetiam sempre a mesma coisa, esses penhascos. E era fácil compreendê-los, quando se via suas encostas íngremes, cada camada fendida, umas por cima das outras, torcidas, estaladas, cada qual cheia de feridas abertas. "Sofremos coisas pavorosas", diziam, "e ainda continuamos sofrendo". Diziam-no orgulhosas, severas e irritadas, como velhos guerreiros indestrutíveis.

Isso mesmo, como guerreiros. Eu as via lutar contra a água e tempestades nas noites de pavor que antecipam a primavera, quando o vento meridional bramia, amargurado, em volta de suas velhas cabeças, quando as correntes dos regatos arrancavam dos seus flancos pedaços vivos e crus. Nessas noites elas se erguiam, sinistras, obstinadamente agarradas às suas raízes, já sem fôlego, tensas, estendendo em direção das tempestades as suas encostas e picos fendidos, juntando todas as suas forças numa atitude reprimida de desafio. E para cada chaga deixavam perceber o rolar pavoroso da fúria e do medo e através dos mais distantes ruídos, retumbavam, truncados e raivosos, seus gemidos apavorantes.

E eu via prados e declives, gretas de penhascos cobertas de grama, flores, fetos e musgos, aos quais a velha voz popular dera nomes tão singulares e tão cheios de significações. Viviam, filhos e netos que são das montanhas, coloridos

e inofensivos, ah mesmo nos seus postos. Eu os apalpava, contemplava-os, aspirava-lhes o perfume e aprendia seus nomes. Impressionava-me ainda mais séria e profundamente com a contemplação das árvores. Via cada uma delas levando sua vida à parte, aperfeiçoando sua forma e coroa especiais, projetando sua sombra peculiar. A mim me pareciam ermitãs e lutadoras, mais estreitamente aparentadas com as montanhas, pois cada uma delas, sobretudo as que se erguiam nos pontos mais altos das montanhas, mantinham sua luta silenciosa e tenaz pela existência e desenvolvimento, contra o vento, o tempo e as rochas. Cada qual tinha que suportar seu próprio peso e se agarrar com força ao solo, resultando daí que cada uma possuía sua forma particular e chagas especiais. Havia pinheiros aos quais as tormentas só permitiam que apresentassem galhos de um só lado, e outros cujos troncos avermelhados se haviam enroscado, quais serpentes, ao redor de rochas, de tal maneira que árvores e rochas se agarravam umas às outras para se sustentarem. A mim elas se assemelhavam a guerreiros e despertavam no meu coração um sentimento de medo e de respeito.

Nossos homens e mulheres, porém, muito se pareciam com elas; eram duros, as feições cortadas por rugas profundas, taciturnos, calados, os melhores falando menos ainda. Foi daí que aprendi a olhar os homens da mesma maneira que olhava as árvores ou rochedos, idealizando-os à minha maneira, sem contudo deixar de respeitá-los ou de amá-los menos que aos pinheirais silenciosos.

Nossa pequena aldeia de Nimikon situa-se numa planície triangular, apertada e inclinada entre duas saliências de montanhas, junto ao lago. Um caminho leva ao convento próximo e um segundo conduz a um lugar vizinho, distante umas quatro horas e meia; as demais aldeias situadas às margens do lago são alcançadas pelas águas.

Nossas casas são construídas no velho estilo de madeira, não tendo uma idade determinada; quase nunca surge uma construção nova, e as velhas casas, de acordo com as necessidades, recebem reformas parciais: este ano é o piso, uma outra vez é uma parte do telhado e talvez a metade de uma viga, ou quem sabe uma ripa que outrora teria pertencido à parede de um quarto é agora empregada como caibro no telhado e, mesmo quando não servem mais para tal fim; sendo, entretanto, boas demais para serem queimadas como lenha, então aguardam sua vez para serem ainda utilizadas num conserto do estábulo ou do palheiro, ou como ripa transversal da porta de entrada. O mesmo acontece com os que ali habitam; cada um representa, enquanto pode, seu papel na vida em comum, entrando depois, vacilante, no círculo dos inaproveitáveis, mergulhando finalmente nas profundezas das trevas, sem que isso chame, por demasiado, a atenção dos outros. Aquele que, depois de uma longa ausência, retorna à aldeia, não encontra nada alterado, a não ser alguns telhados reformados e outros mais recentes que já ficaram velhos; os anciãos de outrora já não mais existem, é bem verdade, mas já surgiram outros velhos, que moram nas mesmas cabanas, usam os mesmos nomes, observam a mesma chusma de crianças de cabelos escuros, quase não diferenciando, no rosto e nos gestos, daqueles que morreram nesse meio tempo.

Na nossa comunidade faltava um fluxo mais freqüente de sangue e de vida novos, vindos de fora. Os habitantes, uma raça assaz robusta e constituída de

membros intimamente aparentados; quase três quartos da população usam o nome de Camenzind. Este enche as páginas do registro da Igreja, encontra-se gravado nas cruzes do cemitério, ostenta-se nas fachadas das casas, pintado a óleo, ou em grosseiro trabalho de entalhe, e pode ser lido no carro dos carroceiros, nos baldes dos estábulos e nos barcos do lago. Também no alto da porta da casa de meu pai está pintado: "Esta casa foi construída por Jost e Francisca Camenzind" — isto, porém, não dizia respeito a meu pai, e sim a seu avô, meu bisavô; e, como eu, provavelmente, morrerei um dia sem deixar descendentes, tenho a certeza de que novamente um Camenzind virá ocupar o velho ninho, se é que até lá este ainda tenha um teto que o cubra.

A despeito daquela uniformidade aparente, havia, entretanto, entre os concidadãos, os bons e os maus, aristocratas e modestos, poderosos e humildes, e, ao lado de alguns inteligentes, uma pequena e divertida coleção de loucos, sem contar os cretinos. Como em todos os lugares, tratava-se de uma pequena cópia do nosso vasto mundo e, já que grandes e pequenos, espertalhões e loucos, eram indissoluvelmente aparentados entre si, havia, muitas vezes e sob o mesmo teto, o encontro de um orgulho severo e de uma leviandade estúpida, a tal ponto que nossa vida conseguia apresentar, quase que com exagero, o profundo e o cômico do aspecto humano. Entretanto, um eterno véu de depressão dissimulada ou mesmo inconsciente cobria tudo isso. O fato de ser dependente das forças da natureza e a preocupação de uma existência cheia de trabalho, haviam dado, com o correr do tempo, à nossa raça, que aliás envelhecia, uma tendência para a melancolia que, a bem da verdade, não destoava de maneira desagradável nos semblantes severos e rudes, não produzindo, porém, frutos, pelo menos não de maneira satisfatória. Por isso mesmo, nós nos alegrávamos com os poucos loucos que eram aliás bastante quietos e sérios, contribuindo, a seu modo, com um pouco de colorido e de oportunidade para se rir e mesmo caçoar. Quando algum deles se fazia notar através de uma nova tolice, era como um lampejo de simpatia nos rostos enrugados e morenos dos filhos de Nimikon, aliando-se ao próprio prazer da brincadeira, como condimento ao prazer farisaico que cada qual tinha de sua própria superioridade, o prazer que se sentia de estar ao abrigo de tais erros ou de maus passos.

Dentre os muitos que se situavam entre os justos e os pecadores — e eram muitos — e que, prazerosamente, teriam usufruído das vantagens de uns e outros, encontrava-se meu pai. Nenhum acontecimento maluco se realizava que não o tornasse repleto de uma inquietude bem-aventurada; ele oscilava então, comicamente, entre a admiração contagiante causada pelo autor da façanha e a consciência beata da sua própria inocência na não-participação no caso.

Entre os próprios loucos encontrava-se meu tio Conrado, que nem por isso perdia, em inteligência, para meu pai e outros heróis. Bem ao contrário, tratava-se de um espertalhão, sempre agitado por um irrequieto espírito inventivo, e que muitos poderiam, calmamente, invejar. Porém, na verdade, nada lhe saía bem.

Possuía a vantagem de, ao invés de se desencorajar e de ficar macambúzio com os reveses sofridos, recomeçar tudo de novo, tomado de um sentimento vivificante do tragicômico de seus empreendimentos, sendo contudo considerado

possuidor de uma originalidade ridícula e apontado como um dos palhaços gratuitos da comunidade.

O sentimento que meu pai lhe dispensava oscilava entre a admiração e o desprezo. Cada novo projeto de seu cunhado causava-lhe uma enorme curiosidade e excitação, que ele se esforçava, inutilmente, por esconder, usando de subterfúgios, como perguntas e alusões insidiosas e irônicas. No momento em que meu tio se sentia em segurança quanto ao sucesso de uma invenção, meu pai bancava o esperto, deixando-se arrastar e associando-se, fraternalmente, ao gênio, de maneira especulativa, até que o fracasso total sobrevinha, fazendo o tio encolher os ombros num gesto de desinteresse, ao passo que meu pai, dominado pela raiva, o acusava, cumulando-o de desprezo e ofensas, não lhe dirigindo um olhar ou uma palavra sequer, durante meses a fio.

Foi graças ao meu tio Conrado que nossa aldeia viu pela primeira vez um barco a vela, cabendo ao barco do meu pai a honra de tal demonstração. A vela e a cordoalha foram tecidas pelo tio, à risca, de acordo com as especificações de um almanaque, e não podemos culpar o tio Conrado por ser nosso barquinho muito estreito para um barco a vela. Os preparativos levaram semanas e meu pai, devido à espera, à esperança e ao medo, mais parecia feito de mercúrio; toda a aldeia não comentava outra coisa, a não ser o novo projeto de Conrado Camenzind. Aquele foi um dia memorável para nós, quando, numa manhã de muito vento, lá pelos fins do verão, o barco deveria ir para o lago, pela primeira vez. Meu pai, esse então, tomado de um vago pressentimento de uma possível catástrofe, mantinha-se à distância e, para minha imensa decepção, proibiu-me de tomar parte na grande aventura. Coube apenas ao filho do padeiro, o Füssli, a descabida honra de acompanhar o artista da vela. Entretanto, toda a aldeia se encontrava na nossa pequena praia, ocupando o jardinzinho e assistindo àquele espetáculo inédito. Um vento benfazejo vindo do este soprava na direção do lago. A princípio foi necessário que o padeirinho remasse, até o momento em que o bote alcançou a brisa, inflando a vela e iniciando, orgulhoso, a sua jornada.

Encantados, vimos como ele desaparecia por trás do promontório vizinho, e nos preparamos para saudar a volta do meu esperto tio, como herói da façanha, e reconhecer com vergonha a não-procedência dos nossos pressentimentos desprezíveis. Quando porém, à noite, o barco voltou, não tinha mais a sua vela e os tripulantes estavam mais mortos que vivos e o filho do padeiro tossia, afirmando: "Vocês perderam o melhor da festa — por pouco não haveria, no próximo domingo, a comemoração de dois velórios". Meu pai precisou fazer bancos novos para o barco e dessa data em diante nunca mais foi visto outro barco a vela refletindo-se na superfície azul do lago. Sempre que Conrado tinha pressa de fazer alguma coisa ou de dirigir-se a algum lugar, gritavam-lhe: "Você precisa fazer-se à vela, Conrado!" Meu pai ruminava a raiva e, durante muito tempo, sempre que encontrava o pobre cunhado desviava o olhar e cuspia à distância, como prova do seu enorme desprezo. Isto durou até que um dia Conrado se apresentou com um novo projeto, o de um forno de assar, que levou seu descobridor a ser o alvo de interminável caçoada e que contou com a cooperação de 4 táleres da parte de meu pai. Pobre daquele que ousasse mencionar ou recordar ao meu pai a estória dos 4 táleres! Muito tempo depois,

quando as coisas em casa, mais uma vez, não iam lá muito bem, minha mãe mencionou, ocasionalmente, que seria bem bom se pudesse contar com aquele dinheiro tão mal empregado. O pai enrubesceu violentamente mas conseguiu dominar-se e disse entre dentes: "Quem me dera, a mim, que o tivesse bebido inteirinho num único domingo".

No fim de cada inverno chega o *foehn* com seu bramido surdo, que o habitante dos Alpes ouve tremendo de horror mas que longe de sua terra ele deseja, com uma saudade que o consome.

Quando o *foehn* está próximo, homens e mulheres, montanhas, animais selvagens e domésticos sentem-no horas antes. Sua chegada, que quase sempre é antecipada por ventos frescos e contrários, é anunciada por um murmúrio quente e profundo. O lago, de um azul esverdeado, em questão de segundos fica negro como tinta e levanta, de repente, alvas cristas de espuma. Em seguida começa a bramir, ele, que ainda há pouco jazia em silêncio e em paz, quebrando-se na praia, como um mar em fúria. Ao mesmo tempo, toda a paisagem se aconchega, temerosa. E sobre os picos, que até então cismavam à distância, pode-se contar agora as rochas, e nas aldeias que antes surgiam ao longe como manchas escuras, pode-se agora distinguir os telhados, cumeeiras e janelas, amontoados como um rebanho apavorado.

Tem início o bramir furioso, o tremer do solo. Chicoteadas pelo vento, as ondas do lago elevam-se e são impelidas como fumaça para as alturas, e, principalmente durante a noite, sem cessar, ouve-se a luta desesperadora das tormentas contra as montanhas. Pouco depois chegam à aldeia notícias de botes destroçados e de pais e irmãos que desapareceram, de casas desmoronadas.

Na minha infância eu temia o *foehn* e chegava até mesmo a odiá-lo. Com o despertar dos instintos de selvageria na adolescência, comecei a amá-lo, o rebelde, o eterno jovem, o batalhador atrevido, o mensageiro da primavera. Ele se mostrava estupendo quando, cheio de vida, de exuberância e de esperança se atirava à luta, selvagem, impetuoso, rindo e gemendo, e quando prosseguia uivando através das gargantas, devorando a neve das montanhas, curvando com suas mãos ásperas os velhos pinheiros, resistentes, arrancando-lhes suspiros profundos. Mais tarde aprofundei-me nesse amor e acolhia no *foehn* o doce, belo e opulento Sul, do qual transbordavam sem cessar as fontes do prazer, calor e beleza que vão se quebrar nas montanhas e que finalmente, exaustas, se entregam às planícies geladas do Norte. Não existe nada mais estranho e precioso que a doce febre do *foehn* que acomete os homens da montanha e principalmente as mulheres, roubando-lhes o sono, excitando-lhes os sentidos, sob a magia das carícias. Trata-se do Meridional que se atira, sempre tempestuoso e ardente no regaço do Norte, mais pobre e frágil, anunciando às aldeias alpinas, cobertas de neve, que agora já começam a florir, novamente, junto aos lagos purpúreos, prímulas, narcisos e os galhos da amendoeira.

Em seguida, quando o *foehn* esgotou seu fôlego e as últimas avalanches sujas já se diluíram, então é que vem o mais belo; de todos os lados das encostas dos montes, os prados amarelados cobrem-se de flores; puros e gloriosos, os picos de neve e as geleiras emergem nas suas alturas celestiais, e o lago se torna azul e quente, refletindo nas suas águas o sol e o curso das nuvens.

Tudo isso pode satisfazer uma infância e, se necessário, uma vida. Porque tudo isso fala alto e sem interrupções a linguagem de Deus, como jamais foi dito por lábios humanos. Quem assim a percebeu na sua infância, assim a sentirá soando — doce, vigorosa e terrível — através da sua vida, sem poder fugir ao seu fascínio. Aqueles que foram criados nas montanhas podem, durante anos a fio, estudar filosofia, história natural, e se darem bem com o bom Deus, — mas quando sentem novamente o soprar do *foehn* ou ouvem uma avalanche irrompendo pelo bosque, então seu coração põe-se a tremer dentro do peito e eles pensam em Deus e na morte.

Em volta da humilde casa de meu pai havia um minúsculo jardinzinho, protegido por uma cerca. Lá crescia uma alface amarga, nabos e repolhos; além disso minha mãe havia ajeitado uma pobre e estreita jardineira, comovedora na sua simplicidade, onde estiolavam, cheias de esperança, porém miseravelmente, duas roseiras de Bengala, um pé de dália e um punhado de resedá. Partindo do jardim, um caminhozinho insignificante e coberto de saibro levava ao lago. Lá se encontravam dois tonéis estragados, algumas tábuas e estacas; mais lá em baixo, dentro d'água, encontrava-se, amarrado, nosso barco, que era remendado e alcatroado, mais ou menos a cada dois anos. Os dias em que isso acontecia ficaram gravados na minha memória. Era nas tardes quentes do início do verão; no jardinzinho esvoaçavam ao sol as borboletas de um amarelo-enxofre; o lago liso, azul e silencioso, reluzia muito calmo; tênue vapor envolvia os picos das montanhas e no lugarzinho coberto de cascalho sentia-se o odor forte de pez e de tinta a óleo; durante todo o verão nosso barco conservaria o cheiro de pez. Sempre que eu, mais tarde, anos depois, em qualquer parte junto ao mar, sentia no ar aquele cheiro peculiar da água misturada com o pez, tinha diante dos olhos, imediatamente, nosso lugarzinho junto ao lago e eu via, novamente, meu pai em mangas de camisa, trabalhando com o pincel; via as nuvenzinhas azuladas saindo do seu cachimbo, elevando-se naquele ar calmo de verão e as borboletas, amarelas como relâmpagos, cruzar o espaço no seu vôo tímido e incerto. Em tais dias meu pai apresentava um desusado bom humor, executava um trinado, no que aliás era exímio e chegava mesmo a emitir um breve *fohen,* à meia voz. Minha mãe, por sua vez, caprichava no jantar, e agora é que comecei a perceber que ela o fazia, na esperança de que o Camenzind não fosse à taberna naquela noite. Não obstante tudo isso, ele ia.

Eu não saberia dizer se meus pais favoreceram ou prejudicaram o desenvolvimento da minha jovem alma. Minha mãe tinha sempre muito que fazer, e acredito que nada nesse mundo preocuparia menos meu pai que as questões de educação. Dedicava-se cuidando, bem ou mal, das suas poucas árvores frutíferas, para que estas sobrevivessem, e cultivava seu pequeno campo de batatas, providenciando para que não faltasse o feno.

A cada duas semanas, porém, à noitinha e antes dele sair, meu pai me pegava pela mão, em silêncio, e sumia comigo em direção ao celeiro, que ficava em cima do estábulo. Lá passava-se então um estranho ritual de punição e de expiação. Eu recebia uma série de bordoadas sem que meu pai ou mesmo eu soubéssemos por quê.

Eram sacrifícios mudos no altar de Nêmesis, e se consumiam sem imprecações da parte de meu pai, sem lamentações ou gritos da minha parte, tributo a poderes misteriosos. Sempre que eu, anos mais tarde, ouvia falar do destino "cego", essas cenas misteriosas vinham ao meu pensamento, como representação absolutamente plástica daqueles conceitos. Sem que o soubesse, meu bom pai seguia a pedagogia simplista que a própria vida se incumbe de aplicar em nós mesmos, enviando-nos uma vez ou outra uma tempestade saída de um céu sereno, deixando-nos o cuidado de podermos meditar a respeito de quais os delitos por nós praticados e que nos levam a provocar a ira dos poderes superiores. Infelizmente pouco ou raramente eu era acometido de tais crises de reflexões, e aceitava essas punições recomendáveis, não como um exame de consciência, o que aliás teria sido desejado, mas com todo sangue frio e arrogância.

Nessas noites eu me sentia satisfeito por ter pago meu tributo e ter diante de mim algumas semanas de descanso. Com muito mais autonomia conseguia resistir às tentativas de meu pai de me pôr a trabalhar. A natureza incompreensível e pródiga havia reunido em mim dois dons contraditórios: uma força física excepcional e uma não menos forte aversão ao trabalho. Meu pai se esforçava por fazer de mim um filho útil e um companheiro de trabalho; eu, porém, sempre encontrava um jeito de fugir dos devores que me eram impostos e, ainda no ginásio e em se tratando de heróis da antigüidade, toda minha simpatia era voltada para a figura de Hércules, forçado a executar aqueles famosos e maçantes trabalhos. Na época eu não conhecia nada melhor que flanar sobre rochedos e campos ou à beira do lago.

Montanhas, lago, tempestades e o sol eram meu amigos; falavam-me coisas, concorrendo para minha educação; durante muito tempo eu os amei e os conheci mais que às criaturas humanas e seus destinos. Porém as minhas preferidas, o que eu colocava acima do lago brilhante, do triste *foehn e* das montanhas banhadas de sol, eram as nuvens.

Mostrem-me neste vasto mundo alguém que conheça melhor as nuvens ou que as ame mais do que eu! Ou então, mostrem-me algo no mundo que seja mais belo que as nuvens! Elas são brinquedos e consolo para os olhos; são bênçãos e dádiva de Deus; são cólera e o próprio poder da destruição. São delicadas, macias e pacíficas como as almas de recém-nascidos; são formosas, ricas e generosas como anjos bons; são escuras, inevitáveis e impiedosas como os mensageiros da morte.

Pairam, prateadas, em camadas tênues, velejam sorrindo, brancas com bordas douradas e repousam em tons de amarelo, vermelho e azul. Rastejam sinistras e lentas como assassinos; galopam impetuosas e de cabeça para baixo como cavaleiros apressados; ficam suspensas, tristes e sonhadoras em pálidas alturas, como ermitãos melancólicos. Possuem a forma de ilhas bem-aventuradas e formas de anjos que abençoam; assemelham-se a mãos ameaçadoras, velas esvoaçantes e grous em romaria. Planam entre o firmamento de Deus e a pobre terra, como belos símbolos de todas as aspirações humanas e a ambas pertencendo — sonhos da terra que aconchegam sua alma maculada à pureza dos céus. São o eterno símbolo dos caminhantes, de toda procura, aspirações e

nostalgia. E, assim como se encontram suspensas entre céu e terra, incertas, saudosas e obstinadas, assim também pendem, incertas, saudosas, obstinadas as almas dos homens, entre o tempo e a eternidade.

Oh! as nuvens, as belas, esvoaçantes e incansáveis nuvens! Eu era uma criança inocente e já as amava, contemplando-as sem saber que também eu iria atravessar a vida como uma nuvem — caminhando como um estranho em todos os lugares, pairando entre o tempo e a eternidade. Desde meus mais tenros anos, elas sempre foram minhas amigas e irmãs muito queridas. Não saberia atravessar uma rua sem que nos deparássemos, nos encarássemos, face a face, saudando-nos, e sustentando o olhar durante alguns segundos. Não me esqueci, outrossim, daquilo que aprendi com elas: suas formas, suas cores, seus traços, sua trajetória, seus jogos, giros, danças e pousadas, e suas estranhas estórias terrestre-celestiais.

Entre outras, a estória da Princesa das Neves. Passa-se na montanha do meio, à chegada do inverno, quando sopra um vento baixo e quente. A Princesa das Neves surge acompanhada de um pequeno séqüito e descendo de alturas sem fim, procurando, na imensidão dos vales das montanhas ou nos extensos cimos, um lugar onde repousar. Invejoso, o desleal vento norte observa como, despreocupada, a princesa procura se acomodar; dissimuladamente lambe a montanha com avidez para por fim cair sobre ela, uivando, furioso. Atira farrapos de nuvens negras na bela princesa, escarnecendo-se dela, espezinhando-a, querendo expulsá-la. Durante algum tempo a princesa se inquieta, espera, aguarda com paciência; por vezes, balançando a cabeça, mansa e irônica, sobe às suas alturas. Mas muitas vezes ela reúne em torno de si as amigas apavoradas, descobre o rosto resplandecente e nobre e, com gestos frios, expulsa o brincalhão, que foge, tremendo e berrando. E em silêncio ela volta ao seu repouso, envolvendo seu leito e uma grande extensão em volta, com uma névoa pálida, e quando esta se dissipa, então os vales e os cimos se apresentam claros e brilhantes, cobertos de uma neve recente, pura e macia.

Esta estória encerrava algo de nobre, algo sobre a alma e o triunfo da beleza que me encantava, comovendo meu pequeno coração, como se se tratasse de um segredo feliz.

Em breve chegou o tempo em que pude me aproximar das nuvens, entrar no meio delas e contemplar do alto algumas delas. Tinha dez anos quando escalei pela primeira vez uma montanha, o Sennalpstock, ao pé do qual situava-se nossa pequena aldeia de Nimikon. Foi então que pela primeira vez conheci os horrores e as belezas das montanhas. Barrancos profundos e escarpados cheios de gelo e neve derretida, geleiras de um verde vítreo, com rochas apavorantes acumuladas ao seu redor e, bem lá no alto, redonda como um sino, a abóbada celeste. Quando já se viveu durante dez anos preso entre a montanha e o lago, e estreitamente rodeado de todos os lados de alturas bem próximas, então jamais se esquecerá do dia em que, pela primeira vez, viu-se estender sobre sua cabeça um imenso e vasto céu e, na sua frente, um horizonte sem limites. Já durante a escalada eu me senti surpreendido com a imensidão dos rochedos e penhascos que eu conhecia tão bem lá em baixo. E então, tomado pelo fascínio daqueles momentos, vi, com medo e imensa alegria, como o espaço incomensurável se precipitava sobre mim. O mundo era mesmo fabulosamente grande! Toda nossa aldeia jazia perdida lá

em baixo e era apenas um pequeno ponto luminoso. Os picos, que lá do vale pareciam tão próximos uns dos outros, distanciavam-se entre si de algumas horas.

Comecei então a suspeitar que tinha tido apenas um pobre esboço e não uma verdadeira visão do mundo, e que, lá fora, montanhas poderiam continuar de pé ou esboroar e outras coisas acontecerem, sem que a menor notícia jamais alcançasse nosso buraco encravado entre as montanhas. Mas, ao mesmo tempo, algo vibrava dentro de mim como a agulha de uma bússola que, com uma poderosa força desconhecida, me impulsionava em direção daquelas vastas distâncias. Foi então que compreendi também a beleza e a melancolia daquelas nuvens, quando vi as imensidões sem fim que elas percorriam.

Os dois companheiros adultos que me acompanhavam exaltaram minha feliz escalada da montanha, descansaram um pouco no cimo gelado e riram-se da minha alegria desmedida. Quanto a mim, assim que terminei com aquela primeira e imensa surpresa, comecei a berrar como um touro, ao ar límpido, possuído de prazer e emoção.

Este foi o meu primeiro e inarticulado canto à beleza. Esperava com isso a resposta de um eco ameaçador, mas meus gritos se perderam nas alturas tranqüilas, despercebidos, como um fraco piar de ave. Senti-me então muito envergonhado e calei-me.

Esse dia quebrou um pouco de gelo na minha vida. Daí em diante os acontecimentos se sucediam, um após o outro. Primeiro, habituaram-se a me levar com mais freqüência em escaladas, mesmo nas mais difíceis, e eu me engolfava com estranha e atormentada volúpia nos grandes segredos das alturas. Logo depois fui nomeado pastor de cabras. Numa das encostas, onde costumava levar os animais, havia um cantinho protegido dos ventos, coberto de gencianas de um azul de cobalto e saxífragas de vermelho brilhante. Este era meu lugar preferido em todo mundo. De lá não se avistava a aldeia e o próprio lago se apresentava como uma estreita faixa brilhante sobre os rochedos. Em compensação, as flores esbraseavam em frescas cores risonhas, o firmamento azul estendia-se como uma tenda sobre os agudos picos cobertos de neve. E, junto ao delicado tilintar dos sinos das cabras, o barulho da cascata ali próxima soava, ininterruptamente.

Deixei-me ficar deitado, contemplando as nuvenzinhas brancas, seguindo seu percurso e cantando, à meia voz, no estilo tirolês, até que as cabras, percebendo minha preguiça, começaram a tentar toda sorte de diabruras e brincadeiras proibidas. Já nas primeiras semanas, um feio acontecimento empanara aquele deslumbramento, quando caí, juntamente com uma de minhas cabras, que se havia extraviado, na fenda de uma rocha. A cabra morrera e meu crânio doía-me bastante e, além de tudo isso, levei uma surra tremenda; fugi do meu pai e fui trazido de volta, debaixo de juramentos e grandes lamentações.

Estas aventuras poderiam ter sido, facilmente, as primeiras e as últimas da minha vida. Então este livrinho nem teria sido escrito e muitas outras idiotices e trabalhos teriam sido evitados. Muito provavelmente teria me casado com alguma prima, ou teria morrido gelado nalgum lugar, dentro das águas de uma geleira. Também não teria sido de todo mau. Porém tudo aconteceu de maneira

bem diferente e não cabe a mim comparar o que aconteceu com aquilo que poderia ter acontecido.

Meu pai fazia uns servicinhos lá no Mosteiro de Welsdorf. Um dia, estando doente, ordenou-me que fosse justificar sua falta. Mas não foi isso que fiz; pelo contrário, pedi emprestado ao vizinho papel e caneta e escrevi uma carta muito afável aos Irmãos do Convento, entregando-a à mulher do mensageiro e fui, por minha conta e risco, perambular nas montanhas.

Na semana seguinte ao chegar em casa, ali me deparei com um padre, que estava à espera de quem havia redigido aquela bela carta. Fiquei um tanto apavorado, mas ele me elogiou e procurou convencer meu pai que eu deveria estudar sob sua orientação. Tio Conrado, que no momento gozava, novamente, da nossa amizade, foi também consultado. Naturalmente ele ficou entusiasmado, que eu deveria era mesmo aprender e estudar mais tarde, para me tomar um sábio e um verdadeiro senhor. Meu pai se deixou levar, convencido da realidade dos fatos e, dessa maneira, meu futuro passou a fazer parte dos perigosos projetos do meu tio, como o forno que tinha garantia contra incêndio, o barco a vela e mil outras fantasias do gênero.

Vi-me envolvido, de repente, num estudo intensivo, visando em primeiro lugar o Latim, a História Sagrada, Botânica e Geografia.

Tudo isso eu considerava como um divertimento, sem imaginar que todos aqueles assuntos poderiam talvez me custar minha própria pátria e alguns belos anos da minha vida. Não devemos culpar apenas o estudo do latim. Meu pai teria me transformado num camponês, mesmo que eu soubesse de cor o *tdri ilustres,* de trás para diante e vice-versa. Mas, como era inteligente, enxergou dentro da minha natureza e viu que a minha preguiça invencível constituía o ponto fraco e minha virtude primordial. Eu costumava fugir, sempre que encontrava um meio, a toda espécie de trabalho, caminhando em direção às montanhas e ao lago; ficava escondido, deitado de lado, numa encosta, lendo, sonhando e preguiçando. Sabendo de tudo isso é que meu pai resolveu abrir mão de mim.

E eis chegada a oportunidade de falar alguma coisa a respeito de meus pais. Minha mãe fora bela, porém daquela beleza restara apenas seu corpo robusto e ereto e os agradáveis olhos escuros. Ela era alta, muito forte, trabalhadeira e silenciosa. Se bem que fosse tão inteligente quanto o meu pai, superando-o, entretanto, na força física, ela não mandava em casa, deixando o comando da casa a seu marido. Quanto ao meu pai, era um homem de estatura mediana, seus membros eram delicados, quase finos; sua cabeça, teimosa e astuta com um rosto claro e luminoso onde se movimentavam pequenas e numerosas rugas. Sua testa era cortada por uma ruga perpendicular, que se assombreava quando franzia as sobrancelhas dando-lhe um ar de aflição e sofrimento; parecia então que ele se prendia a um pensamento muito importante, sem ter a esperança de alcançar o mesmo. Vendo-o assim, tinha-se a impressão de estar ele dominado por uma certa melancolia, porém ninguém prestava atenção nessas coisas, pois os habitantes das nossas regiões encontram-se quase todos contaminados por uma constante e ligeira tristeza de ânimo, cuja causa pode ser encontrada nos longos invernos, nos perigos, na penosa luta pelo dia-a-dia e no isolamento do mundo.

Devo a meus pais traços importantes do meu caráter. Da minha mãe, uma modesta sabedoria prática, uma certa confiança em Deus e uma índole calma e pouco comunicativa. Já do meu pai, um pavor de tomar decisões firmes, a incapacidade de lidar com dinheiro e a arte de beber muito e premeditadamente. Este último dom não se fazia ainda notar nos meus tenros anos de vida. Fisicamente possuo os olhos e a boca de meu pai; de minha mãe tenho a estatura e o andar pesado e resistente e uma infatigável força muscular. Do meu pai, como de nossa própria raça, recebi, ao vir ao mundo, uma inteligência ladina do camponês, como também um temperamento sombrio e a tendência a uma melancolia infundada. Já que editava destinado a viver longe do lar, em companhia de gente estranha, teria sido bem melhor se eu levasse comigo um pouco de desembaraço e talvez mesmo um pouco de uma certa alegria mesclada de leviandade.

Assim munido e provido além do mais de um terno novo, empreendi o caminho da vida. Os dons recebidos de meus pais tinham que provar sua eficiência, porque daqui por diante eu tinha que me manter sobre minhas próprias pernas. Entretanto, alguma coisa deve ter feito falta, que nem a ciência nem a vida no mundo jamais foram capazes de dar. Pois hoje, como outrora, sou capaz de escalar uma montanha, de andar ou remar durante dez horas a fio e, se necessário, de matar um homem com minhas próprias mãos, mas, no que diz respeito à arte de viver, falta-me o que me faltava antes.

O hábito que tivera de privar desde cedo com a terra e suas plantas e animais, não permitiu que qualidades sociais se desenvolvessem dentro de mim, e ainda hoje meus sonhos provam de maneira bem; estranha uma tendência lastimável para a vida completamente animal.

Acontece que eu sonho muitas vezes que estou deitado à beira-mar, na figura de um animal, quase sempre como uma foca, sentindo um bem-estar tão grande, que, ao acordar, e tomar consciência da minha dignidade como homem, não o faço com orgulho ou alegria mas, meramente, com tristeza.

Fui educado, segundo o costume, num ginásio graças a uma bolsa de estudos e de manutenção, destinado a ser um filólogo.

Ninguém sabe por quê. Não existe matéria mais inútil e enfadonha e que esteja mais longe dos meus anseios.

Os anos escolares passaram rapidamente. Nos intervalos entre discussões e estudos, vivi momentos de saudade, horas repletas de sonhos para o futuro, horas de verdadeira devoção pela ciência. Por vezes minha preguiça congênita se fazia presente, trazendo-me toda sorte de aborrecimentos e punições, dando depois lugar a um novo entusiasmo.

"Peter Camenzind", dizia meu professor de grego, "és um cabeça dura e um novidadeiro, e qualquer dia destes terás tua teimosa cabeça rachada." Eu encarava o gordo portador de óculos, ouvia sua arenga e achava-o divertido.

"Peter Camenzind", dizia o professor de matemática, "és um verdadeiro gênio da preguiça, e lastimo apenas que não haja uma nota menor que zero. Considero tua lição de hoje como valendo menos de dois e meio." Eu o encarava, lastimava-o porque estava ralhando, e achava-o enfadonho.

"Peter Camenzind", disse uma vez o professor de História, " tu não és aluno aplicado e, não obstante, um dia serás um bom historiador. És preguiçoso mas sabes distinguir entre o que é grande e o que é pequeno."

Nem isso me era excepcionalmente importante. Entretanto eu tinha respeito pelos professores porque julgava que eles possuíssem a ciência, e ante a ciência eu sentia uma profunda e obscura veneração. E, embora todos os meus mestres fossem de opinião unânime quanto à minha preguiça, fui continuando e alcancei uma classificação acima da média da classe. Não havia dúvidas que a escola e as matérias escolares não passavam de peças insuficientes, isso eu logo notei; porém aguardava o futuro. Por detrás desses preparativos e manhas escolares, eu suspeitava o Espírito na sua pureza e uma ciência segura, insofismável do Verdadeiro. Lá eu iria descobrir o significado da obscura confusão da História, das lutas dos povos e das suas indagações angustiosas, nas almas de cada criatura humana.

Ainda mais forte e mais viva ansiava dentro de mim uma outra aspiração: a de ter um amigo.

Havia na escola um garoto sério, de cabelos castanhos, dois anos mais velho que eu e cujo nome era Kaspar Hauri. Ele possuía uma maneira segura e calma, tanto de andar como de ficar parado, ostentava a cabeça com um ar firme e sério como um homem, e pouco falava com seus colegas. Durante alguns meses fiquei a olhá-lo com a maior veneração, seguia-o na rua, na esperança crescente de que ele tomasse conhecimento da minha pessoa. Sentia ciúmes de todos os burgueses que ele cumprimentava e de todas as casas onde eu o via entrar ou sair. Porém eu estava mais atrasado do que ele dois anos e era bem possível que ele se sentisse superior a seus próprios colegas. Jamais foi trocada uma só palavra entre nós dois. Em seu lugar, um menino doentio e pequeno veio associar-se a mim, sem que eu interviesse. Era mais moço do que eu, tímido e pouco inteligente, porém seus olhos e traços fisionômicos eram belos e tristes.

Por ser meio fraquinho e um tanto disforme, era alvo de muitas chacotas na sua classe e procurava em mim, que era forte e gozava de prestígio, um possível protetor. Logo depois ficou tão doente, a ponto de não poder freqüentar as aulas. Não senti sua falta e esqueci-o em seguida.

Havia na nossa classe um menino loiro, endiabrado, prestidigitador, músico, mímico e metido a palhaço. Não foi sem esforço que conquistei sua amizade, e o despreocupado garoto que contava a minha idade se dava ares de superioridade em relação a mim. Pelo menos eu já contava com um amigo. Ia visitá-lo no seu quarto, líamos juntos alguns livros, fazia-lhe suas lições de grego e em troca disso ele me ajudava com as contas. Íamos também passear juntos algumas vezes, e quem nos visse julgaria estar na presença da Bela e a Fera. Era ele quem falava, o sujeito alegre, contador de anedotas, jamais se sentindo embaraçado; e eu só ouvia, achava graça, ria e estava contente de ter por amigo um rapaz tão divertido.

Uma tarde, porém, cheguei de supetão e tive a oportunidade de ver, num dos corredores da escola, como o pequeno charlatão fazia uma de suas exibições cômicas favoritas. Acabara de imitar um professor e exclamava: "Adivinhe quem é este!"; e começou a ler em voz alta alguns poemas de Homero, imitando, com

perfeição, minha atitude acanhada, meu modo de ler, medroso, minha pronúncia rude de filho das terras altas, também meus maneirismos e gestos de quando estou atento, o piscar e fechar do olho esquerdo. Era sem dúvida muito cômico e apresentado de maneira a mais espirituosa e desprovida de todo e qualquer sentimento de afeição que se possa imaginar.

Quando ele fechou o livro e recebeu os merecidos aplausos, aproximei-me por trás dele e executei a minha vingança. Não encontrei palavras, mas soube me expressar, numa única e tremenda bofetada, todo meu desapontamento, vergonha e ódio. Logo em seguida teve início a aula e a atenção do professor foi voltada para o choramingar e a bochecha inchada e avermelhada do meu ex-amigo que além de tudo era seu aluno favorito.

"Quem foi que o deixou neste estado?"

"O Camenzind."

"Camenzind, apresente-se! Tudo isso é verdade?"

"Sem dúvida."

"Porque bateu nele?"

Silêncio.

"Tinha alguma razão para fazer o que fez?"

"Não."

Então eu fui severamente punido, gozando, estoicamente, as delícias do mártir inocente. Mas, como não era nem um estóico nem um santo e sim um simples menino de escola, após sofrer o castigo, mostrei a língua ao meu inimigo, esticando-a a mais não poder.

Horrorizado, o professor avançou para mim.

"Você não tem vergonha? Que significa isso?"

"Isto significa que aquele ali é um tipo ordinário e que eu o desprezo. Além disso ele não passa de um covarde."

Foi assim que teve seu fim a minha amizade com aquele palhaço. Ele não teve um substituto e precisei passar toda aquela fase de adolescente sem um amigo. Embora minha concepção da vida tivesse, desde então, se modificado por mais de uma vez, sempre que me recordo daquela bofetada, é com imensa satisfação que o faço.

Espero que o loiro também não tenha se esquecido dela. Com a idade de dezessete anos eu me apaixonei pela filha de um advogado. Ela era bonita e eu carrego comigo o orgulho de, durante toda a minha vida, só me ter apaixonado por belas mulheres.

Tudo aquilo que sofri por ela e por outras contarei mais tarde. Ela se chamava Rösi Girtanner e até hoje ela é digna de ser amada por outros homens que não seja eu.

Naqueles dias, todo aquele vigor juvenil, inaproveitado, vibrava em todos os meus membros. Juntamente com meus companheiros, envolvia-me em lutas sem motivos, sentindo-me feliz por ser o melhor lutador, o melhor jogador de bola, o melhor corredor e o melhor remador, o que, entretanto, não afastava de mim aquela constante melancolia. Isso porém nada tinha a ver com minhas estórias de amor. Tratava-se simplesmente da doce melancolia que antecede a primavera e que tomava conta de meu ser, mais do que os outros, de maneira

violenta. Sentia então prazer nos pensamentos sombrios, na idéia da morte e noutras também pessimistas. Naturalmente havia um companheiro que me emprestara o "Livro do Amor", de Heine, numa edição barata. Aqui não se tratava mais de uma leitura — eu transbordara todo meu coração naqueles versos vazios, sofria junto, poetizava junto, mergulhando numa exaltação lírica que, eu suponho, combinava tanto comigo, como uma camiseta num porquinho novo. Até então eu nada sabia a respeito da "bela literatura". Em seguida vieram Lenau, Schiller, depois Goethe, Shakespeare e, de repente, eis que a literatura, esse fantasma pálido, se tornou para mim uma grande divindade.

Com um doce arrepio eu sentia como se evolasse desses livros, em minha direção, um ar aromático e fresco de vida que jamais existira, mas que era contudo real e queria agora penetrar em mim e viver os seus destinos no meu coração conturbado. No meu cantinho de leitura, lá em cima no meu quarto no sótão, onde somente penetrava o bater das horas do campanário vizinho e o seco estalar dos bicos das cegonhas que ali faziam seus ninhos, os personagens de Goethe e de Shakespeare ali entravam e saíam à vontade. Tomei conhecimento do que havia de divino e de ridículo em todas as naturezas humanas: o enigma de nossos corações despedaçados e indomáveis; a essência profunda da história universal e o poderoso milagre do espírito que transfigura nossos parcos dias e que, através da força do conhecimento eleva nossa existência insignificante, para o círculo do necessário e do eterno. Quando eu enfiava a cabeça na estreita abertura da minha janelinha, via o sol brilhando sobre os telhados e as vielas apertadas, ouvia surpreso os pequenos ruídos do trabalho e do cotidiano subindo até mim, confusos, e sentia o que havia de solidão e de misterioso naquele meu canto de telhado habitado por grandes espíritos, como se eu estivesse rodeado de um belo e estranho conto de fadas. E aos poucos, à medida que eu lia, à medida que mais encantadora e estranhamente me comoviam a visão sobre os telhados, ruas e o rotineiro, mais crescia dentro de mim o sentimento tímido e angustiante de que eu fosse talvez um visionário e de que aquele mundo que se estendia diante de mim estivesse à minha espera, para que eu colhesse uma parte de seus tesouros, libertando-o do véu do acidental e do vulgar, arrancando-o da destruição e eternizando o que fora descoberto, através do poder da poesia.

Um tanto envergonhado comecei a fazer algumas poesias e aos poucos fui enchendo alguns cadernos com versos, rascunhos e pequenos contos. Desapareceram e provavelmente não tinham grande valor, no entanto provocaram em mim algumas palpitações do coração e alegrias íntimas. Foi aos poucos que a tais ensaios literários se seguiram a crítica e um exame pessoal, e somente no último ano da escola foi que surgiu a primeira grande e necessária decepção.

Eu já havia começado a selecionar meus primeiros poemas como estreante e estava em vias de olhar aqueles meus rabiscos com desconfiança, quando por um acaso caíram-me às mãos alguns volumes de Gottfried Keller, que eu comecei a ler uma, duas, três vezes em seguida. Foi aí então que, numa súbita revelação, tomei consciência de como minhas divagações imaturas estavam longe da verdadeira, autêntica e dura arte. Queimei meus poemas e novelas e fiquei

olhando para o mundo, desencantado e triste, com um terrível sentimento de desalento.

2

E quanto ao amor, eu me conservei a vida inteira um menino.

Para mim, o amor às mulheres foi sempre uma adoração purificadora, que teve origem nas minhas aflições: mãos em oração que se estendem para o azul dos céus. Tanto por ter herdado de minha mãe, como também graças aos meus próprios sentimentos imprecisos, eu venerava todas as mulheres como criaturas estranhas, belas e misteriosas que se nos impõem através da beleza e uniformidade inatas da sua natureza e que devemos venerar porque elas, como as estrelas e os picos azuis das montanhas mais distantes de nós, parecem estar mais próximas de Deus. E, já que a própria rudeza da vida contribui com sua carga de disparates, o amor às mulheres trouxe-me momentos amargos e doces; embora as mulheres se conservassem nos seus altos pedestais, eu, entretanto, no meu papel solene de sacerdote em oração, vi-me transformado facilmente num pobre idiota sofredor digno de escárnio.

Quase todos os dias, quando ia tomar minhas refeições, encontrava Rösi Girtanner, jovem donzela de seus dezessete anos, de porte rijo e flexível. Do seu rosto fino, sadio e moreno, transcendia a beleza suave e expressiva herdada de sua mãe que ainda a possuía, e cuja avó e bisavó também haviam possuído. Daquele solar antigo, nobre e abençoado, saíra, geração após geração, uma grande e graciosa linha de mulheres, todas elas tranqüilas e distintas, todas elas sadias, nobres e de beleza sem jaca.

Existe, da autoria de um mestre desconhecido do século dezesseis, um quadro de uma jovem da família Fugger, uma das obras mais belas que meus olhos já contemplaram. Parecidas com ela eram as mulheres da família Girtanner e assim também Rösi.

Está claro que naquela época eu não sabia nada disso. Eu a via caminhar com sua dignidade serena e alegre, e sentia a nobreza do seu ser despretensioso. Ficava então, à noite, cismando na obscuridade, até conseguir representar sua imagem clara e sua presença, sentindo percorrer na minha alma infantil um doce e delicioso arrepio. Em breve, entretanto, tais momentos de prazer se turvariam, fazendo-me sofrer amargamente. Senti, de repente, como se ela fosse uma estranha para mim, como se não me conhecesse nem perguntasse por mim, e que minha bela visão constituísse um assalto à sua natureza feliz. E sempre no momento em que sentia isso de maneira tão pungente e dolorosa, é que via sua imagem, por alguns segundos apenas, de maneira clara e viva diante dos meus olhos, a ponto de uma onda sombria e quente inundar meu coração, e eu sentir pulsar estranha e dolorosamente minhas artérias mais profundas.

Durante o dia, muitas vezes acontecia de aquela onda me invadir bem na hora da aula, ou durante uma luta renhida com os colegas.

Então eu fechava os olhos, deixava cair as mãos, e sentia como se estivesse escorregando dentro de um abismo morno, até que a voz do professor ou os golpes do punho de um companheiro me acordassem.

Então eu fugia, corria para o ar livre e, estupefato, olhava para o mundo, num sonho maravilhoso. Via então, de repente, como tudo era belo e colorido, como a luz e o sopro da natureza escoavam por todas as coisas: como era belo o verde do lago, como eram rubros os telhados e azuis as montanhas. Entretanto, toda essa beleza que me rodeava não me distraía, pois eu a saboreava silenciosa e melancolicamente.

Quanto mais belo, tanto mais estranho tudo me parecia, já que não participava desse encanto, ficando do lado de fora. E com isso, meus pensamentos sombrios me levavam a Rösi: se eu morresse agora, ela nem ficaria sabendo, não faria indagações, e nem lastimaria o fato!

Todavia, eu não me esforçava em ser notado pela jovem. Teria gostado de fazer algo de incrível por ela, ou de lhe oferecer um presente, sem que ela soubesse qual a sua procedência.

E realmente fiz mesmo muito por ela. Aconteceu de chegarem as férias, e fui mandado de volta para casa. Lá, eu executava, diariamente, toda espécie de tarefas que requeriam força, e eu as executava em louvor a Rösi. Escalei um penhasco difícil, pelo seu lado mais abrupto. No lago, eu empreendia os trajetos mais estafantes no nosso barquinho, vencendo grandes distâncias. Após uma destas excursões em que eu voltava, queimado de sol e faminto, resolvi ficar sem comer e sem beber até a noite. E tudo isto por Rösi Girtanner! Levei seu nome e seus louvores até os mais altos e afastados cumes e abismos jamais explorados.

Ao mesmo tempo, minha juventude aprisionada na sala de aula cobrava o seu preço. Meus ombros se alargavam incrivelmente, o rosto e as costas se bronzeavam e os músculos se distendiam e cresciam por todo o corpo.

No antepenúltimo dias das férias, ofertei ao meu amor flores penosamente conquistadas. Aliás, eu conhecia diversos declives tentadores e estreitas faixas de terra onde cresciam as *edelweiss,* porém eu sempre achei essa flor prateada desprovida de perfume e de cor, de aparência doentia, sem alma e pouco bela. Por outro lado, conhecia alguns arbustos isolados de rosas dos Alpes, perdidas entre os sulcos de um precipício íngreme, de floração tardia, tentadoramente perigosas de serem alcançadas. Bem, devia ser feito. E, já que nada é impossível à juventude e ao amor, consegui, finalmente, atingir meu alvo, com as mãos sujas e feridas e as coxas acometidas de cãibras.

Na posição em que me encontrava, era-me impossível gritar de júbilo, porém meu coração cantava radiante, pulsando de alegria, à medida que eu, cuidadosamente, cortava os galhos delicados, segurando a presa em minhas mãos. Precisei voltar com as flores seguras na boca, galgando de costas as rochas selvagens e somente Deus é testemunha de como eu, menino temerário, consegui alcançar, são e salvo, o sopé do rochedo. Em toda a montanha, há muito que não se viam mais os botões das rosas do Alpes; eu tinha entre meus dedos os últimos galhos do ano, com suas flores tão delicadas.

No dia seguinte, durante todo o percurso de cinco horas da viagem, eu continuava segurando aqueles galhos. A princípio meu coração batia com força

em direção da cidade e da bela Rösi; porém, à medida que as montanhas se distanciavam, tanto mais forte era o amor atávico que me puxava para trás. Lembro-me tão bem daquela viagem de trem! De há muito que o Sennalpstock se mostrava invisível e agora também se distanciavam as montanhas uma após as outras, cada uma delas se afastando, deixando em meu coração um delicado sentimento de dor. Finalmente todas as que me eram familiares se perderam no horizonte, surgindo diante de mim uma paisagem extensa, baixa, de um verde luminoso. Tal aspecto não me havia comovido durante a minha primeira viagem. Dessa vez, entretanto, fui tomado de angústia e de tristeza, como se estivesse condenado a penetrar em regiões cada vez mais baixas, e a perder, irremediavelmente, as montanhas e os meus direitos burgueses de cidadania.

Ao mesmo tempo continuava vendo o belo perfil aristocrático de Rösi à minha frente, frio e indiferente quanto à minha pessoa, e senti que a amargura e a dor prendiam minha respiração. Diante das janelas do trem passavam, uma após outras, as povoações alegres e limpas, com suas torres elegantes e telhados muito brancos; pessoas entravam e saíam, falavam, cumprimentavam-se, riam-se satisfeitas, moradoras que eram das terras baixas, ágeis, desenvoltas e sociáveis. E eu, rapaz pesadão das terras altas, mergulhado na minha mudez.

Deveria continuar meus estudos em Zurique e, no caso de um aproveitamento muito especial, meus benfeitores haviam mencionado a possibilidade de uma viagem de estudos. Tudo isso me parecia um quadro belo e clássico: um caramanchão sério e agradável com os bustos de Homero e Platão e eu sentado ali, debruçado sobre infólios, tendo de todos os lados uma visão luminosa sobre cidades, lagos, montanhas e belos cenários. Minha natureza tornara-se mais sensata, eu me sentia mais desenvolto, alegrando-me com a felicidade futura, na firme certeza de fazer jus à mesma.

No último ano de escola, apeguei-me mais ao estudo do italiano e, no primeiro contato com os velhos novelistas junto aos quais procurei aprofundar meus conhecimentos, escolhi-os como meus favoritos para o semestre seguinte. Chegou finalmente o dia em que precisei dizer adeus aos meus mestres e ao superior da casa, arrumar minha mala e fechá-la; movido de uma doce saudade passei em frente da casa de Rösi, despedindo-me.

As férias que se seguiram trouxeram-me um gosto antecipado das amarguras da vida, rompendo as belas asas do sonho, de maneira rápida e cruel. Primeiro encontrei minha mãe doente. Ela estava de cama, quase não falava, chegando a demonstrar indiferença com a minha vinda. Apesar de não ser muito emotivo, sentia não encontrar eco à minha alegria e ao meu jovem orgulho. Logo em seguida meu pai declarou que, embora não sendo contra o prosseguimento de meus estudos, não estava porém em condições de poder financiá-los.

Caso a pequena quantia fornecida pela bolsa de estudos não fosse suficiente, eu que procurasse ganhar o necessário. Afinal, na minha idade, ele há muito que ganhava seu próprio pão, e assim por diante.

Quanto às excursões, aos passeios de bote e subidas nas montanhas, não foram desta vez grande coisa, pois eu tinha que ajudar na casa e no campo, sendo que nos meios dias que tinha livres, não sentia prazer nem mesmo para ler; ficava cansado e revoltado de ver como aquela vida miserável exigia, com sua boca

escancarada, os seus direitos, devorando o que eu trouxera de excesso em coragem e arrogância. Além disso, posta de lado a questão de dinheiro, meu pai se mostrava áspero e lacônico, de acordo com sua maneira de ser, sem contudo dar mostras de animosidade para comigo. Contudo eu não sentia nenhum prazer com isso. O fato de que também a minha educação intelectual e meus livros influíam-lhe um respeito silencioso e um tanto desprezível, aborrecia-me, fazendo com que eu lamentasse tal atitude. Pensava freqüentemente em Rösi e tinha novamente aquele sentimento mau e teimoso do meu infortúnio de que, como camponês, jamais conseguiria ter "no mundo" meu próprio lugar, de homem seguro e livre. Chegava a ficar o dia inteiro matutando se não seria melhor continuar aqui mesmo e esquecer o meu latim e minhas esperanças, naquela pressão teimosa e sombria da miserável vida do lar. Triste e amargurado, perambulava por ali, não triste e amargurado. No meio daquilo tudo não me sentia à vontade, e sim como se tivesse sido arrancado para sempre das montanhas e que jamais seria igual a um desses das terras baixas; não seria nunca desembaraçado, seguro de mim e, quanto a eles, zombariam de mim e um dentre eles é que se casaria, um dia, com Rösi Girtanner e eu sempre teria um deles bloqueando meu caminho, sempre um passo à minha frente.

Foi com tais pensamentos que cheguei à cidade. Depois dos primeiros cumprimentos subi para meu sótão, abri minha mala tirando dali uma grande folha de papel. Não era dos melhores e quando com ela enrolei minhas belas rosas alpinas, atando-as com um cordão trazido lá de casa, aquele pobre embrulho em nada se assemelhava a um presente de amor. Levei-o, com muita seriedade, à rua onde morava o advogado Girtanner e, no primeiro momento oportuno, atravessei o portão que estava aberto, olhei em torno de mim o pátio mergulhado na meia-luz, e coloquei meu embrulho, sem forma, na larga escadaria senhorial.

Ninguém me viu e também jamais descobri se Rösi recebera meu presente; porém, eu escalara o flanco de uma montanha, arriscara minha própria vida a fim de colocar um ramo de rosas na escadaria de sua casa. E naquilo tudo havia algo de muito terno e melancólico, de alegre e poético que me fazia bem e que até hoje recordo com ternura. Somente nas horas em que me sinto esquecido por Deus é que me parece, às vezes, que aquela aventura, como as que se seguiram mais tarde, não passassem todas de meras aventuras quixotescas.

Este meu primeiro amor nunca teve um fim. Apagou-se na incerteza, sem obter uma solução, durante meus anos de mocidade e, mais tarde, caminhou ao lado de outros amores, como uma irmã mais velha, silenciosa e discreta. Até hoje não consigo imaginar algo de mais puro, jovem e belo que aquela suave patrícia, bem nascida e de olhar tranqüilo. Quando, anos mais tarde, vi numa exposição histórica aquele quadro de autor desconhecido, obra de uma doçura ímpar e repleta de mistérios, que retratava uma jovem da família dos Fugger, senti como se minha mocidade sonhadora e triste estivesse ali, diante de mim, olhando-me, perdida e profundamente, através de olhos insondáveis.

Enquanto isso, nesse meio tempo, eu ia amadurecendo, tornando-me um adolescente. Fotografias minhas, tiradas naquela época, apresentam um pequeno camponês ossudo, bastante alto, dentro de modestas roupas de estudante, de

olhos um tanto meigos e membros ainda em fase de crescimento. Contudo, a cabeça mostrava algo de precoce e firme. Um tanto admirado, constatava que ia, aos poucos, abandonando meu comportamento de menino e aguardava, com uma alegria antecipada, e um tanto assombrado, a fase da vida de estudante que se aproximava.

Encontrando consolo ou paz, nem mesmo à cabeceira da minha mãe enferma. A imagem daquele caramanchão com o busto de Homero, que eu criara nos meus sonhos, parecia-me novamente uma ironia e eu procurava destruí-la, com toda a amargura e animosidade do meu ser atormentado. As semanas se tornaram, insuportavelmente, longas como se minha mocidade fosse se dissipar, nessa época de desânimo, de amarguras e discórdias. Estivesse eu espantado ou indignado de ver como a vida destruíra rápida e completamente os meus sonhos de felicidade, então eu chegaria a uma situação de poder me admirar, de como, de repente, a minha atual aflição fora, violentamente, refreada. A vida mostrara-me seu lado amargo da rotina diária e eis que, sem que eu o esperasse, ela surge com suas eternas profundezas diante dos meus olhos aturdidos, a enriquecer a minha juventude com uma experiência despretensiosa e rica.

Numa manhã bem cedinho, dia quente de verão, como sentisse muita sede na cama, resolvi ir até a cozinha onde havia, permanentemente, uma tina de água fresca. Para isso era preciso atravessar o quarto de meus pais, onde os gemidos estranhos de minha mãe me chamaram a atenção. Cheguei junto da sua cama porém ela não me viu e nem respondeu ao meu chamado, mas continuou com seus gemidos curtos e angustiosos, batendo as pálpebras, o rosto muito pálido, azulado. Embora isso não me assustasse muito, senti contudo uma certa inquietude. Em seguida vi suas duas mãos sobre o lençol, silenciosas como irmãs gêmeas adormecidas. Foram essas mãos que revelaram que minha mãe estava morrendo, pois elas estavam de tal maneira, estranhamente, cansadas, de um cansaço de morte, desprovidas de vontade, como não se vê em nenhuma criatura viva.

Esqueci-me da sede, ajoelhando-me junto ao leito, e coloquei minha mão na testa da doente, procurando seu olhar, que ao encontrar o meu revelou apenas bondade, sem sofrimento, embora estivesse bem perto de se apagar. Não me ocorreu que devia chamar meu pai que dormia ao lado, respirando profundamente. Fiquei ali, ajoelhado durante quase duas horas, assistindo à morte de minha mãe. Ela a enfrentou placidamente, com seriedade e coragem, como era próprio da sua maneira de ser, dando-me um bom exemplo. O pequeno quarto estava mergulhado no silêncio e enchia-se, vagarosamente, com a claridade da manhã que despontava; a casa e a aldeia ainda dormiam e eu dispunha de tempo suficiente para acompanhar, em pensamentos, a trajetória da alma de uma agonizante, por sobre a casa, a aldeia e o lago, as montanhas cobertas de neve, em direção à liberdade gelada de um céu puro de uma jovem manhã. Não sentia muita dor, porque estava cheio de admiração e respeito, de poder assistir ao desenrolar de um grande mistério e poder ver como o círculo de uma vida se fechava num leve tremor. A coragem sem lamentações daquela que partia era tão sublime que, do resplendor áspero que a circundava, um raio claro atingiu minha alma como um bálsamo refrescante. Eu não me importava em

saber que meu pai estava dormindo ali do lado, que nenhum padre estava presente, que nenhum sacramento ou oração acompanhava a alma que partia, nada disso me comovia. Sentia apenas um sopro de arrepio de eternidade vagando através do quarto na penumbra, penetrando no meu próprio ser.

No último momento, quando os olhos já estavam apagados, pela primeira vez na minha vida, beijei os lábios frios e emurchecidos da minha mãe. De repente, àquele contato frio e desconhecido, senti como que um arrepio de horror percorrendo meu corpo; sentei-me à beira da cama e pesadas lágrimas tombaram, vagarosas e vacilantes, uma após outra, sobre minha face, queixo e mãos.

Logo depois meu pai acordou e, vendo-me ali sentado, perguntou, meio sonolento, o que estava acontecendo. Queria responder-lhe, mas não conseguia dizer nada. Voltei ao meu quarto, como num sonho, vestindo-me sem pressa e instintivamente. Daí a pouco meu pai apareceu.

"Sua mãe está morta", disse ele. "Você já sabia?"

Fiz que sim.

"Por que me deixou dormir? Nem mesmo um padre esteve presente. Que o..." e praguejou com violência.

Então algum lugar da minha cabeça começou a doer, como se uma veia tivesse rompido. Avancei para ele, agarrando suas duas mãos — comparando nossas forças — ele não passava de um menino para mim — e olhando-o diretamente no rosto. Não sabia o que dizer, e ele guardou silêncio, angustiado; juntos nos aproximamos da mãe e também ele foi penetrado pelo poder da morte. Seu rosto tornou-se estranho e solene. Então abaixou-se sobre a morta e pôs-se a lamuriar muito baixinho, como uma criança, quase como um passarinho, em tons agudos e abafados. Saí e fui levar a notícia aos vizinhos. Eles me ouviram, não fizeram perguntas, mas apertaram-me a mão, oferecendo ajuda para nossa casa agora desgovernada, com a falta de minha mãe. Alguém apressou-se em ir ao Convento em busca de um padre; ao retornar, percebi que uma vizinha já se encontrava no nosso estábulo, cuidando da nossa vaca.

O sacerdote chegou, e quase todas as mulheres da localidade estavam presentes; tudo correu de maneira pontual e certa, até o caixão foi providenciado sem nossa participação e, pela primeira vez pude constatar claramente como é bom, em situações difíceis, se estar em casa e se pertencer a uma comunidade tão devotada. No dia seguinte tive a oportunidade de constatar, mais profundamente, tal.

No momento em que o caixão foi abençoado e desceu aterra, e aquela pequena multidão de chapéus cilíndricos de pelo, de uma antiga e igual ao do meu pai, foi guardada nas suas caixas. nos seus armários, meu pobre pai, preso de fraqueza, na forma de autocomiseração, apresentando-me sua desgraça, com comparações tiradas, em grande parte, da Bíblia, lastimando-se que agora que a mulher se fora, ele iria também perder seu filho, vendo-o partir para bem longe dali. Suas queixas pareciam não ter fim e eu ouvia, assustado, chegando quase a desistir da minha idéia de partir.

Nesse momento, estando no ponto de tomar uma decisão, aconteceu-me algo de estranho. Pareceu-me, de repente, que tudo aquilo que eu desde pequeno havia pensado e desejado com ansiedade, se apresentava reunido numa súbita

visão. Vi obras grandiosas e belas que estavam à minha espera, livros que deveriam ser lidos e livros que deveriam ser escritos. Ouvi como o vento quente das montanhas passava, e percebi, ao longe, belos lagos distantes e praias deslumbrantes, com cores vivas das paisagens do Sul. Vi pessoas que passavam, vi a expressão inteligente e espiritual de seus rostos, mulheres belas e distintas, ruas que desfilavam à minha frente e desfiladeiros que atravessavam os Alpes; trens que percorriam regiões a toda pressa, tudo ao mesmo tempo e cada coisa por si, nitidamente e, em último plano, as distâncias sem fronteiras de um horizonte cortado por nuvens que se deslocavam, em debandada. Aprender, produzir, olhar e caminhar — toda a plenitude da vida reluzia num olhar perdido e fugitivo, diante de meus olhos e, novamente, como nos tempos de menino, vibrava algo dentro de mim, arrastando-me, com um poder desconhecido e poderoso, ao encontro da grande imensidão do mundo.

Calei-me e deixei meu pai falar, balançando apenas a cabeça, até ele terminar de dar vazão ao seu desabafo. Isso aconteceu somente à noitinha e foi então que eu lhe anunciei minha firme decisão de continuar a estudar e de procurar minha futura pátria no campo espiritual, sem pretender nenhuma ajuda pecuniária da sua parte.

Meu pai não procurou insistir e, olhando-me com ar consternado, limitou-se a balançar a cabeça. Porque ele também compreendia que eu, de agora em diante, deveria prosseguir no meu próprio caminho, não tardando a romper com os elos que me prendiam à vida. Quando agora ao escrever me recordo daquele dia, vejo meu pai sentado na sua cadeira junto à janela daquele mesmo jeito, como se encontrava naquela noite. Sua cabeça de camponês matreiro e inteligente mantém-se impassível sobre o pescoço firme; os cabelos curtos começam a ficar grisalhos e, no seu rosto severo e duro, a luta contra a oposição à maturidade e à tristeza de uma velhice que se aproxima.

Dele e daquela minha estadia sob seu teto resta-me ainda para contar, um pequeno acontecimento, que não deixa de ter uma certa importância.

Na última semana antes da minha partida, uma noite, meu pai enfiou o gorro na cabeça e pôs a mão na maçaneta da porta: "Onde e que você vai?" perguntei-lhe. "Isso é da sua conta?" disse ele. "Afinal você pode me dizer, se não se trata de algo errado", continuei. Então ele se pôs a rir e exclamou: "Você pode vir comigo, afinal já não é mais tão pequenino." Então eu fui junto. À taberna. Alguns camponeses encontravam-se ali, tendo à sua frente um púcaro de vinho de Hallau; dois carroceiros estrangeiros bebiam absinto e, numa mesa ocupada por jovens, jogava-se baralho, com grande alarido.

Eu estava habituado a beber de vez em quando um copo de vinho. Porém era a primeira vez que eu entrava numa taberna, sem uma necessidade. Sabia, por ter ouvido dizer, que o meu pai era um bebedor contumaz; bebia bastante e bem, e por esse motivo nosso orçamento, se bem que ele não o negligenciasse seriamente, ficava sempre numa situação constrangedora, sem esperança de melhoria.

Chamou-me a atenção, o respeito com que o encaravam o taberneiro e seus clientes; o velho mandou vir um litro do vinho procedente de Waadt e ordenou que eu o servisse, ensinando-me como deveria fazê-lo. Inicialmente deveria

servir bem baixo, depois prolongar, aos poucos, o seu jato e, para terminar, inclinar novamente a garrafa o mais baixo possível. Em seguida começou a discorrer sobre diferentes marcas de vinho que ele conhecia e que em ocasiões muito especiais costumava degustar: quando ia por acaso à cidade ou à terra dos velches.

Falava com muito respeito do Veltlino, do qual sabia distinguir três qualidades. Depois, com voz persuasiva, discorreu sobre certas garrafas de vinho de Waadt. E por fim, quase num sussurro, com a expressão de um contador de estórias de fada, descreveu o vinho de Neuchâtel. Deste, havia épocas em que a espuma, ao ser servido o vinho, formava uma estrela dentro do copo; meu pai então desenhava, com o indicador molhado, uma estrela sobre a mesa. Depois mergulhou-se em conjecturas sobre a natureza e o paladar do Champagne que ele nunca bebera e do qual acreditava que uma única garrafa seria capaz de embebedar dois homens, de maneira brutal.

Calou-se finalmente e, pensativo, acendeu seu cachimbo, notou então que eu não tinha nada para fumar, deu-me umas moedas para que eu comprasse cigarros. Em seguida ficamos sentados, um na frente do outro, assoprando a fumaça nos nossos rostos e bebendo vagarosamente, sorvendo o primeiro litro do vinho, em pequenos goles. O sabor do amarelo e picante Waadt agradava-me perfeitamente.

Aos poucos os camponeses sentados à mesa vizinha ousaram tomar parte na nossa conversa e foram-se chegando, um atrás do outro, tossindo e ainda com uma certa reserva. Em breve foi a minha vez de ser alvo das atenções dos presentes e logo mostrou-se que minha reputação como escalador de montanhas não tinha sido ainda esquecida. Foi contada, discutida e defendida toda uma série de subidas, temerárias quedas em precipícios absurdos, tudo isso em nevoas utópicas. Entrementes havíamos quase terminado o segundo litro e eu sentia que o sangue já me subia aos olhos. Contrariamente a minha natureza, comecei a me vangloriar, e contei aquela escalada audaciosa pelas encostas mais altas do Sennalpstock, onde eu havia colhido as belas rosas alpinas para ofertá-las a Rösi Girtanner. Ninguém acreditou em mim; eu protestava e eles riam-se de minhas palavras e eu ia ficando cada vez mais furioso. Comecei então a exigir dos que duvidavam das minhas palavras, que saíssem comigo lá para fora, a fim de resolver tudo com uma luta, deixando bem claro que em último caso eu brigaria com todos eles juntos. Então, um velho camponês, pequeno e já encurvado, dirigiu-se ao balcão e trouxe uma grande jarra de louça, colocando-a sobre a mesa.

"Vou lhe dizer uma coisa", disse-me ele, rindo. "Se você é tão forte assim, então quebre isso aqui com um soco. Então nós lhe pagaremos todo o vinho que couber aí. Mas, se você não for capaz, então você é quem pagará nossa bebida".

Meu pai concordou prontamente. Fiquei de pé, enrolei um lenço em volta da mão e golpeei. Os dois primeiros golpes não surtiram efeito. Ao terceiro, a jarra espatifou-se. "Paguem!" gritou meu pai, exultante de alegria. O velho parecia estar de acordo. "Muito bem", disse ele. "Eu pago todo o vinho que couber na jarra. Não deve caber lá grande coisa." Está claro que os cacos que sobraram da jarra não comportavam nem um quartilho e além da dor no braço,

tive ainda de suportar toda espécie de zombaria. Também meu pai ria-se de mim agora.

"Muito bem, então você ganhou!" gritei; enchi os cacos com a bebida da nossa garrafa e despejei-a na cabeça do velho. Aí então fomos considerados novamente os vencedores e recebemos os aplausos dos convivas.

Outras brincadeiras desta espécie se sucederam, até que meu pai me arrastou para casa. Cambaleando, excitados e de péssimo humor entramos naquele mesmo quarto onde há menos de três semanas estivera o caixão mortuário de minha mãe. Dormi como um defunto e na manhã seguinte eu me sentia completamente moído e arrasado. O pai caçoou de mim pois se encontrava bem disposto, eufórico, visivelmente satisfeito com a sua superioridade. Eu porém jurava em silêncio que jamais tornaria a me embriagar e aguardava, ansiosamente, o dia da partida.

O dia chegou e eu parti; porém não conservei meu juramento. Tanto o dourado vinho de Waadt, como o rubro Veltlino, o vinho das estrelas de Neuenburg, assim como muitos outros vinhos tornaram-se-me familiares e muito bons amigos.

3

Tendo deixado para trás o ar abafado e prosaico da terra natal, empreendi, em grandes revoadas, o caminho para o prazer e a liberdade.

Quando por diversas vezes no decorrer da minha vida eu me senti meio desprevenido monetariamente, não deixei, entretanto, de usufruir generosa e plenamente dos prazeres singulares e românticos da juventude. Como um jovem guerreiro que descansava junto à orla florida da floresta, vivi numa encantadora inquietude, entre lutas e aventuras e, como um vidente apreensivo, encontrava-me à beira de abismos profundos, atento aos bramidos das grandes correntezas e das grandes tempestades, a alma pronta para aceitar a consonância das coisas e a harmonia de tudo aquilo que vive. Sorvi com prazer e felicidade os cálices transbordantes da juventude, sofri em silêncio dores atrozes por belas mulheres timidamente veneradas, e desfrutei, até o fim, a felicidade mais nobre da mocidade: uma alegre e pura amizade viril.

Envergando um traje novo de couro, munido de uma mala cheia de livros e outros haveres, desembarquei do trem, preparado para conquistar um pedaço do mundo e provar, o mais cedo possível aos homens rudes lá da minha terra, que eu fora talhado de madeira diferente da dos outros Camenzind. Durante três maravilhosos anos morei na mesma mansarda atravessada por correntes de ar, de onde se avistava um vasto horizonte; aí eu me dedicava aos estudos, à poesia, ansiando por todas as belezas da terra que me rodeavam com o valor da sua proximidade. Nem todos os mas podia me dar ao luxo de uma refeição quente, porém todos os dias, todas as noites, todas as horas meu coração cantava, ria e

chorava, conservando junto de si, com ardor e paixão, a vida muito querida, repleto de uma alegria enorme.

Zurique foi a primeira grande cidade que eu, um joão-ninguém, tive a oportunidade de conhecer, e durante algumas semanas conservei os olhos cheios de espanto. Não me ocorreu admirar ou mesmo invejar a vida da cidade, além das contas eu não passava de um Simples camponês, porém eu me alegrava com todas aquelas ruas, casas e pessoas. Acompanhava o movimento das ruas com suas viaturas, olhava os atracadouros, as praças, os jardins, as construções luxuosas e as igrejas; via verdadeiras multidões de pessoas ativas correrem para o trabalho, estudantes que vadiavam; nobres saírem a passeio; janotas se pavonearem, forasteiros vagarem sem destino; esposas de cavalheiros ricos, elegantes e na moda com seus ademanes palacianos, belas e orgulhosas e um tanto ridículas, lembrando peões num galinheiro. Eu não era propriamente tímido, mas um rapaz sem jeito, faltava-me desenvoltura e eu não duvidava nada de ser o verdadeiro tipo que iria conhecer, a fundo, a vida animada das cidades e, mais tarde, encontrar ali meu lugar definitivo.

A juventude bateu à minha porta na figura de um rapaz muito moço e belo que estudava na mesma cidade e que alugara no 1.° andar da minha casa dois belos aposentos. Todos os dias eu o ouvia tocar piano, lá em baixo, e desde a primeira ocasião, senti algo da magia da música, a mais feminina e a mais doce de todas as artes.

Depois via aquele belo rapaz sair de casa com um caderno de músicas na mão esquerda e na direita um cigarro, cujas espirais de fumaça se consumiam atrás do seu corpo flexível e elegante. Senti-me atraído por ele, dominado por sentimento de afeição, mas mantive-me à distância, temendo me aproximar dessa criatura, cujas maneiras seguras e desenvoltas e cuja riqueza, comparadas à minha pobreza e falta de conhecimentos das regras de sociedade, só iriam me humilhar.

Foi ele quem veio até mim. Uma tarde bateram à minha porta e eu fiquei um pouco assustado, pois jamais recebera visitas. O belo estudante entrou, declinou seu nome e agiu de maneira tão natural com se já fossemos velhos amigos.

"Gostaria de saber se agradaria ao senhor tocar um pouco de música comigo", disse, com muita amabilidade. Mas eu jamais tocara qualquer instrumento. Foi isso que eu lhe disse e acrescentei que além de cantar à moda do Tirol, eu não conhecia nenhuma outra arte, mas que por muitas vezes a música do seu piano havia chegado até mim, com toda sua beleza e encanto.

"Como a gente pode se enganar!" exclamou ele, alegremente.

"Pela sua aparência externa eu poderia até jurar que o senhor era um músico. Espantoso! — Mas o senhor canta à moda tirolesa, o *foehn.* Oh! por favor, cante um pouco. Adoro ouvir isso!"

Eu estava completamente aturdido e expliquei-lhe que não poderia cantar assim, sem mais nem menos, e muito menos ainda, dentro de um quarto; isso deveria ser feito em cima de uma montanha, ao ar livre, e espontaneamente.

"Muito bem, então o senhor irá cantar para mim, no cimo de uma montanha. Que tal amanhã cedo? Ora, eu lhe peço encarecidamente! Poderíamos

dar uma escapada juntos, talvez de tardinha; ficaríamos perambulando por aí, conversando e depois, lá em cima, o senhor cantaria; depois, à noitinha, iríamos comer numa aldeia qualquer. O senhor dispõe de tempo para isso?"

Oh! sim, eu tinha tempo de sobra. Apressei-me em aceitar o convite e lhe pedi que tocasse alguma coisa ao piano; desci com ele para sua bela moradia. Alguns quadros com molduras modernas, um piano, uma certa desordem agradável, um aroma delicado de cigarros, tudo isso dava ao aposento como que uma elegância toda natural e uma atmosfera de conforto e de bem-estar, com a qual eu não estava habituado e que desconhecia por completo. Ricardo sentou-se ao piano e tocou algumas notas.

"Isto o senhor conhece, não?" disse ele, voltando-se para mim; sua aparência era solene, com a bela cabeça inclinada, um tanto afastada da sua música, encarando-me com olhos exultantes de alegria.

"Não", respondi-lhe. "Eu não conheço nada."

"Isto é Wagner", respondeu. "Os Mestres Cantores", e continuou tocando. A música soava, leve e vigorosa, nostálgica e alegre, envolvendo-me, como se eu estivesse me banhando numa água morna e excitante. Contemplava, ao mesmo tempo, com um prazer dissimulado, as costas e a nuca esguia do pianista, suas mãos alvas de artista; ao mesmo tempo, fui tomado do mesmo sentimento de carinho e respeito mesclados de admiração e timidez com o qual eu contemplara outrora aquele aluno de cabelos escuros; tive também um pressentimento vago de que essa criatura bela e distinta talvez se tornasse meu amigo, realizando minhas antigas aspirações de uma amizade, que eu jamais esquecera.

No dia seguinte fui buscá-lo e, lentamente, conversando, subimos colina medíocre em altura, contemplamos a cidade, o lago e os jardins, deleitando-nos com aquela beleza generosa dos momentos que antecedem a noite.

"E agora o senhor vai cantar!" exclamou Ricardo. "Se por acaso se sentir acanhado, é só ficar de costas para mim — e agora, vamos, bem alto!"

Ele pôde se dar por satisfeito. Cantei, exultante de alegria, jubiloso, dentro da vastidão rósea da tarde que morria — em todos os tons e variações. Quando me caiei, ele quis dizer alguma coisa, mas caiou-se, imediatamente, apontando, perscrutador, as belas montanhas.

De um pico distante veio a resposta ao meu canto, suave, prolongada e constante. À saudação de um pastor ou de um ancião, ficamos atentos, ouvindo em silêncio, na plenitude da nossa alegria. Enquanto nós dois permanecíamos à escuta, o fato de eu estar ali, ao lado de um amigo, contemplando nós dois juntos a imensidão do mundo povoado de belas nuvens rosadas, fez com que um doce arrepio perspassasse todo meu corpo. O lago mergulhado na noite iniciava seu sereno jogo de cores e, pouco antes do pôr-do-sol, alguns teimosos e atrevidos picos recortados dos Alpes atravessaram as brumas vaporosas.

"Ali fica minha pátria", disse eu. "Aquela montanha escarpada do meio é a rubra Fluh; à direita está o Geirshorn, à esquerda e lá bem distante, o pico redondo Sennalpstock. Eu tinha dez anos e três semanas de idade quando pela primeira vez subi aquela montanha."

"Forcei a vista para poder captar um dos picos que ficava mais para o sul. Depois de algum tempo Ricardo disse algo que não compreendi."

"O que foi que o senhor disse?" perguntei.
"Disse que agora sei qual a arte que o senhor pratica".
"Qual?"
"O senhor é um poeta."
Então eu encabulei; fiquei aborrecido e admirado de ele ter adivinhando isso.
"Não", exclamei, protestando, "não sou um poeta. É verdade que fiz alguns versos na escola, mas há muito tempo que não os faço mais."
"Poderia vê-los?"
"Eles estão queimados, e mesmo que não os estivessem, eu não lhos mostraria."
"Talvez se tratasse de coisa moderna, com muito Nietzsche".
"O que vem a ser isso?"
"Quem, Nietzsche? Pelo amor de Deus! O senhor não o conhece?"
"Não! Por que haveria de conhecê-lo?"
Ricardo estava simplesmente encantado por eu não conhecer Nietzsche. Eu, porém, fiquei aborrecido e perguntei quantas geleiras ele havia escalado. Quando ele me disse que nenhuma, também demonstrei o mesmo espanto e ironia que ele havia demonstrado a meu respeito. Então ele pôs a mão no meu ombro e disse muito sério: "O senhor é sensível e talvez ignore ser digno de inveja por não ser depravado; saiba que não existem muitos da sua espécie. Mas, espere! Dentro de um ou dois anos o senhor vai conhecer Nietzsche e toda essa tralha ainda melhor do que eu, já que é muito mais profundo e inteligente. Todavia, eu o estimo assim mesmo. O senhor não conhece Nietzsche e nem mesmo Wagner, porém já atravessou muitas montanhas cobertas de neve e tem a aparência típica dos moradores das terras altas. E é, certamente, um poeta. Isto eu reconheço simplesmente no seu olhar e na sua testa."
O fato de ele me olhar de maneira tão franca e desenvolta e de externar a sua opinião tão livremente, pareceu-me estranho. Mais espantado e mais feliz fiquei eu quando ele, oito dias depois, numa cervejaria ao ar livre propôs que bebêssemos à nossa fraternidade.
Depois, diante de todas as pessoas presentes, levantou-se e me beijou, pondo-se a dançar comigo em redor da mesa.
"O que não irão pensar todas estas pessoas?" disse eu, timidamente.
"Eles vão pensar: estes dois aí sentem-se sobremaneira felizes ou então estão completamente embriagados; ou então, não pensarão coisa alguma."
Muitas vezes parecia-me que Ricardo, embora mais velho, mais inteligente, mais bem educado e em tudo mais fino do que eu, comparando-se comigo, não passava de um moleque. Na rua, entre sério e irônico, fazia a corte às jovens e graciosas estudantes; interrompia trechos de música séria, para dizer gracejos tipicamente infantis e, numa ocasião em que fomos a uma igreja, para nos divertirmos, ele me disse, de repente, no meio do sermão, pensativo e solene: "Você não acha que o vigário tem cara de coelhinho velho?" A comparação era perfeita, mas eu achei que ele poderia ter comentado isso depois, mais tarde, e foi o que lhe disse.

"Mas como, é isso mesmo!", respondeu num tom amuado, "se eu tivesse deixado para dizer mais tarde, certamente iria esquecer."

Embora seus gracejos nem sempre tivessem muito espírito e ele se limitasse às vezes, a citar versos de Busch, isso não fazia diferença nem para mim, nem para os outros, porque o que gostávamos e admirávamos nele, não eram os gracejos ou seu espírito, mas a sua natureza cheia de uma alegria espontânea e de uma ingenuidade pura, que irrompia a todo momento, envolvendo-o numa atmosfera leve e alegre. Ela podia se manifestar apenas através de um gesto, de um sorriso ligeiro, de um olhar, mas não ficava por muito tempo oculta.

Creio que até mesmo durante o sono, ele devia rir ou fazer um gesto divertido.

Ricardo por diversas vezes me pôs em contato com outras pessoas, estudantes jovens, músicos, pintores, escritores, quase todos vindos do estrangeiro, porque, tudo que aparecia de interessante na cidade, pessoas amantes das artes, tipos originais, acabavam por conhecê-lo. Entre eles havia alguns espíritos sérios, combativos, filósofos, estetas, socialistas, sendo que com muitos eu poderia aprender alguma coisa. Os conhecimentos voavam ao meu encontro, vindos por etapas, dos diversos campos do saber, e eu os completava, lendo bastante. Foi assim que eu, aos poucos, fui adquirindo uma certa noção daquilo que preocupava e fascinava as cabeças mais ativas e inteligentes da época, ganhando uma visão benfazeja e estimulante da vida internacional e da vida do espírito. Compreendia seus desejos, suas tendências, seus esforços, seus ideais, associando-me a eles, sem que um impulso pessoal mais forte me obrigasse a tomar uma atitude mais definida. Notei que, na maioria deles, toda a energia do pensamento e das paixões se orientava para as posições e organizações da sociedade, do estado, das ciências, das artes, dos métodos pedagógicos; mas já a maioria, a meu ver, parecia conhecer a necessidade de se formarem eles mesmos, sem uma finalidade exterior própria, e lançar uma luz nas suas relações pessoais com o tempo e a eternidade. Também dentro de mim, este impulso ainda se encontrava meio adormecido.

Não quis saber de novas amizades, já que me afeiçoara a Ricardo de maneira exclusiva e ciumenta. Procurava também afastá-lo das mulheres com as quais ele privava, intensa e intimamente. Mantinha a risca até o mais insignificante dos compromissos, esforçando--me por ser pontual, e ficava sentido quando ele me deixava esperando.

Uma vez ele me pediu que o viesse buscar para irmos remar juntos, numa determinada hora. Fui até sua casa, fiquei esperando durante três horas inutilmente. Dias depois censurei-o acerbamente pela sua negligência.

"E por que você não foi remar sozinho?" riu-se ele, admirado.

"Esqueci-me completamente. Afinal não se trata de uma desgraça."

"É que eu estou habituado a manter minha palavra", respondi com violência. "Mas, naturalmente, estou também habituado, é lógico, a saber que você pouco liga se estou ou não esperando por você nalgum lugar. Afinal você tem tantos amigos!"

Ele olhou para mim, surpreendido com o que eu dissera.

"Então você liga tanto assim para essas ninharias?"

"Eu não considero minha amizade uma ninharia."

"Ele tomou tão a sério a brincadeira, Que jurei ser esta a derradeira...",

declamou Ricardo, muito sério e solene; tomou minha cabeça entre suas mãos e, à maneira oriental, esfregou a ponta do seu nariz no meu, acariciou-me até que eu, rindo-me do grotesco da situação, separei-me dele; mas a amizade estava novamente salva.

Na minha mansarda eu tinha alguns volumes emprestados, alguns até muito valiosos, de filósofos modernos, poetas e críticos, revistas literárias da Alemanha e França, peças teatrais, folhetos parisienses e ensaios de estetas vienenses, ora na moda. Mais seriamente e com muito mais prazer eu me dedicava aos meus autores clássicos italianos e aos meus estudos de História, do que a essas coisas rapidamente lidas. Meu desejo era pôr de lado, o mais depressa possível, a filologia e me dedicar somente à História. Ao lado da história simultânea e métodos históricos, eu lia principalmente as fontes e as monografias da época dos fins da Idade Média na Itália e na França.

Ao mesmo tempo eu aprendia mais ainda sobre o meu favorito entre todos os homens: Francisco de Assis, o mais abençoado e o mais divino entre todos os santos. E assim, meu sonho onde vira abrir-se diante de mim a plenitude da vida e do espírito tornava-se dia a dia mais real e aquecia meu coração, com a ambição, as alegrias e a vaidade da juventude. No auditório e nas salas de aula eu me ocupava mais com as ciências sérias, um tanto austeras e por vezes até cacetes. Já, em casa, eu me voltava todo para a intimidade piedosa ou as sinistras estórias da Idade Média, ou para os bem-humorados novelistas antigos, cujo mundo belo e cômodo me envolvia como num cantinho gostoso de contos de fada, cheio de sombras e de claridades veladas; ou então, sentia afastar-se de mim a onda selvagem dos ideais modernos e das paixões. Nesse meio tempo, ouvia música, ria-me com Ricardo, tomava parte nas reuniões dos seus amigos, convivia com franceses, alemães e russos, ouvia a leitura de estranhos livros modernos, freqüentava um ou outro atelier de pintor, assistia a recepções noturnas onde comparecia uma chusma de jovens espíritos excitados e confusos, e onde eu me sentia como num carnaval de loucos.

Num domingo, Ricardo visitou comigo uma pequena exposição de quadros recentes. Meu amigo deteve-se diante de uma pintura que representava algumas cabras num pasto em cima das montanhas.

Fora pintado de maneira correta e delicada, porém um pouco fora de moda e sem um verdadeiro sentimento artístico. Pode-se ver destes quadrinhos, bonitinhos mas pouco significativos, em qualquer salão. Contudo ele me agradou, como uma representação bastante fiel dos pastos alpestres da minha pátria. Perguntei a Ricardo o que tanto o atraía naquele quadro.

"Isto aqui", disse ele, apontando para o nome do pintor, lá no canto. Eu não conseguia decifrar as letras de um marrom avermelhado.

"O quadro", disse Ricardo, "não é lá uma grande obra. Existem bem melhores. Mas não existe uma pintora mais bonita do que essa, que o executou. Ela se chama Ermínia Aglietti, e, caso você esteja de acordo, poderemos ir visitá-la amanhã e dizer-lhe que ela é uma grande pintora."

"Você já a conhece?"

"Claro que sim. Se todos os seus quadros fossem tão belos como ela então há muito tempo que ela seria rica e não teria mais necessidade de pintá-los. Ela os faz sem grande entusiasmo e apenas porque, casualmente, não aprendeu a fazer outras coisas para poder viver."

Ricardo esqueceu-se do assunto, voltando a abordá-lo algumas semanas depois.

"Ontem encontrei-me com a Aglietti. Aliás pretendíamos visitá-la. Então, venha. Você tem por aí um colarinho limpo? Ela costuma olhar esses detalhes."

O colarinho estava limpo e fomos juntos à casa da Aglietti, eu, com uma certa má vontade dentro de mim, pois jamais apreciara aquelas amizades um tanto livres de Ricardo e dos seus camaradas, com pintoras e estudantes do sexo feminino. Em geral os rapazes se mostravam irreverentes, às vezes grosseiros, às vezes irônicos; as mocas porém eram práticas, inteligentes e espertas, e não se percebia, em lugar nenhum, aquele perfume transcendental dentro do qual eu gostava de ver as mulheres envolvidas e de venerá-las.

Eu já estava bem habituado ao ambiente de trabalho dos pintores, mas era a primeira que entrava num atelier feminino. Ele era bastante despretensioso e se encontrava em perfeita ordem. Três ou quatros quadros já terminados e postos nas suas molduras estavam pendurados nas paredes e um, apenas esboçado, permanecia no cavalete. O resto das paredes estava coberto de croquis feitos a lápis, de aspecto muito limpo e apetitoso, e de uma estante de livros meio vazia. A pintora retribuiu, friamente, os nossos cumprimentos. Colocou o pincel de lado e recostou-se com seu avental de trabalho à estante, dando a impressão de não querer perder muito tempo conosco.

Ricardo elogiou tremendamente seus quadros expostos. Ela o ridicularizou, não acreditando no que ele dizia.

"Mas, senhorita, eu poderia ter a intenção de comprar aquele quadro. Aliás, as vacas estão perfeitas!"

"Trata-se de cabras", disse ela, calmamente.

"Cabras? Naturalmente que são cabras! De uma perfeição, quis eu dizer, que fiquei até perplexo. São cabras, como se apresentam na vida real, bastante caprinamente. Pergunte só aqui ao meu amigo Camenzind que é também um filho das montanhas e ele vai me daí razão."

Enquanto ouvia toda aquela arenga, acanhado e divertido, sentia o olhar da pintora que me examinava e passava por mim. Ela ficou me olhando, demoradamente, sem demonstrar o menor constrangimento.

"O senhor é habitante das terras altas?"

"Sim, senhorita."

"Percebe-se. E o que achou das minhas cabras?"

"Oh, elas estão muito bem. Pelo menos não as confundi com vacas, como Ricardo."

"Muito amável da sua parte. O senhor também é músico?"

"Não, estudante."

Além disso, ela não falou mais nada comigo e eu tive oportunidade de contemplá-la. Suas formas estavam encobertas e deformadas pelo longo avental de trabalho e as feições não me pareceram belas.

As linhas eram nítidas e simples, os olhos um tanto severos, os cabelos abundantes, negros e macios. O que me impressionou e quase me causou aversão foi a cor do rosto, que me lembrava irresistivelmente o gorgonzola, e eu não admiraria de encontrar ali alguns traços verdolengos. Eu jamais vira aquela palidez italiana e agora, naquela luz pouco favorável da manhã que envolvia o atelier, ela parecia feita de pedra e assustava — não feita de mármore, mas de uma pedra desbotada e batida pelas intempéries. Eu não estava habituado a estudar a forma do rosto feminino e sim, como um rapazola, a procurar nelas a doçura, o róseo, o encanto.

Ricardo também não ficara satisfeito com a visita desse dia.

Fiquei tanto mais surpreendido ou propriamente assustado quando, depois de um certo tempo ele me comunicou que a Aglietti se sentiria feliz se pudesse me desenhar. Tratava-se apenas de alguns esboços não necessitava do rosto, mas minha figura roliça tinha algo de típico.

Antes porém de prosseguirmos com este assunto, deu-se um pequeno fato que deveria modificar toda minha existência, determinando meu futuro por muitos anos. Uma manhã, ao acordar, tinha-me tornado um escritor.

A pedido de Ricardo, eu descrevera, como simples exercícios literários, e, na medida do possível prendendo-me à realidade, alguns tipos dos nossos círculos de amizade, pequenos acontecimentos, conversas e outras coisas mais, na forma de esboços e também alguns ensaios sobre assuntos literários e históricos.

Então uma manhã, eu ainda estava deitado, Ricardo foi entrando e colocando sobre as cobertas da cama trinta e cinco francos. "Isto lhe pertence", foi dizendo ele em tom comercial. Finalmente quando eu esgotara todas minhas suposições em forma de perguntas, ele tirou uma folha de jornal do bolso, mostrando-me impressa numa de suas colunas uma de minhas pequenas novelas. Ele copiara muitos de meus manuscritos e os levara a um redator conhecido e, na surdina, vendera-os para mim. Em minhas mãos eu segurava o primeiro artigo que havia sido impresso, mais os honorários. Nunca me sentira de maneira tão estranha. Aliás, eu estava aborrecido de Ricardo bancar a própria Providência, mas o primeiro e doce orgulho de escritor, o belo dinheiro e o pensamento de uma possível glória literária era ainda mais forte e finalmente venceu.

Num café meu amigo me pôs em contato com o redator. Ele pediu se poderia conservar os outros trabalhos que Ricardo lhe levara e convidou-me a enviar-lhe novos, de tempos em tempos.

Havia um toque especial na minha obra, principalmente nos trabalhos históricos e ele gostaria de publicá-los, pagando-me convenientemente.

Foi então que compreendi a importância da coisa. Não somente passaria a comer direito, e pagaria minhas dívidas, como também poderia pôr de lado os estudos que eu fazia por obrigação e quem sabe, em breve, trabalhando no meu campo predileto, viver apenas do meu ganho.

Enquanto isso recebi do redator uma pilha de livros recentes, enviados para minha casa, dos quais eu deveria fazer a crítica. Atirei-me ao trabalho e durante semanas a fio dediquei-me a eles; porém, como os honorários só chegariam às minhas mãos no fim do trimestre, e eu, contando com isso, passara a viver

melhor do que anteriormente, vi-me um dia privado da minha última moeda, tendo que empreender, novamente, um regime de fome. Durante alguns dias passei a pão e café, lá no meu quartinho, depois a fome me empurrou para um restaurante. Levei comigo três dos livros, cuja crítica estava fazendo, a fim de deixá-los como garantia pelo que eu ia comer, u tentara, inutilmente, cedê-los ao antiquário. A refeição foi excelente, mas quando chegou o café senti um aperto no coração. Embaraçado, tive que confessar à criada que não tinha dinheiro, mas que deixaria os livros como garantia. Ela apanhou um deles, folheou-o curiosa; era um livro de poesias e perguntou-me se poderia lê-lo. Ela gostava tanto de ler, mas não conseguia jamais fazê-lo. Senti que estava salvo e propus deixar-lhe os três volumezinhos em pagamento da refeição. Consegui convencê-la e assim, aos poucos, por dezessete francos ela ficou com alguns livros. Um opúsculo de poesias me rendia, geralmente, um pão com queijo; um romance, o mesmo e mais um pouco de vinho; porém as novelas esparsas só me davam uma xícara de café com pão. Tanto quanto me recordo, tratava-se, na sua maior parte, de assuntos vulgares, no novo estilo moderno, sofrido, e a jovem com aquilo tudo deve ter adquirido uma idéia bem estranha da literatura alemã contemporânea. Recordo-me com prazer daquelas manhãs em que eu, com o suor do meu rosto, lia, a galope, um daqueles livrequinhos, rabiscava algumas linhas sobre o mesmo, a fim de, à hora do almoço, ir trocá-lo por alguma coisa que se comesse. Diante de Ricardo eu procurava esconder minhas aperturas financeiras porque tinha vergonha delas, só aceitando sua ajuda por um espaço de tempo muito curto e absolutamente contra minha vontade.

Eu não me considerava um poeta. O que eu escrevia em certas ocasiões eram folhetins e não poesia. No meu íntimo, porém, eu conservara, em segredo, uma esperança de que um dia eu criaria um poema, uma sublime e ousada canção de nostalgia e de vida.

O alegre e claro espelho de minha alma era muitas vezes embaçado por uma espécie de melancolia mas, por ora, não havia sido seriamente danificado. Ela aparecia de tempos em tempos, durante um dia ou uma noite, como uma tristeza sonhadora e solitária; desaparecia depois sem deixar traços, voltando após algumas semanas ou meses. Aos poucos fui me habituando a ela, como a uma amiga e confidente, não a recebendo como um tormento, mas como um cansaço inquieto, que não deixava de ter seu encanto. Quando ela me surpreendia de noite eu ficava, em vez de dormir, horas inteiras à janela, olhava o lago mergulhado na escuridão, as silhuetas das montanhas desenhadas no palor do céu e bem no alto, as belas estrelas.

Então apossava-se de mim com freqüência um sentimento doce e vigoroso, como se eu fosse contemplado por toda aquela formosura da noite, com uma justa censura. Como se estrelas, montanhas e lagos aspirassem por alguém que compreendesse sua beleza e o sofrimento da sua natureza calada e a expressasse, como se eu fosse aquele ser e como se fosse essa a minha verdadeira missão, a de dar, em poesias, uma expressão à natureza muda. De que maneira isso seria possível não sei, jamais pensei nisso, apenas sentia que a bela e severa noite esperava por mim, impaciente, numa ânsia silente.

Também jamais escrevi nada quando me encontrava neste estado de espírito. Todavia, eu sentia uma responsabilidade em relação a essas vozes imprecisas e, habitualmente, depois de uma noite dessas eu costumava empreender caminhadas solitárias que duravam alguns dias. Eu tinha a impressão de que, com esta atitude, eu podia demonstrar um pouco de amor à terra que se me oferecia numa prece muda; depois eu mesmo me ria de uma tal idéia. Estas caminhadas a pé se tornaram, mais tarde, um fundamento da minha vida; uma grande parte da minha vida que se apresentou desde então, eu a passei, como caminhante, em excursões por diversos países, que duravam semanas e até meses inteiros. Acostumei-me a andar com pouco dinheiro e um pedaço de pão no bolso, a passar dias e dias sozinho no caminho e até a dormir, algumas vezes, ao relento.

Devido aos meus trabalhos literários, eu me esquecera completamente da pintora. Chegou-me às mãos um bilhete da sua parte: "Alguns amigos e amigas virão tomar chá comigo na quinta-feira. Por favor, venha também e traga seu amigo."

Fomos e encontramos reunida uma pequena colônia de artistas.

Eram, em geral, artistas desconhecidos, esquecidos, fracassados, o que, para mim, tinha algo de comovedor, embora todos parecessem bastante satisfeitos e folgazãos. Havia chá, pão com manteiga, presunto e salada. Como não encontrasse ali nenhum conhecido, e como, de resto, não era muito comunicativo, dei asas ao meu apetite, comendo quase durante meia hora, em silêncio e sem parar, enquanto os outros bebericavam seu chá e conversavam. Quando estes finalmente, um atrás do outro, quiseram se servir, constatou-se que eu comera quase todo o presunto. Eu calculara, erroneamente, que houvesse pelo menos outra bandeja de reserva. Começaram a rir, discretamente, e eu senti alguns olhares irônicos; fiquei furioso com a italiana, amaldiçoando-a juntamente com o seu presunto. Levantei-me e pedi-lhe desculpas, secamente, declarando que da próxima vez eu traria meu jantar, e peguei o meu chapéu.

Então a Aglietti tirou o chapéu da minha mão, olhou-me de maneira espantada e tranqüila, pedindo-me, seriamente, que ficasse.

No seu rosto tombava a luz de um abajur, suavizada pelo tecido da cúpula, e então eu vi, ainda dominado pela indignação e com olhos que, de repente, se descerraram, a maravilhosa beleza madura daquela mulher. Senti então que havia sido mal-educado e idiota e, como um menino de escola que houvessem corrigido, fui me sentar num lugar afastado. Fiquei ali, folheando um álbum com vistas do Lago de Como. Os outros tomavam chá, iam de um lado para o outro, não conversavam entre si e, nalgum lugar, no fundo, afinavam-se violinos e um *cello*. Uma cortina foi afastada e quatro jovens ram sentar-se diante de estantes improvisadas, prontas para apresentar um quarteto de cordas. Nesse preciso momento a pintora aproximou-se de mim colocando uma xícara de chá à minha frente, sobre a mesinha, fez-me um sinal amistoso e sentou-se ao meu lado.

o quarteto deu início à sua apresentação e continuou por muito tempo; eu porém não ouvia nada, pois meus olhos arregalados só viam aquela figura, elegante, distinta e bem trajada de mulher, de cuja beleza eu duvidara e cujas provisões eu havia devorado. Foi com alegria que me recordei que ela havia

querido me desenhar. Depois pensei em Rösi Girtanner, na subida da montanha, nas rosas alpinas, na estória da Princesa das Neves, que agora me pareciam como se tivessem sido uma preparação para este momento.

Quando terminaram de tocar, a pintora não se retirou, como eu havia temido que ela fizesse, mas continuou tranqüilamente sentada ao meu lado, conversando comigo. Elogiou uma novela que eu havia escrito e que fora publicada num jornal. Caçoou de Ricardo, que se achava rodeado de moças, e cujas risadas despreocupadas ecoavam por cima de todas as outras vozes. Então reiterou o pedido, se podia me desenhar. Tive uma idéia. Sem fazer uma pausa, continuei a conversar, em italiano, e colhi, não somente um olhar alegre e surpreso daqueles magníficos olhos expressivos de mulher italiana, como tive eu próprio a indizível satisfação de ouvi-la falar na sua própria língua, que harmonizava com sua boca, com seus olhos e com toda sua pessoa; a sonora, elegante e fluente língua toscana com um ligeiro toque de dialeto do Tessino, Eu não falava um italiano puro ou fluente, o que aliás não me atrapalhou. Fui convidado a voltar no dia seguinte para que ela me desenhasse.

"A rivederla", disse eu ao me despedir, inclinando-me o mais profundamente possível.

"A rivederci domani", respondeu a anfitriã rindo-se e acenando amavelmente.

Ao sair da sua casa continuei andando sempre em frente, até que a rua alcançou o cimo de uma colina e então diante de mim descortinou-se a paisagem sombria, bela e majestosa. Uma única barca com luzes vermelhas atravessava o lago, atirando brilhantes faixas escarlates na água escura, donde nada se elevava, a não ser, aqui e ali, a crista de uma onda isolada e estreita, como um traço fino e prateado. Num jardim próximo ouviam-se os sons de um bandolim e gargalhadas. O céu estava encoberto até quase a metade e sobre as colinas corria um vento forte e quente.

E assim como o vento acariciava os galhos das árvores frutíferas e as coroas negras dos castanheiros, fazendo-as sofrer, curvando-as, a ponto delas gemerem e gargalharem e estremecerem, assim também fazia comigo a paixão. Ajoelhei-me assim que alcancei o cume da colina, deitei-me sobre a terra, pulei e gemi, bati com os pés no solo, joguei o chapéu para bem longe de mim, enfiei o rosto na relva, sacudi os troncos das árvores, chorei, dei risada, solucei, esbravejei, senti vergonha, rejubilei-me e vi-me preso por uma angústia de morte. Dentro de uma hora eu dera expansão a tudo que havia no meu íntimo sufocando-o num torpor sombrio. Eu não pensava em nada, não resolvia nula não sentia nada; como um sonâmbulo desci a colina, perambulei por quase toda a cidade, notei um pequeno bar ainda aberto, entrei sem muito entusiasmo, bebi duas garrafas do vinho de Waadt e voltei para casa, de manhãzinha, tremendamente embriagado.

Na tarde do dia seguinte a senhorita Aglietti mostrou-se muito assustada ao me ver.

O que aconteceu com o senhor? Está doente? Seu aspecto é horrível."

"Nada de grave", disse eu. "Parece-me que bebi demais ontem à noite, apenas isso. Por favor, dê início ao seu trabalho!"

Sentei-me numa cadeira e fui convidado a ficar bem quieto.

Foi o que fiz, pois em breve caí no sono e assim passei a tarde toda, dormindo, no atelier. Acho que foi devido ao cheiro de terebintina que sonhei que nosso barco, lá em casa, estava sendo pintado de novo. Eu estava deitado sobre o saibro e olhava meu pai que manuseava seus pincéis e latas de tinta; também minha mãe se encontrava ali e quando lhe perguntei se não estava morta, ela respondeu muito de mansinho: "Não, porque se eu estivesse morta, você se tornaria um pulha, igual ao seu pai."

Quando acordei, caí da cadeira e, para meu espanto, encontrei-me transportado para o atelier de Ermínia Aglietti. Não a via pessoalmente, mas ouvia como ela lidava com xícaras e talher, na salinha ao lado, e deduzi que era chegada a hora do jantar.

"O senhor já está acordado?" gritou ela de lá.

"Sim. Dormi muito?"

"Quatro horas. Não se sente envergonhado?"

"Oh! sim. Mas tive um sonho tão lindo!"

"Pois conte-o!"

"Só se a senhora sair daí e me perdoar."

Ela veio, mas quanto a me perdoar, ela preferiu que ficasse para mais tarde, quando eu acabasse de contar o meu sonho. Bem, eu o contei e, partindo daí, do simples relato de um sonho, penetrei profundamente no meu tempo de criança, já esquecido, e, quando me calei e já estava tudo escuro, eu lhe havia contado, e também a mim mesmo, toda a estória da minha infância. Ela me deu a mão, alisou o meu casaco todo amarrotado convidando-me a voltar novamente amanhã para o desenho, e eu senti que ela havia compreendido e perdoado também esta minha falta de educação de hoje.

Nos dias que se seguiram eu posei durante horas e horas. Pouco se falava durante o trabalho, eu ficava simplesmente ali, sentado ou em pé, quieto e como que deslumbrado, ouvindo o raspar macio do carvão no papel, aspirando o ligeiro odor da tinta a óleo e não sentindo outra impressão, a não ser o de estar na presença da mulher amada, tendo seu olhar, constantemente, voltado para mim. A luz branca do atelier escorria pelas paredes, algumas moscas sonolentas zumbiam nas vidraças e, na salinha ao lado, a chama do álcool cantava na espiriteira, pois, após cada pose eu era servido de uma xícara de café.

Em casa eu pensava muito em Ermínia. Nada afetava ou diminuía minha paixão só porque não conseguia admirar sua arte. Ela própria era tão bela, bondosa, compreensível e segura de si mesmo que me interessavam seus quadros? Achava algo de heróico no seu trabalho diligente. A mulher em luta pela vida, uma heroína silenciosa, paciente e destemida. Aliás, não existe nada mais inútil que pensar na pessoa que se ama. Tais divagações são como algumas canções de soldados ou canções populares, onde acontece uma porção de coisas, mas cujo refrão é sempre repetido, com insistência, mesmo onde ele não combina.

Assim também trago comigo, na lembrança, a imagem da bela italiana, não totalmente apagada, mas desprovida daquelas linhas e traços que muitas vezes se percebe mais em pessoas estranhas do que naquelas que convivem conosco. Não me recordo mais do penteado que ela usava, de que maneira costumava se vestir

e assim por diante; nem mesmo se era alta ou baixa. Quando penso nela, vejo uma cabeça de mulher, com cabelos escuros e de aspecto fidalgo; dois olhos não muito grandes, porém argutos, num rosto pálido e expressivo e uma boca de lábios estreitos e bem recortados, de marcante maturidade. Quando volto meus pensamentos para ela e àquela época de paixão, só me recordo daquela noite no alto da colina, onde o vento quente soprava sobre as águas do lago e onde eu chorei, exultei e onde eu uivei, furioso. E também de uma outra noite sobre a qual falarei agora.

Cheguei à conclusão que deveria de qualquer maneira declarar-me à pintora e pedir sua mão em casamento. Se ela estivesse longe de mim, então eu simplesmente continuaria venerando-a e sofrendo, por ela, em silêncio. Mas, tendo a oportunidade de vê-la todos os dias, falar com ela, estender-lhe a mão e entrar na sua casa sempre com um espinho atravessado no meu coração, não, isso eu não agüentava por mais tempo.

Fora organizada uma pequena festa de verão pelos artistas e seus amigos. O local escolhido era um jardim muito bonito às margens do lago, numa noite morna e aprazível em pleno apogeu do verão.

Nós tomamos vinho e água gelada, ouvimos música, odiando as lanternas de papel vermelho presas nas compridas guirlandas penduradas entre as árvores. Conversou-se, caçoou-se, riu-se e finalmente cantou-se. Um rapazola qualquer, principiante na arte da pintura, bancava o romântico dentro de um barrete atrevido, deitado de costas na balaustrada, dedilhando uma guitarra de pescoço comprido.

Os poucos artistas famosos, ou bem não haviam comparecido, ou bem se encontravam no círculo dos mais velhos, invisíveis. Quanto as mulheres, haviam aparecido algumas, mais jovens, com vestidos muito claros de verão; as outras andavam por ah, com seus habituais trajes de trabalho, de mau gosto. Uma delas principalmente me chamou a atenção, de maneira repulsiva; tratava-se de uma estudante feia com um chapéu de palha, de homem, sobre os cabelos muito curtos, fumando charuto, bebendo vinho a valer, e falando alto e com exagero.

Ricardo encontrava-se, como sempre, entre as mocinhas. Apesar de toda aquela excitação eu estava calmo, bebia pouco e aguardava a chegada de Aglietti, que havia prometido sair comigo num passeio de barco. Finalmente ela chegou, deu-me algumas flores e subiu no barco, em minha companhia.

O lago estava liso como óleo e não apresentava cores, dentro da noite. Conduzi o leve barco, rapidamente, para bem longe, na calma extensão do lago, olhando sem cessar a esbelta figura de mulher à minha frente, recostada confortavelmente no lugar do piloto, parecendo muito satisfeita. O céu muito alto ainda estava azul e empurrava, aos poucos, para fora, uma estrela pálida atrás da outra; na praia ouvia-se aqui e ali música e a alegria dos que se divertiam no jardim. A água preguiçosa recebia os remos com um suave gorgolejar e outros barcos vagavam, em diversos pontos, escuros, quase invisíveis, na superfície plácida. Eu pouco notava essas coisas, o olhar fixo na mulher que fazia às vezes de piloto, sentindo os projetos da minha declaração de amor, apertando meu coração, como um anel de ferro. O belo e o poético de todo aquele cenário noturno, o ficar sentado no barco, as estrelas, o lago morno e silencioso, tudo isso

me apavorava pois eu tinha a impressão de estar no meio de uma bela decoração de teatro, em cujo centro eu deveria representar uma cena sentimental. Nessa inquietação e também tolhido pelo silêncio profundo, pois nenhum de nós dois falava, continuei remando, com todo meu vigor.

"Como o senhor é forte!", disse a pintora.

"A senhorita quer dizer, gordo?", perguntei.

"Não, eu me refiro aos músculos", riu-se ela.

"Sim, eu sou forte mesmo."

Este era um começo pouco promissor. Triste e aborrecido continuei remando. Após algum tempo pedi-lhe que me contasse algo sobre sua vida. "O que é que o senhor gostaria de ouvir?"

"Tudo", disse eu. "De preferência uma estória de amor. Depois eu também lhe contarei uma a meu respeito, minha única. Ela é breve e bela e a senhorita irá se divertir."

"O que o senhor está falando? Pois conte de uma vez!"

"Primeiro a senhorita! Aliás, já sabe muito mais sobre minha vida do que eu sobre a sua. Eu gostaria de saber se a senhorita já esteve realmente apaixonada, alguma vez, ou se, como presumo, é por demais inteligente e orgulhosa para isso."

Ermínia refletiu por uns instantes.

"Lá vem o senhor com suas idéias românticas", disse ela, "ficar ouvindo uma mulher contar estórias, em plena noite, em águas escuras. Infelizmente isso eu não sei fazer. Vocês poetas estão habituados a dar nomes bonitos a todas as coisas e a não confiar naqueles que falam menos dos seus sentimentos. O senhor se enganou quanto a mim, porque não creio que se possa amar com mais força e violência do que eu. Amo um homem que está preso a uma outra mulher e ele não me ama menos; entretanto nós dois não sabemos se será possível um dia nos unirmos. Nós nos correspondemos, às vezes chegamos a nos encontrar..."

"Posso lhe perguntar se esse amor a faz feliz, desesperada, ou ambas as coisas?"

"Ora, o amor não existe para nos fazer felizes. Acredito que ele exista para nos mostrar até que ponto vão as nossas forças para suportar os sofrimentos."

Isto eu compreendia muito bem e não pude evitar que algo semelhante a um suspiro saísse de minha boca, em vez de uma resposta.

Ela percebeu.

"Ah", disse ela "o senhor já conhece isso? O senhor é tão jovem! E agora, quer confessar-se comigo? Mas somente se quiser mesmo..."

"Talvez numa outra oportunidade, senhorita Aglietti. Hoje não estou de boa veneta e sinto muito se por acaso perturbei sua boa disposição. Vamos voltar?"

"O senhor é quem decide. A que distância nos encontramos, afinal?"

Eu não dei mais nenhuma resposta, mas mergulhei ainda mais os remos dentro d'água, com violência, dei meia volta ao barco e disparei, como se o vento nordeste estivesse se aproximando. O barco deslizava, rápido, sobre o lago e no meio daquele torvelinho de vergonha e desespero, que cozinhava dentro de mim, senti como o suor corria em bagas sobre o meu rosto, ao mesmo tempo que eu gelava. Quando eu penso quão próximo estava de cair de joelhos e bancar o

requerente apaixonado e afastado com uma recusa maternal e amigável, sinto um arrepio percorrer-me a espinha. Felizmente isso me foi poupado; eu que pusesse um fim aos outros gemidos. Como um possesso, remei de volta.

A bela senhorita ficou um tanto aturdida, quando a deixei sozinha na praia, após uma despedida lacônica. O lago continuava tão plácido como dantes, a música tão alegre e as lanternas de papel tão festivas como antes; para mim, tudo aquilo não passava de bobagens ridículas. Principalmente a música. O rapaz de casaco de veludo que continuava tocando a sua guitarra presa por uma longa fita de seda, se pavoneando todo, esse então eu tinha ganas de enforcar! E, além disso tudo, ainda havia fogos de artifício. Que coisa mais infantil!

Tomei emprestado alguns francos de Ricardo, afastei o chapéu para a nuca e comecei a caminhar, primeiro para fora da cidade e depois cada vez para mais longe, e as horas iam passando até que senti sono. Deitei-me num campo e, quando acordei uma hora depois, estava coberto de orvalho e todo molhado; levantei-me tolhido de frio tremendo, e fui em direção a uma aldeia próxima. Era bem cedo de manhã. Ceifadores de trevo percorriam a estrada poeirenta, criados sonolentos espiavam pelas portas das cocheiras; em todos os lugares se via a atividade do trabalho camponês durante o verão. Você deveria ter continuado camponês, dizia para mim mesmo, à medida que atravessava, envergonhado, a aldeia, continuando minha jornada, embora fatigado, até que o primeiro calor do sol me permitiu um descanso. À borda de um bosquezinho de jovens faias, atirei-me na relva árida e dormi ao calor do sol, até bem tarde. Quando despertei, a cabeça perfumada com o odor dos campos e os membros agradavelmente pesados como só acontece após um repouso prolongado sobre a querida terra de Deus, então a festa, o passeio de barco, tudo isso me pareceu muito distante, triste e já meio esquecido, como um romance lido alguns meses atrás.

Ausentei-me durante três dias, deixei que o sol queimasse minha pele e fiquei pensando se não seria melhor ir de volta para minha casa e ajudar meu pai junto a seus vinhos.

Está claro que com isso a dor estava longe de estar sanada. Depois da minha volta, na cidade, eu fugia, no princípio, aos olhos da pintora, como se foge da peste, mas isso não podia continuar assim e sempre que eu a encontrava, e que ela me olhava ou me dirigia a palavra, sentia que o desespero me subia à garganta.

4

Aquilo que meu pai, no seu tempo, não havia alcançado, conseguiu-o esta desilusão amorosa, fazendo de mim um bêbedo.

Em relação à minha vida e ao meu caráter, isso foi mais importante do que tudo aquilo que relatei até agora. O deus forte e poderoso tornou-se para mim um amigo fiel e até hoje continua sendo.

"Tão poderoso como ele? Quem tão belo, tão fantástico, encantador, alegre e melancólico? Ele é um herói e um mágico. É um sedutor e irmão de Eros. Ele consegue o impossível e enche os pobre corações dos homens de belos e maravilhosos poemas. Transformou -me de camponês e homem solitário em rei, em um poeta, em um sábio. Os barcos da vida que ficaram vazios, ele os carrega com novos destinos e traz de volta os náufragos, através das rápidas correntezas da vida.

Assim é o vinho. Acontece com ele o que acontece com todos os dons e todas as artes que são preciosos. Quer ser amado, procurado compreendido e conquistado com muito esforço. Não são muitos os que conseguem e ele destrói milhares e milhares deles. Ele os transforma em velhos, mata-os, ou apaga neles a chama do espírito. Contudo, seus favoritos são convidados para as festas e chega até mesmo a construir-lhes pontes de arco-íris a fim de alcançarem ilhas encantadoras. Quando estão fatigados, coloca almofadas sob suas cabeças e quando são atingidos pela tristeza ele os envolve com um abraço bondoso e leve, como um amigo, ou como uma mãe que consola. Transforma as desgraças da vida em grandes mitos, e em harpas poderosas tange os hinos da criação. Ele é também uma criança de cabelos sedosos e compridos, ombros estreitos e membros delicados, que se recosta no seu coração e levanta para o seu, o rosto fino, encarando-

o admirado e sonhador, com seus olhos grandes e meigos onde, bem no fundo, fluem as recordações do Paraíso e a não perdida inocência que Deus concede às criancinhas, pairando cintilante como uma fonte apenas nascida no seio da floresta.

E o doce deus assemelha-se ainda a uma correnteza que atravessa, profunda e tormentosa, uma noite de primavera. Assemelha-se também ao mar que embala o sol e a tempestade, com a frescura de suas ondas. Ao dirigir-se aos seus favoritos, estes são surpreendidos pelo tormentoso mar dos mistérios, das recordações, da poesia e dos pressentimentos que, fremindo e agitados, abafam todos os outros ruídos. O mundo conhecido se torna pequeno e se perde, e com alegria temerosa a alma se atira na imensidão sem limites do desconhecido, onde tudo é estranho e tudo é familiar e onde é falada a linguagem da música, dos poetas e dos sonhos.

Agora é necessário que eu comece a contar.

Aconteceu que eu, me esquecendo de mim mesmo, conseguia ficar alegre horas a fio, estudar, escrever e ouvir a música de Ricardo. Porém, nenhum dia passava sem que eu sofresse. Algumas vezes eu era acometido, durante a noite, na cama; então eu gemia, me agitava, até que, vencido pelas lágrimas, acabava adormecendo. Ou então tudo ressurgia quando eu encontrava a Aglietti; mas, em geral, era no cair da tarde, no começo das belas, mornas e exaustivas noites de verão. Então, eu me dirigia para o lago, tomava um barco, remava até sentir calor e cansaço, achando-me depois impossibilitado de voltar para casa. Ia a uma taberna, onde fazia a prova de diversos vinhos; bebia e afogava minhas mágoas, acordando no dia seguinte, doente. Inúmeras vezes, estando nesse estado lastimável, eu me sentia tão miseravelmente enojado que tomava a firme resolução de não mais beber. Mas tudo recomeçava de novo. Aos poucos

comecei a distinguir os vinhos e seus efeitos e saboreava-os com uma espécie H consciência; em geral, porém, eu o fazia inocente e grosseiramente. Para terminar decidi-me pelo rubro Veltlino. Ao primeiro copo sentia-me seco e excitante, depois ele envolvia meus pensamentos, com um tênue véu, até chegar a fantasias serenas e constantes, para depois começar a encantar, criar e poetizar. Eu evocava então, dentro de uma apresentação magnífica, todas as paisagens que me haviam agradado eu caminhando ali entre elas, cantando, sonhando e sentindo como que uma vida mais superior e mais ardente vibrando dentro de mim. E tudo terminava com uma tristeza agradável, com o violino tocando canções populares ou como se eu estivesse conhecendo uma felicidade muito grande, junto à qual eu passara, mas que perdera.

Muito naturalmente fui deixando de beber sozinho, para beber com toda espécie de companhia. Sempre que me encontrava rodeado de outras pessoas, o vinho exercia uma reação diferente em mim. Tornava-me loquaz, sem contudo ficar excitado, sentindo uma estranha febre de frio. Uma das facetas da minha natureza, que até então eu quase ignorava, desabrochou de repente, mas ela não pertencia às flores dos jardins ou às de adorno; tratava-se de cardos e urtigas. Ao mesmo tempo que eu me tornava palrador, sentia-me possuído de um espírito frio e penetrante, mais seguro de mim mesmo, mais decidido, crítico e mordaz. Se havia pessoas cuja presença não me era agradável, eu as tratava de uma maneira, ora sutil e astuta, ora grosseira e insistente, aborrecendo-as, a ponto delas se apressarem para ir embora. Desde criança que as criaturas humanas, em geral, não me eram particularmente necessárias ou queridas; comecei a observá-las sob um prisma crítico e irônico. Tinha prazer em inventar e contar pequenas estórias onde as relações entre os homens eram apresentadas com muita ironia, sem amor, e numa objetividade aparente, ironizadas com amargura. Donde me vinha esse tom de desprezo, eu próprio não saberia dizê-lo; irrompia do meu ser como um abcesso maduro, do qual durante muitos anos não foi possível me ver livre.

Se, por vezes, à noite, eu me encontrava só, então punha-me a sonhar novamente com as montanhas, estrelas e música triste e dolente.

Nessas semanas escrevi uma série de considerações sobre sociedade, cultura e arte da nossa época, um pequeno e venenoso livrinho, cuja inspiração me vinha das minhas conversas na taberna.

Quanto aos meus estudos sobre a História, que prosseguiam ativamente e, eram acrescidos de material de contos que davam às minhas estórias uma espécie de sólido pano-de-fundo.

Graças a essa obra recebi de um jornal importante o cargo de colaborador efetivo, o que quase assegurava a minha subsistência. Logo em seguida aquelas publicações apareceram em forma de livros soltos e obtiveram algum sucesso. Atirei então a filologia bem longe. Nessa altura eu já cursava um outro semestre da faculdade, obtivera contratos com jornais alemães, tirando-me da atual obscuridade e pobreza onde me encontrava, para subir ao círculo dos escritores consagrados. Ganhava meu próprio pão; renunciei à bolsa de estudos e mergulhei a todo vapor na vida desprezível de um pequeno profissional das letras.

Apesar do meu sucesso e da minha vaidade, apesar das sátiras e apesar das minhas penas de amor, pairava sobre mim, na alegria, na melancolia, o esplendor

cálido da mocidade. A despeito da ironia e de uma pequena e inofensiva presunção da minha parte, via na minha frente, nos meus sonhos, um destino, uma felicidade e uma realização. O que seria, eu mesmo o ignorava. Sentia apenas que a vida, um dia, poria diante dos meus pés uma felicidade especialmente risonha, a fama talvez, um amor, a satisfação dos meus anseios e a exaltação da minha pessoa. Continuava sendo o pajem que sonha com as damas e em ser armado cavaleiro, com as honrarias que o aguardam.

Julguei estar no início de uma carreira brilhante. Não sabia que tudo que encontrara até agora haviam sido meros acasos, e que faltava ainda à minha natureza e à minha vida o profundo tom pessoal que lhe é próprio. Ainda não sabia que padecia de um desejo ardente que não encontra seu limite e sua satisfação nem no amor nem na fama.

E foi assim que eu desfrutei da minha modesta glória como escritor, um tanto obscura, mas com todo o entusiasmo da juventude. Sentia prazer em estar na companhia de um bom vinho e de criaturas inteligentes e espirituosas e de ver que, quando eu tomava a palavra, os rostos se voltavam para mim, ávidos e atentos.

Às vezes eu reparava que uma imensa ansiedade clamava alto em todas aquelas almas de nossos dias, pedindo por uma libertação a qual os conduzia por caminhos estranhos. Acreditar em Deus era considerado uma asneira e até mesmo uma inconveniência e, por outro lado, acreditava-se em um sem número de doutrinas e nomes; em Schopenhauer, em Buda, em Zaratustra e muitos outros. Havia jovens poetas desconhecidos, que em casas luxuosas praticavam meditações solenes diante de estátuas e quadros. Sentiriam vergonha de se prostrarem diante de Deus, mas ajoelhavam-se diante de Júpiter de Orticoli. Havia ascetas que se torturavam na abstinência e cujo asseio bradava aos céus. Seu Deus chamava-se Tolstoi ou Buda. Artistas havia que se procuravam estimular através de bem escolhidos e caros tapetes, músicas, iguarias, vinhos, perfumes e cigarros, a fim de alcançar estranhos e originais estados de alma. Discorriam fluentemente e com afetada naturalidade sobre temas musicais, combinações de cores e coisas no gênero, sempre à espreita de uma "nota pessoal" que consistia, quase sempre, numa insignificante e inofensiva ilusão ou doidice. No fundo, toda essa comédia forçada não deixava de ser, para mim, divertida e ridícula; contudo eu sentia, freqüentemente, com um arrepio de susto, quantas aspirações profundas, e legítimas forças anímicas que ali se encontravam, se dissipavam em chamas e em cinzas.

De todos aqueles poetas, artistas e filósofos fantásticos que procuravam ingressar na nova moda e que eu conhecia, privando ao seu lado, com verdadeira surpresa e deleite, nenhum que eu saiba chegou a sobressair-se por algo importante que tenha feito. Entre eles havia um alemão do norte, da minha idade, um individuozinho simpático, criatura amável, sensível e delicado em relação a tudo aquilo que podia se referir à arte. Passava por ser um dos grandes poetas do futuro e tive a oportunidade de ouvir alguns versos de sua autoria que ainda, até hoje, flutuam na minha memória, como algo de muito leve e de uma beleza cheia de alma. Talvez ele, entre todos os demais, pudesse realmente vir a ser alguém, um verdadeiro poeta. Foi contudo, por acaso, que ouvi tempos depois, a estória

da sua vida. Devido a um fracasso literário, e tendo-se tornado arredio, esta criatura de uma sensibilidade tão grande afastou-se do convívio do público caindo nas mãos de um miserável Mecenas que, em lugar de estimulá-lo e de trazê-lo de volta à razão, levou-o ao caos total e completo. Nos salões dos palácios do rico senhor, na presença de damas nervosas, ele mantinha insípidas palestrazinhas recheadas de fanfarrice sobre estética, criando na sua imaginação sua própria imagem de figura de um herói desconhecido e, muito mal orientado, usando da música de Chopin e de êxtases pré-rafaelísticos foi levado, por si mesmo, sistematicamente à perda da razão.

Só consigo me lembrar, com pavor e piedade, dessa multidão de poetas e de belas almas ainda crianças, com seus trajes e penteados excêntricos, e foi somente bem mais tarde que notei o perigo que representava, para mim, privar em tal companhia. Bem, o que me fez escapar dessa confusão foi tão somente minha natureza de camponês lá das montanhas.

Acima porém da fama e do vinho, do amor e da sabedoria, eu coloco a amizade como portadora de mais nobreza e felicidade. E foi finalmente ela que me ajudou a combater o meu pessimismo natural em face à vida, e que conservou intacta a frescura e o albor da minha mocidade. Não conheço no mundo nada mais precioso que uma amizade honesta e verdadeira entre homens e se, algumas vezes, sou acometido de saudades dos tempos da minha mocidade, trata-se tão somente da minha amizade do tempo de estudante.

Desde que me apaixonara por Ermínia, afastara-me um pouco de Ricardo, A princípio fi-lo sem o perceber; algumas semanas depois minha consciência começou a me acusar e senti remorsos. Confessei-lhe meus sentimentos e ele me revelou que vira crescer toda aquela desgraça, com pesar; voltei então para seu lado, cordial e zelosamente. Tudo aquilo que conquistara naqueles dias, em pequenos detalhes na arte de viver, devo-o a ele que era uma criatura bela e alegre, de corpo e de alma; sendo que a própria vida para ele parecia não ter sombras. Conhecia muito bem, como homem inteligente e esclarecido que era, as paixões e os erros da época mas não se deixava contaminar pelos mesmos. Sua maneira de andar e de falar e toda sua natureza, tudo nele era flexível, harmonioso e amável. E como ele sabia rir!

Não tinha porém muita contemplação para com meus estudos sobre os vinhos. Às vezes ele me acompanhava, porém contentava-se com dois copos, e era com ingênua admiração que observava meu consumo cada vez maior de bebida. Mas quando percebia que eu estava sofrendo, sucumbido e indefeso sob o peso da melancolia, meu amigo tocava um pouco de música para mim ou me levava a passear. Durante nossas pequenas excursões nós dois nos comportávamos como dois moleques endiabrados. Uma ocasião, em pleno calor do meio-dia deitamo-nos sobre a relva num vale arborizado, para fazer a sesta, atirando agulhas de pinheiro um no outro e cantando trovas da "Piedosa Helena", acompanhadas de melodias sentimentais. O murmúrio rápido e insistente do regato muito claro subiu até nós que, não resistindo à tentação, resolvemos nos despir e deitar naquela água gostosa e fria. De repente veio-nos a idéia de fazer teatro. Ricardo sentou-se sobre um rochedo coberto de musgo: Ele era a Lorelei e eu navegava lá em baixo no meu pequenino barco. Ele conseguia apresentar um

ar tão ingênuo de donzela pudica e fazia tantas caretas que eu, dentro do meu papel de sofredor indômito, mal podia conter o riso. Eis que de repente ouvimos vozes e um grupo de turistas surgiu no atalho e nós tivemos que, dentro da nossa nudez, nos esconder na praia inclinada e lavada pelas águas, No momento em que o grupo de turistas passou diante de nós, sem suspeitar de nada, Ricardo começou a emitir toda espécie de sons estranhos: grunhia, guinchava e bufava. As pessoas pararam, olharam em volta, perscrutaram as águas e estavam quase nos descobrindo, quando Ricardo, saindo de seu esconderijo dentro d'água, encarou o grupo, indignado, e declamou com ar grave e gestos sacerdotais:

"Ide em paz!". Depôs disso desapareceu novamente e beliscando o meu braço interpelou-me: "Isto é uma charada".

"Qual delas?" perguntei.

"Pan assusta alguns pastores", disse, rindo-se. "Pena que entre eles também se encontrem mulheres."

Dava também pouca importância aos meus estudos sobre História mas quanto à minha predileção, quase paixão, por São Francisco de Assis, essa ele logo partilhou comigo, embora em certas ocasiões fizesse brincadeiras jocosas a este respeito, o que muito me indignava. Acompanhávamos os passos do santo que, tal criança grande caminhava amável, entusiasmado pelas estradas da Úmbria, feliz com o seu Deus e cheio de amor humilde pelos homens. Juntos lemos o seu imortal Cântico ao Sol e já o sabíamos quase de cor.

Uma vez. ao voltarmos de um passeio de barco a vapor sobre o lago, como a brisa noturna ondulasse as águas douradas, ele me perguntou bem de mansinho: "E agora, o que diria o santo?" E eu declamei: "Laudato si, misignore, per frate vento e per aere e nubilo e sereno et onne tempo!"

Quando nos púnhamos a brigar dizendo coisas desprezíveis, ele me atirava à cabeça, em tom de gracejo e como fazem os estudantes, uma série de apelidos divertidos; eu começava a rir, pondo um fim às nossas zangas. Somente quando ouvia, ou ele próprio tocava suas músicas prediletas, é que meu querido amigo se mostrava relativamente sério. Mesmo assim, algumas vezes se interrompia para fazer graça. Entretanto seu amor pela arte era feito de uma doação plena e pura, e de coração, e seus sentimentos pelo autêntico e importante pareciam-me infalíveis.

Conhecia maravilhosamente bem a delicada e terna arte de consolar, a arte da presença que se impõe, nos momentos de dor ou da necessidade de um estímulo em relação a um amigo. Quando eu me encontrava de mau humor ele sabia contar uma porção de coisas engraçadas, de anedotas, com muita presença de espírito; o tom de sua voz tinha algo de repousante, de estimulante, ao qual eu raramente conseguia resistir.

A mim, ele respeitava um pouco, porque eu era mais sério do que ele, e o impressionava ainda mais devido à minha estatura, ao meu corpanzil. Na frente dos outros ele contava vantagem e se sentia orgulhoso de ter um amigo que poderia estrangulá-lo com uma só mão. Dava grande importância à capacidade e agilidade físicas; ensinou-me a jogar tênis, remava e nadava comigo, levava-me a passear a cavalo e não descansou até que eu jogasse bilhar quase tão bem quanto ele. Este era seu jogo favorito e o praticava, não apenas com arte e maestria,

dirigindo-se ao salão de bilhar, com entusiasmo e alegria. Freqüentemente dava às três bolas o nome de pessoas conhecidas e a cada jogada, à medida que as bolas se aproximavam ou se distanciavam, ele criava romances cheios de espírito brincalhão, insinuações jocosas e comparações caricatas. Jogava calmamente, com leveza e acima de tudo com muita elegância, o que constituía um prazer observá-lo.

Quanto às minhas atividades literárias, ele as valorizava tanto quanto eu mesmo. Um dia ele me disse: "Veja, eu sempre o tomei por um poeta e ainda o faço, não por causa desses seus folhetins, mas porque sinto que você tem algo de belo e de profundo vivendo no seu interior e que cedo ou tarde irá irromper daí de dentro. E isto será uma verdadeira poesia."

Enquanto isso os semestres passavam, como pequenas moedas que fogem entre nossos dedos e, sem que o percebêssemos, chegou o tempo em que Ricardo deveria voltar para sua terra natal. Com uma indiferença um tanto forçada, aproveitamos as últimas semanas que corriam, rápidas, e chegamos à conclusão que deveríamos, antes da amarga despedida, empreender algo de festivo e de notável, para encerrar todos esses belos anos de maneira alegre e promissora. Propus, da minha parte, umas férias nos Alpes bernenses, mas ainda não estávamos na primavera e era cedo para irmos para as montanhas.

Enquanto quebrávamos a cabeça em busca de outras sugestões, Ricardo escrevera a seu pai e, na surdina, preparou-me uma surpresa agradável e encantadora. Chegou um belo dia com um polpudo cheque e convidou-me para acompanhá-lo, como guia, ao norte da Itália.

Meu coração batia, confuso e jubiloso. Um sonho maravilhoso, ternamente acalentado, milhares de vezes sonhado desde os tempos de criança, iria finalmente se realizar. Como em estado febril comecei a arrumar meus poucos pertences; ensinei algumas palavras em italiano ao meu amigo, ainda duvidando, até o último dia, de que tudo isso não iria água abaixo.

Nossa bagagem seguiu na frente; eis-nos dentro do vagão. Os campos verdes e as colinas desfilavam; chegou o lago Uri e o Gotthard; em seguida as aldeiazinhas aninhadas nos morros, os regatos, as encostas de cascalhos, os picos nevados do Tessin e, depois, as primeiras e escuras casas de pedra nas planícies plantadas com vinhas e a tão esperada corrida do trem aos lagos e através da opulenta Lombardia, em direção à barulhenta e alegre Milão que, de maneira estranha, nos atrai e nos repele.

Ricardo não tinha a menor idéia do que fosse a Catedral de Milão; sabia apenas que se tratava de uma construção famosa e imensa. Foi divertido constatar sua indignação e decepção. Quando conseguiu dominar o primeiro susto e voltou ao seu bom humor natural, propôs que subíssemos ao telhado e ficássemos ali em cima, perambulando no meio daquela confusão de estátuas de pedra. Verificamos com uma certa satisfação que não havia motivo de ter pena das centenas de estátuas dos nossos santos lá nos seus nichos, porque elas provavam terem sido, pelo menos algumas das mais recentes, fabricadas em série e serem de má qualidade. Permanecemos durante quase duas horas recostados nas lajes de mármore, largas e inclinadas, que uma tarde de sol de abril havia levemente abrasado.

Sentindo-se confortavelmente instalado, Ricardo confessou-me: "Você sabe, no fundo não vejo inconveniente algum de passar por outras decepções, como a que passei com esta igreja maluca. Durante a viagem eu receava um pouco ver todas essas maravilhas que iríamos visitar e que nos iriam deixar deprimidos. E eis que a coisa se nos apresenta de maneira tão amável e humanamente cômica!" Então, aquela multidão confusa de estátuas de pedras, no meio das quais nos encontrávamos, provocou nele toda espécie de fantasias barrocas.

"Suponho", disse ele "que lá em cima, no coro da torre, na ponta mais alta deve se encontrar o mais digno e o mais alto dignitário de todos estes santos. Como não deve ser, de forma alguma, muito divertido ficar eternamente balançando naquela torrezinha pontuda, como um equilibrista de pedra, é justo que, de tempos em tempos, o santo mais importante seja libertado e carregado para o céu. Imagine só que beleza de espetáculo isso deve representar cada vez! Porque, é óbvio, todos os demais santos, de acordo com sua ordem hierárquica, saltam um lugar à frente e cada um deverá dar um pulo ousado para dentro do nicho daquele que o precede, numa pressa louca e ciumenta dos que estão à sua frente."

Desse dia em diante, todas as vezes que passava por Milão, recordava-me daquela tarde e com um sorriso saudoso via aquelas centenas de santos de mármore fazendo suas acrobacias audazes. Em Gênova enriqueci-me com um novo amor. Foi num dia claro com o vento soprando forte, naquela hora logo após o meio-dia. Eu apoiava os braços na amurada larga, tendo atrás de mim a colorida Gênova e lá em baixo, crescendo, cheia de vida, a massa azul das águas. O mar! Com seu bramir sombrio e insensato, o eterno, o imutável, projetava-se na minha direção e eu sentia que algo dentro de mim se agitava numa amizade de vida e de morte com aquelas águas azuis e espumantes.

Com a mesma violência o imenso horizonte marinho tomou posse de mim. Como na minha infância, vi novamente que aquelas distâncias de um azul vaporoso esperavam por mim, como uma porta aberta. E mais uma vez aquele sentimento tornou a se apoderar de mim: eu não nascera para ser uma criatura que permanecesse constantemente vivendo entre pessoas, nas cidades e nos lares, mas sim para percorrer terras estranhas e navegar, à deriva, mares a fora. Um impulso sombrio, antigo, aflorou no meu coração; aquele desejo nostálgico e antigo de atirar-me no regaço de Deus e de unir, fraternalmente, minha pobre e pequena vida ao Infinito e ao Eterno.

Em Rapallo lutei pela primeira vez com o mar; provei da áspera água salgada e senti a violência das ondas. E elas em volta de mim, com seus tons azuis, límpidas, os rochedos das praias de um castanho amarelado, um céu profundo e calmo e o grande sussurro eterno. Novamente vi-me preso de uma grande emoção à vista dos navios que deslizavam ao longe, dos mastros escuros e das velas claras ou das delicadas colunas de fumaça de um grande vapor que se distanciava. Depois das minhas nuvens favoritas e incansáveis, não conheço outra imagem mais bela e mais profunda no que se refere a saudade e peregrinações, do que seja um navio que vai se afastando, cada vez menor, até desaparecer finalmente no horizonte aberto que o espera.

E chegamos a Florença. A cidade estava lá, como a conhecia através de centenas de imagens e milhares de sonhos — clara, ampla, hospitaleira, atravessada pelo rio muito verde que mergulha sob suas pontes, cingida pelas colinas luminosas. A atrevida torre do Palazzo Vecchio, temerária, cortava o céu muito claro; no ponto mais alto, ostentava-se a bela Fiesole, branca,e banhada pelo sol; todas as colinas eram brancas e de um vermelho rosado, na profusão das árvores em botão. A agitada, alegre e ingênua vida toscana revelou-se-me como um milagre e senti-me em casa, mais do que no meu próprio lar. Os dias se escoavam em visitas a igrejas, praças públicas, vielas, *loggie* e mercados. Ao anoitecer eu ia sonhar nos jardins, nas colinas, onde os limões começavam a dourar, ia beber e conversar nas estalagens simples e modestas onde se servia o *chianti.* Nos intervalos passava horas cheias de encantamento e felicidade nas galerias de quadros, em Bargello nos conventos, bibliotecas e sacristias; as tardes em Fiesole, San Miriato, Settignano, Prato.

De acordo com o que havíamos combinado antes da partida, eu deixaria Ricardo sozinho durante uma semana e iria desfrutar de uma excursão que foi a mais nobre e mais preciosa da minha mocidade, através das colinas verdes e opulentas da Úmbria. Percorri as mesmas estradas de São Francisco e sentia que em algumas horas o santo caminhava ao meu lado, a alma repleta de um amor insondável, saudando cada ave e cada fonte e cada arbusto de eglantina, com gratidão e alegria. Eu prosseguia, colhendo e saboreando os limões das encostas luminosas e radiantes de sol, pernoitava em pequenas aldeias, cantava e fazia versos. Festejei a Páscoa em Assis, na igreja de meu santo. Acredito até hoje que estes oito dias de marcha através da Úmbria foram o remate do belo crepúsculo da minha mocidade. A todo momento sentia novas fontes brotando dentro de mim e olhava a paisagem luminosa e festiva da primavera, como se meus olhos estivessem mergulhados nos próprios olhos bondosos de Deus.

Na Úmbria eu acompanhara, respeitosamente, os passos de Francisco, o Jogral de Deus; em Florença eu usufruía da constante representação da vida dos *Quattrocento.* Aliás, lá na minha pátria eu já escrevera sátiras sobre as formas da vida moderna. Porém foi em Florença que, pela primeira vez senti toda a sordidez, todo o ridículo da nossa cultura moderna. E foi também lá que tive, pela primeira vez, o pressentimento de que eu seria eternamente um estranho na nossa sociedade e foi também lá que, pela primeira vez, despertou dentro de mim o desejo de daí por diante viver fora dessa sociedade e, se possível, lá pelos lados do sul. Aqui eu podia conviver com pessoas; aqui, a cada passo eu me alegrava com a espontaneidade daquela maneira de viver; uma vida sobre a qual pairava a tradição de uma cultura clássica e histórica que a envolvia, enobrecendo-a, aperfeiçoando-a.

As belas semanas fugiam, encantadoras e felizes; eu jamais vira Ricardo tão cheio de entusiasmo. Doidos de alegria, esgotávamos os cálices da beleza e do prazer. Atravessávamos aldeias perdidas, situadas em colinas abrasadoras; fazíamos amizade com estalajadeiros, monges, mocinhas da roça e vigários modestos e satisfeitos, escutando serenatas ingênuas, distribuindo pão e frutas a belas crianças morenas e vendo lá do alto das montanhas banhadas de sol, Toscana, no esplendor da primavera e, mais ao longe, o cintilante mar da Ligúria.

E nós dois tínhamos o forte sentimento de sermos dignos da felicidade que desfrutávamos e de estarmos a caminho de uma vida nova e generosa. Trabalho, luta, prazer e fama estavam tão próximos e certos diante de nós, que aproveitávamos, sem pressa, as alegrias daqueles dias felizes. A própria separação nos parecia curta e passageira, porque sabíamos, com uma certeza profunda, que éramos necessários um ao outro e que poderíamos contar um com o outro, pelo resto de nossas vidas.

Esta foi a estória da minha mocidade. Quando a relembro, parece-me que foi breve, curta como uma noite de verão. Um pouco de música, um pouco de amor, um pouco de vaidade — mas foi bela, generosa e colorida, como uma festa do Elêusis.

E apagou-se rápida e miseravelmente como uma luz ao vento.

Em Zurique Ricardo despediu-se de mim. Por duas vezes ele desceu do trem para me abraçar e, enquanto pôde, acenava para mim, carinhosamente, lá da janela do trem.

Duas semanas depois ele morria afogado quando nadava num Tiozinho ridículo ao sul da Alemanha. Não tornei mais a vê-lo e não estive presente ao seu enterro. Soube de tudo isso alguns dias depois, quando ele já estava no seu caixão, debaixo da terra. Deitei-me então no assoalho do meu modesto quarto e amaldiçoei Deus e a vida com blasfêmias vulgares e pavorosas; chorei e me desesperei, furioso. Até então eu jamais imaginara que possuíra, durante todos esses anos, o único bem verdadeiramente seguro, que fora esta amizade. E isto terminara.

Não pude mais suportar, por mais tempo, a cidade onde, diariamente, uma porção de recordações vinham ao meu encontro, não me deixavam, roubando-me até o ar. Era-me completamente indiferente o que viria a seguir; eu me encontrava ferido no mais profundo da minha alma e tinha pavor de tudo que possuía vida. No momento parecia-me quase impossível que minha natureza tão abalada viesse a se aprumar e a navegar novamente, com velas enfunadas, em direção à felicidade amarga dos anos viris. Quis Deus que eu ofertasse o melhor do meu ser a uma amizade pura e alegre. Como dois barcos ligeiros nós nos precipitamos, juntos, para a frente; o barco de Ricardo era o mais colorido, leve, venturoso e querido, ao qual meu olhar estava preso e no qual eu confiava que um dia pudesse me arrastar consigo a destinos gloriosos. E eis que ele sossobrou com um breve grito e eu continuei, à deriva, circulando em águas que, de repente, se tornaram sombrias.

Cabia a mim sair vitorioso dessa dura prova, orientar-me pelas estrelas, empreender uma nova travessia e lutar e vagar pela conquista da coroa da vida. Acreditava na amizade, no amor das mulheres, na juventude. E agora que, uma após outra, eles me haviam abandonado, por que não acreditar em Deus e me apoiar na Sua mão poderosa? Mas eu fora sempre indeciso e teimoso como uma criança e esperara sempre por uma vida própria que iria se despencar sobre mim, como uma tempestade, tornando-me compreensivo e poderoso, conduzindo-me sobre suas grandes asas a uma felicidade mais madura.

Porém a vida sábia e parca calava-se, deixando-me agir. Não me enviou nem tempestades e nem estrelas, mas aguardava, até que eu me tornasse

novamente pequeno e paciente e que dominasse minha teimosia. Permitiu, sem se abalar, que eu prosseguisse na representação da minha comédia de orgulho e de presunção, e esperou até que a criança perdida encontrasse novamente sua mãe.

5

Chegou então um período da minha vida, que, aparentemente, foi mais colorido e agitado que o anterior e que, de certo modo, daria um pequeno romance ao sabor da moda. Eu deveria relatar como fui convidado para ser redator de um jornal alemão e como dava uma liberdade exagerada à minha pena e como, devido a isso tudo, fui achincalhado e doutrinado; como em seguida conquistei a fama de bêbado e como, finalmente, após uma série de discussões venenosas pedi demissão do meu cargo e concordei em ir para Paris, na qualidade de correspondente. Como vivi, tal um cigano nesse maldito lugar, uma vida desgraçada e como, nos diversos setores, pude observar um pouco de tudo, sob diferentes aspectos.

Não se trata de covardia se eu pregar uma peça aos eventuais apreciadores de porcarias, que podem ser encontrados entre os leitores de minhas obras, e omitir este curto período da minha vida. Reconheço que trilhei caminhos bem errados, uns após outros, vi muita sujeira e chafurdei por muitas delas. Desde então, perdi o gosto pelo romantismo da vida dos boêmios e peço que me permitam ficar no que de puro e de bom tive na vida, deixando para sempre no esquecimento aquele tempo perdido e encerrado.

Uma noite eu me encontrava sozinho, no *Bois,* decidindo se deveria ou não abandonar Paris ou preferivelmente a própria vida. E pela primeira vez depois de muito tempo, percorri em pensamento a trilha da existência que levara até então, e cheguei à conclusão de que, eliminando-a, não perdia grande coisa.

Porém, de repente, vi, com uma nitidez espantosa, a lembrança de um dia há muito passado e esquecido — o despontar de uma manhã de verão, lá em casa nas montanhas, eu de joelhos junto de uma cama e, sobre esta, minha mãe que agonizava.

Estremeci de susto e envergonhei-me de não ter podido recordar-me daquela manhã, durante todo esse tempo. Os tolos pensamentos de suicídio haviam-se dissipado. Acredito que nenhum homem que pensa seriamente, a não ser que se tenha desviado do bom caminho, seja capaz de pôr um fim à sua própria vida, caso tenha assistido alguma vez ao apagar-se de uma vida sadia e honesta. Revi minha mãe no seu leito de morte. Vi novamente o seu rosto e, enobrecendo-o, o trabalho silencioso e sério da morte. Ela tinha um aspecto rude, a morte, mas tão poderoso e ao mesmo tempo tão bondoso, lembrando um pai zeloso que traz de volta para casa o filho que se perdera.

Soube, de súbito, mais uma vez, que a morte é nossa irmã inteligente e boa, que conhece o momento exato e na qual devemos confiar. Comecei também a compreender que o sofrimento, as decisões e a melancolia não existem com o fito

de nos desanimar, tirando nosso valor e nossa dignidade, mas para nos amadurecer e transfigurar.

Oito dias depois, minhas malas foram enviadas para Basiléia e eu caminhei a pé através de belas paisagens do sul da França sentindo, dia após dia, que aquela lembrança da minha passagem por Paris me perseguia como um mau-cheiro, vindo a apagar-se e a se desvanecer na neblina. Assisti a uma *cour damour;* passei algumas noites em castelos, em moinhos, em celeiros; bebi em companhia de rapazes morenos e palradores o seu vinho quente e ensolarado. Exausto, magro, queimado de sol e tendo passado por uma transformação no meu interior, cheguei dois meses depois a Basiléia. Foi a minha primeira e grande viagem, a primeira dentre muitas. Entre Locarno e Verona, entre Basiléia e Brigue, entre Florença e Perúgia, poucos são os lugares através dos quais não peregrinei com minhas botas empoeiradas — atrás de sonhos, dos quais nenhum ainda se realizou.

Em Basiléia aluguei um quarto no subúrbio e tirei meus pertences das malas, iniciando logo meu trabalho; sentia-me satisfeito por morar numa cidade calma, onde ninguém me conhecia. Continuava em contato com alguns jornais e revistas, serviço não me faltava e tinha um meio de vida. As primeiras semanas transcorreram calmas e felizes; depois a velha melancolia foi-se apoderando de mim; permaneci assim durante vários dias, semanas, e nem mesmo o trabalho conseguia afastá-la. Quem jamais sentiu dentro de si o que é a melancolia não saberá compreender o que ela significa. Como poderei descrevê-la? Eu tinha o sentimento de uma pavorosa solidão. Havia constantemente entre mim e os homens um imenso abismo. Grandes desgraças se sucediam, havia notícias importantes nos jornais — nada disso me importava. Datas festivas eram comemoradas, mortos sepultados, negócios efetuados, concertos executados — para quê, por quê? Eu corria lá para fora, embrenhava-me nas florestas, errava por bosques e estradas, e ao meu redor calavam-se prados, árvores e campos, numa tristeza sem lamúrias; olhavam-me em silêncio, suplicantes, ansiosos por dizer-me alguma coisa, vir ao meu encontro e saudar-me. Porém ficavam ali sem poder falar, e eu percebi seu sofrimento e eu participava da sua dor pois não podia libertá-los.

Fui a um médico, expus-lhe minhas observações, procurei descrever-lhe o meu mal. Ele as leu, fez perguntas e começou a me examinar.

" O senhor tem uma saúde invejável", elogiou o médico após o exame. "Fisicamente nada lhe falta. Procure distrair-se com leitura e música."

"Eu já leio, por profissão, diariamente uma porção de coisas novas."

"De qualquer forma seria aconselhável praticar exercícios ao ar livre."

"Ando todos os dias de três a quatro horas e nas férias pelo menos o dobro."

"Então o senhor deve se obrigar a conviver com outras pessoas, pois corre o risco de se tornar, seriamente, um misantropo."

"E o que importa isso?"

"Importa que o caso pode se tornar grave. Quanto mais tempo se passar, maior será seu desprazer no convívio com as pessoas e daí a necessidade do senhor se esforçar por procurá-las. Seu estado ainda não é patológico e não me

parece digno de preocupações; porém, se o senhor não deixar de perambular por aí de maneira tão passiva, poderá bem perder o seu equilíbrio."

O médico era um homem compreensivo e benevolente. Eu lhe causava dó. Recomendou-me a um homem culto, um erudito, cuja casa era muito freqüentada e onde se respirava uma certa atmosfera espiritual e intelectual; foi para onde me dirigi. Meu nome já lhes era conhecido, todos se mostraram amáveis para comigo, quase cordiais, e eu voltei diversas vezes.

Fui lá uma ocasião, numa noite de fins de outono e encontrei um jovem historiador e uma moça morena muito esguia; além deles não havia nenhum outro hóspede. A moça ocupou-se em servir o chá, falou muito, mostrando-se mordaz para com o historiador. Em seguida tocou um pouco de piano dizendo-me já ter lido minhas sátiras mas que não gostara delas. Pareceu-me inteligente e até um pouco inteligente demais; logo voltei para casa.

Todavia nesse meio tempo já se comentava, pouco a pouco, a minha vida, o meu hábito de freqüentar os bares e que eu não passava de um bêbedo dissimulado. Não fiquei lá muito surpreso, porque as bisbilhotices fervilhavam precisamente nos meios acadêmicos, tanto entre os homens como entre as mulheres. Tal descoberta vergonhosa não prejudicou minhas relações de amizade; pelo contrário, eu era ainda mais solicitado, porque nessa época todo mundo estava entusiasmado com os problemas da temperança: senhoras e cavalheiros pertenciam a comitês de ligas antialcoólicas e vibravam de alegria quando um pecador lhes caía na rede. Um belo dia deu-se o primeiro ataque de maneira delicada. Foi-me dada a oportunidade de meditar sobre a vergonha da vida de taberna, sobre a maldição do alcoolismo, tudo isto do ponto de vista sanitário, ético e social; fui também convidado a assistir a uma das festas da dita liga. Fiquei grandemente surpreendido, pois não fazia a menor idéia do que fossem essas sociedades e seus movimentos. A sessão teve início com música pincelada de espírito religioso; era de uma comicidade desagradável e não procurei esconder ainda minha má impressão. Durante semanas a fio pressionaram-me com uma amabilidade indiscreta; o negócio estava se tornando por demais cacete e uma noite, quando me passavam a mesma cantilena, à espera da minha conversão, fiquei desesperado e pedi com energia que me poupassem aquela ladainha. A jovem estava presente e ouviu-me com atenção, dizendo depois com toda sinceridade: "Bravo!" Eu porém me achava tão aborrecido e num tal estado de espírito que mal percebi sua atuação.

Com um prazer tanto maior presenciei um pequeno e divertido incidente surgido numa importante festa da liga dos abstêmios. A digna sociedade e um grande número de convidados banqueteavam-se reunidos na sua sede; discursos foram proferidos, amizades seladas e hinos cantados, celebrando-se com hosanas sublimes os progressos da boa causa. Um criado que havia sido contratado como porta-bandeira e para quem esses discursos desprovidos de álcool pareciam muito longos, deu uma escapada a um bar ali próximo e, quando o desfile solene e festivo da demonstração teve início nas ruas, os pecadores inveterados rejubilaram-se, com uma alegria sardônica, vendo um espetáculo divertido; cambaleando à frente da massa entusiasmada um alegre ébrio, tendo nos braços a cruz azul como se fosse um mastro de navio na iminência de afundar.

O criado bêbedo foi afastado, porém não foram afastadas as intrigas, as vaidades humanas, as ciumeiras que então surgiram entre os grupos e comissões concorrentes e que medravam em florações cada vez mais alegres. O movimento se dividiu: alguns dos mais egoístas queriam todas as honrarias para si, e achincalhavam todo bêbedo que não tivesse se convertido graças a eles; companheiros nobres e desinteressados de trabalho, que não eram poucos, foram maltratados e dentro em pouco os que assistiam puderam ter a oportunidade de ver como, sob uma etiqueta idealista, toda espécie de imundice humana exalava seu mau cheiro até os céus. Tomei conhecimento de todas essas comédias através de terceiros e secretamente me alegrei com o sucedido e, nas noites de bebedeira, ao voltar para casa, pensava comigo mesmo: vejam só, nós, selvagens, ainda somos melhores que o resto.

No meu pequeno quarto, independente, lá no alto, dando para o Reno, eu estudava e meditava bastante. Estava desolado porque a vida agia comigo dessa maneira, sem que nenhuma tormenta rebelde me arrastasse consigo, sem que nenhuma paixão violenta ou interesse conseguisse me excitar, arrancando-me daquele sonho apático. Embora trabalhando para o meu sustento diário, dedicava-me também aos preparativos de uma obra que apresentaria a vida dos primeiros Irmãos Menores; entretanto, não se tratava de uma obra de criação, mas apenas uma modesta e constante coletânea que não satisfazia às exigências das minhas aspirações. Dei início a obra, colhendo recordações de Zurique, Berlim e Paris, apresentando a mim mesmo os desejos fundamentais, as paixões e os ideais dos contemporâneos. Um trabalhava no sentido de acabar com os móveis, tapetes e vestimentas que ora se usava e de acostumar as pessoas a viverem num ambiente mais livre e mais belo. Um segundo esforçava-se em divulgar o monismo de Haeckel através de escritos e conferências populares. Outros julgavam digno de seu esforço difundir a paz eterna do mundo. Um outro ainda se debatia pelas classes inferiores necessitadas, ou faziam coletas e palestras em prol da construção de teatros e museus para o povo. E aqui em Basiléia o álcool era combatido.

Em todas estas atividades havia vida, entusiasmo e movimento; nenhuma delas me parecia importante ou necessária e nada disso teria me atingido, ou a minha vida, mesmo se todas estas finalidades tivessem sido alcançadas. Recostei-me desanimado na minha cadeira, afastei livros e papéis da minha frente e fiquei pensando, pensando. Pela janela ouvi o Reno que passava; o vento zunia e, emocionado, fiquei atento a essa linguagem de uma grande melancolia e de uma nostalgia sempre à espreita, em todos os lugares. Via massas pálidas de nuvens noturnas que, como imensos pássaros assustados, voluteavam pelo céu a fora; ouvia o Reno percorrer seu leito e pensava na morte da minha mãe, em São Francisco, na minha pátria, nas montanhas cobertas de neve e em Ricardo que morrera afogado. Eu me via subindo as encostas aos penhascos para colher as rosas dos Alpes para Rösi Girtanner; via-me em Zurique animado com as notícias, músicas e conversas; via-me com a Aglietti, remando à noite na placidez das águas; via-me desesperado com a morte de Ricardo, viajando e voltando para casa, consolando-me e caindo novamente no desespero. Por quê? Para quê? Oh! Deus, será que tudo isso não passava de um jogo, de uma coincidência, de

imagens desenhadas? Não lutara eu, não sofrerá eu os tormentos dos anseios pelo espírito, pela amizade, pela beleza, verdade e amor? Não corria ainda dentro de mim o fluxo sufocante da saudade e do amor? E tudo isso em vão, para meu tormento, sem satisfazer ninguém?

Sentia-me no ponto certo para ir à taberna. Assoprei a luz, desci às apalpadelas a escada íngreme, em caracol, e fiz minha aparição num recinto onde se servia o Veltlino ou o vinho de Waadt. Lá fui recebido como um bom freguês, com todo o respeito, embora eu me mostrasse, via de regra, arrogante e por vezes até mesmo um grosseirão. Eu costumava ler o Simplizissimus, o que geralmente me aborrecia, bebia meu vinho e esperava, até que ele me consolasse. E o doce deus me tocava com sua mão macia e feminina, tomava meus membros agradavelmente cansados e conduzia minha alma desgarrada ao país dos belos sonhos.

Acontecia que eu próprio me admirava da maneira de como tratava as pessoas: era rude e chegava a sentir prazer em irritá-las. Nas tabernas que eu freqüentava amiúde, as criadas temiam-me e me amaldiçoavam, porque eu era um estúpido, um rabugento, sempre pronto a reclamar. Se por acaso entabulava conversa com outros fregueses, mostrava-me irônico e rude, e naturalmente recebia o mesmo em troca. Apesar disso havia alguns poucos companheiros de bebedeira, quase sempre aqueles viciados, inveterados, que já começavam a envelhecer, ao lado dos quais eu passava uma noite relativamente suportável. Entre eles havia um velho casca-grossa, desenhista de profissão, um misógino, indivíduo obsceno e bebedor de primeira classe. Quando eu o encontrava à noite em uma taberna qualquer, sozinho, dava-se então uma daquelas bebedeiras memoráveis. Primeiro começava-se conversando, trocando gracejos e depois bebericava-se uma garrafa de vinho tinto; mais tarde, aos poucos, a bebida passava para o primeiro plano, a conversa ia se extinguindo e ficávamos acocorados nas nossas cadeiras, calados, um na frente do outro, chupando cada qual o seu Brisago e esvaziando, cada um por si, sua garrafa. Quanto a isso nós nos equivalíamos; fazíamos encher as garrafas ao mesmo tempo, olhávamos um para o outro durante um instante, com um sentimento misto de respeito e de alegria maldosa. Na época do vinho novo, lá pelos fins de outono, caminhamos uma vez por diversas aldeias de vinhedos do Markgraf e, na taberna do Cervo, em Kirchen, o velho beberrão contou-me a estória de sua vida. Creio que ela era interessante e talvez um tanto comum; infelizmente esqueci-me dela por completo. O que restou foi a descrição de uma bebedeira na qual ele tomou parte, já em idade avançada. Foi num lugar qualquer do interior, durante uma festa de aldeia. Na qualidade de convidado, foi sentar-se à mesa de honra, onde logo de início incentivou tanto o alcaide como o pároco a se embriagarem. O pároco deveria tomar a palavra e depois de ter sido empurrado para o palanque, com muito esforço, começou a proferir coisas incríveis, no que foi imediatamente afastado do local e substituído pelo alcaide que, entusiasmado, entrou em cena. Começou discursando com violência, de improviso e, graças a um gesto arrebatador, sentiu-se mal, repentinamente, e terminou sua alocução de maneira bastante estranha e muito pouco distinta.

Tempos mais tarde eu teria gostado de ouvir novamente esta mesma estória e outras mais. Aconteceu porém que uma noite, durante um concurso de tiro, brigamos, irremediavelmente, após nos termos agarrado pelas barbas e nos termos separado, furiosos. Encontrávamo-nos depois deste incidente, nas mesmas tabernas, porém, como inimigos que éramos, cada um ocupava uma mesa separada e, obedecendo ao velho hábito, ficávamos nos observando mutuamente, em silêncio, bebendo ao mesmo tempo e sentados, sem dizer palavra, até o momento em que, sendo os últimos fregueses, éramos convidados a sair. Jamais chegamos a uma reconciliação.

Era inútil e cansativo ficar pensando, incessantemente, sobre as causas da minha depressão e falta de capacidade para a vida. Não tinha, contudo, o sentimento de já estar no fim, ou de me sentir aniquilado; pelo contrário, alimentava desejos obscuros e acreditava que no momento oportuno eu conseguiria criar algo de bom e de profundo e arrancar da vida esquiva pelo menos um bom punhado de felicidade. Mas chegaria realmente esse momento oportuno? Era com amargura que eu pensava naqueles cavalheiros modernos e nervosos que se excitavam através de milhares de estimulantes artificiais, para criarem suas obras de arte, ao passo que, em mim, forças incalculáveis encontravam-se inertes, sem serem aproveitadas. E eu continuava insistindo para saber que espécie de empecilho, ou que demônio permitia que no meu corpo regorgitante de vigor, a alma se sentisse paralisada e cada vez mais tolhida. Além disso eu era ainda possuído de um estranho sentimento de ser uma criatura à parte e que, de certa maneira, não alcançava o que merecia e cujos sofrimentos ninguém sabia, compreendia ou partilhava. O mais diabólico na depressão é que ela nos torna não apenas doentes, mas também presunçosos e míopes, quase orgulhosos. Tem-se a impressão de ser aquele Atlas de mau gosto de Heine que, sozinho, sem ajuda de ninguém, carrega nos ombros todas as dores e mistérios do mundo, como se milhares de outras criaturas também não suportassem os mesmos sofrimentos e não atravessassem os mesmos labirintos. Nesse isolamento, longe da minha pátria, eu perdera a noção de que a maioria das minhas qualidades e singularidades não pertenciam tanto a mim, como constituíam um bem de família, ou uma maldição dos Camenzind. Quase todas as semanas eu me dirigia à casa hospitaleira do cavalheiro erudito. Aos poucos fui conhecendo a maioria das pessoas que ali freqüentavam, quase todos eles universitários jovens, muitos alemães de todas as faculdades, além de pintores, músicos, como também bons burgueses com suas esposas e filhos. Quase sempre eu os via com bastante estranheza, pois era acolhido como um hóspede raro por eles que se visitavam freqüentemente durante a semana. O que conversavam e faziam nesses encontros? A maioria deles apresentava a mesma forma estereotipada do *homo socialis* e todos pareciam como que aparentados entre si, graças a um espírito nivelador de urbanidade, do qual eu era o único a não possuir. Entre eles encontravam-se pessoas educadas e distintas, às quais a eterna vida de sociedade não havia, pelo menos visivelmente, prejudicado quanto à sua vivacidade e vigor pessoais. Com algumas eu conseguia falar demoradamente, de maneira interessante. Porém, ir de um em um, demorando-me um minuto ao pé de cada um, dizer coisas agradáveis às senhoras a fim de torná-las felizes, prestar

atenção ao mesmo tempo a uma xícara de chá, duas conversas e um trecho de piano, tudo isso ao mesmo tempo, parecer excitado e satisfeito — não, decididamente, isso eu não podia fazer. Achava horrível precisar discutir sobre literatura e arte. Percebia que nesse campo pouco se meditava a respeito, muito se mentia e que, de qualquer maneira, muito se papagueava. Então passava a mentir junto com eles, sem tirar disso alguma satisfação pessoal; minha opinião era que toda aquela caceteação não passava de coisa frívola e degradante. Gostava muito mais de ouvir, por exemplo, uma mulher falar de seus filhos ou de eu mesmo contar fatos de minhas viagens, pequenos incidentes da vida diária e outras coisas reais. Com isso eu chegava, às vezes, a me sentir em família e quase feliz. Geralmente porém, após estas reuniões noturnas eu ia a uma taberna e molhava a secura da garganta e aquele tédio insuportável, com um bom copo do Veltlino.

Numa dessas reuniões tornei a ver aquela jovem morena. Havia muita gente reunida, fazia-se música e a habitual algazarra; eu me mantinha afastado num canto debaixo de uma lâmpada, folheando um álbum de retratos. Representavam a terra toscana, mas não se tratava daquelas reproduções vulgares, mil vezes divulgadas; eram imagens mais íntimas, alguns desenhos de amadores, quase todos presentes oferecidos ao dono da casa, por companheiros de viagem ou mesmo amigos. Havia descoberto um desenho de uma casa pequenina de pedra, com janelas muito estreitas, situada no vale solitário de São Clemente, local que eu conhecia, por já ter passado por ali. O vale fica bem próximo a Fiesole mas a maioria dos viajantes não o conhece, porque ali não existem antigüidades. É um vale de uma beleza rústica e notável, árido e pouco habitado, encravado no meio de montanhas nuas e severas, distante do mundo, melancólico e não violado.

A jovem aproximou-se, olhando por cima dos meus ombros.

"Porque o senhor fica sempre tão só, senhor Camenzind?"

Aquilo me aborreceu. No mínimo, ela se sente desprezada pelos outros homens, pensei eu, e vem me procurar.

"Bem, qual é a sua resposta?"

"Perdão, senhorita, mas o que deverei responder? Fico sozinho porque isso me agrada."

"Quer dizer que eu o importuno?"

"A senhorita é bem estranha."

"Obrigada, o elogio é recíproco."

E ela sentou-se. Eu insistia em segurar o papel entre meus dedos.

"O senhor é mesmo lá das montanhas?" disse ela. "Gostaria de ouvi-lo falar a respeito daqueles lugares. Meu irmão contou que na sua aldeia existe apenas um único nome de família: que todos assinam Camenzind. É verdade?"

"Quase", resmunguei, "mas existe lá um padeiro que se chama FüssH e um estalajadeiro cujo nome é Nydegger."

"Então, fora estes, os demais são Camenzind? E são todos parentes?".

"Mais ou menos."

Passei às suas mãos a folha com o desenho. Ela apanhou o papel e notei que ela sabia como segurar uma coisa daquelas. Disse isso a ela.

"O senhor me elogia", disse ela, rindo-se, "mas o faz, como se fosse um professor."

"A senhorita não quer olhar o desenho?" perguntei, um tanto grosseiro. "Se não quiser eu o coloco de lado."

"E o que ele representa?".

"São Clemente."

"Onde fica?"

"Perto de Fiesole."

"O senhor já esteve lá?".

"Sim, diversas vezes."

"Como é o vale? Isto aqui é apenas um pequeno trecho."

Eu fiquei pensando. A paisagem severa, de uma beleza primitiva surgiu diante dos meus olhos e eu semicerrei os olhos a fim de gravá-la. Fiz uma pausa e senti-me bem ao revê-la, aguardando, em silêncio. Ela percebeu que eu me concentrava.

Então descrevi São Clemente, sereno, agreste e grandioso, abrasado pela tarde de verão. Ali perto em Fiesole, faz-se comércio, tecem-se chapéus de palha, cestos, vendem-se *souvenirs* e laranjas, procura-se enganar os turistas ou pedem-se esmolas. Mais para baixo encontra-se Florença, que apresenta um fluxo de vida antiga e moderna, mas lá de São Clemente não se avista nenhuma dessas duas cidades. Lá não existiu nenhum pintor, lá não se encontra nenhuma obra deixada pelos romanos; a história esqueceu-se desse valezinho modesto. Lá, porém, o sol luta com a chuva contra a terra, lá os ninheiros retorcidos se esforçam, penosamente, para se conservarem com vida e os poucos ciprestes aspiram o ar, com suas raras pontas, fim de saber se a tormenta inimiga, que irá podar-lhes a curta existência à qual estão presos pelas raízes sedentas, se avizinha. Casualmente passa um carro de boi das grandes quintas vizinhas, ou uma família de camponeses vai a Fiesole; todos porém são hóspedes passageiros e as saias vermelhas das mulheres, que em outro lugar se mostram alegres e festivas aos olhos, aqui elas perturbam e podem ser excluídas do cenário.

E eu prossegui narrando de como eu, rapaz, havia caminhado por tudo aquilo em companhia de um amigo, que havíamos deitado sob os ciprestes e recostado nos seus ramos franzinos; como o encanto da solidão triste e bela daquele vale fazia-me recordar as gargantas das montanhas da minha pátria.

Calamo-nos os dois por um instante.

"O senhor é um poeta", disse a moça.

Fiz uma careta.

"Não é isso o que pretendo dizer", prosseguiu a jovem. "Não é porque o senhor escreve novelas e o resto. Mas é porque o senhor conhece e ama a natureza. O que importa às outras pessoas se uma árvore murmura coisas, ou se uma montanha se abrasa ao sol? Para o senhor, ali existe uma vida, da qual participa."

Respondi-lhe que ninguém "compreendia a natureza", e que apenas encontramos mistérios e tristezas nas buscas e interpretações. Uma árvore ao sol, uma pedra exposta às intempéries, um animal, uma montanha — todos eles têm

sua vida, têm uma estória, eles vivem, sofrem, resistem, desfrutam, morrem, porém nós não os compreendemos.

À medida que eu falava, satisfeito com a atenção silenciosa e paciente que ela me dispensava, comecei a observá-la. Seu olhar perdia-se no meu rosto e não se desviava do meu olhar. Suas feições eram muito calmas dentro do seu abandono e um tanto tensas pela atenção. Como se fosse uma criança que me ouvisse. Não, mais do que isso: como se fosse um adulto que, escutando, se esquecesse de si próprio e que, sem o saber, adquirisse olhos de criança. E, durante esta inspeção, fui vendo aos poucos, com a alegria ingênua de um descobridor, que ela era muito bonita.

Quando acabei de falar ela também guardou silêncio. De repente estremeceu e piscou os olhos à luz da lâmpada.

"Afinal, como se chama, senhorita?" perguntei, sem dar grande importância ao fato.

"Elisabeth."

Afastou-se e logo depois foi convidada a tocar piano. Tocava bem e, ao aproximar-me dela, notei que já não era tão bela.

Quando eu descia a escadaria confortável, entalhada à moda antiga, de volta para casa, ouvi por acaso as palavras de dois pintores que, no vestíbulo, vestiam seus sobretudos. "Pois é, ele ficou o tempo todo ao lado da bela Lisbeth!" disse um, pondo-se a rir.

"Ah! esses muito quietos!" replicou o outro, "ele não fez uma má escolha!".

Pois não é que aqueles macacos já teciam suas intrigazinhas! De repente ocorreu-me que eu, quase contra a minha vontade, contara a essa jovem que eu mal conhecia recordações íntimas, confiando-lhe até mesmo grande parte da minha vida interior. Como pudera chegar a tal ponto? E agora, aquelas línguas viperinas! — Canalhas!

Fui-me embora e durante alguns meses não pisei naquela casa. Por coincidência foi um daqueles pintores, o primeiro a interpelar-me, na rua, a respeito da minha ausência.

"Por que o senhor não aparece mais lá?"

"Porque não suporto aquela maldita bisbilhotice!"

"Pois é, essas mulheres!" riu-se o pintor.

"Não", respondi, "refiro-me aos homens, e muito em especial aos senhores pintores!".

Tornei a ver Elisabeth algumas vezes passando pelas ruas, uma vez numa loja, e outra numa galeria de arte. Geralmente achava-a bonitinha, mas não bela. Os movimentos da sua figura extremamente esbelta possuíam algo de peculiar que geralmente a enfeitava e distinguia, mas que às vezes a tornava pedante e artificial. Bela, extraordinariamente bela estava ela na galeria de arte. Ela não me viu. Eu me mantinha à parte, descansando enquanto folheava o catálogo. A jovem se encontrava perto de mim, diante de um Segantini, embevecida, olhando o quadro. Este representava alguns camponeses trabalhando num campo estéril; ao fundo, as montanhas íngremes e recortadas, lembrando um pouco a cadeia do Stockhorn e, cobrindo um céu aprazível e luminoso, uma nuvem cor de marfim, pintada com indescritível maestria. Logo ao primeiro olhar esta nuvem atraiu-me

a atenção por sua massa estranhamente enovelada e voltada sobre si mesma; percebia-se que ela acabara de ser formada e comprimida pelos ventos e que se preparava para subir, a fim de, aos poucos, fugir voando. Certamente Elisabeth compreendia essa nuvem, pois estava completamente absorta na sua contemplação. E, mais uma vez, sua alma, geralmente invisível, surgia na sua face, sorria docemente nos olhos bem abertos, transformava a boca muito estreita numa boca macia de criança e amenizava a ruga muito severa e intelectual entre as sobrancelhas finas. A beleza e a autenticidade de uma grande obra de arte forçava sua alma a se apresentar sem véus, na sua formosura e na sua verdade.

Eu continuava sentado ali perto, em silêncio, contemplando a bela nuvem de Segantini e a bela moça fascinada por ela. Depois, temeroso que a jovem pudesse se voltar e me ver, falar comigo e perder novamente aquela beleza, abandonei o salão, rápida e silenciosamente.

Nessa época, meu prazer pela natureza muda e minha atitude para com ela começaram a sofrer uma transformação. Eu continuava perambulando pelas magníficas cercanias da cidade, de preferência no Jura. Notava que as florestas, as montanhas, pastagens, pomares e arbustos ali estavam, à espera de alguma coisa. Quem sabe aguardavam minha presença; mas sem dúvida aguardavam o amor.

E foi assim que comecei a amar essas coisas. Havia um desejo ardente e violento dentro de mim, ao encontro da sua beleza serena. Também dentro de mim uma vida e ânsia profundas procuravam eclodir, sombriamente, à procura de se tornarem conscientes, compreendidas, em busca de amor.

Muitos dizem que "amam a natureza". Isso significa que não se negam, algumas vezes, a se prenderem aos encantos que a Natureza lhes oferece. Vão para fora de suas casas e alegram-se com a beleza da terra; pisam e estragam os campos e finalmente arrancam punhados de flores e de galhos para logo depois jogá-los fora ou vê-los murchar em suas casas. É assim que amam a natureza. Lembram-se desse amor aos domingos, quando o tempo está bom e sentem-se emocionados com seus próprios sentimentos generosos. Não precisariam, aliás, de nada disso, pois "o homem é o ápice da natureza". Ah! sim, o ápice!

Cada vez mais, com maior avidez ainda, eu mergulhava meu olhar no abismo das coisas. Ouvia o vento soprar com seus milhares de sons nas copas das árvores, ouvia regatos bramirem por entre gargantas, e rios silenciosos e plácidos correrem através de planícies, e sabia que isso significava a linguagem de Deus e que compreender esta linguagem profunda e de eterna beleza, seria recuperar o paraíso. Os livros pouco sabem a respeito destas coisas; somente a Bíblia nos apresenta esta belíssima citação: "o suspiro indizível" da criatura. Contudo, eu pressentia que, em todos os tempos, emocionados como eu diante do incompreensível, muitos haviam abandonado suas tarefas diárias e ido em busca do silêncio, para ouvir o canto da Criação, contemplar o desfilar das nuvens e, numa saudade profunda, erguer os braços em oração ao Eterno: os ermitãos, os penitentes, os santos.

Por acaso você já visitou o Camposanto, em Pisa? Lá as paredes estão decoradas com afrescos já desbotados pelos séculos e um deles representa o ermitão no deserto da Tebaida. Da imagem singela emana, ainda hoje, com suas

cores esmaecidas, o encantamento de uma paz tão repleta de felicidade, que você começa a sentir uma dor súbita, a ponto de brotar dentro de você uma necessidade de purificar, com suas lágrimas, os pecados e as culpas, num ponto distante do mundo, num lugar santo de onde você jamais voltará.

Inúmeros artistas procuraram expressar sua nostalgia em belos quadros, e qualquer um dos pequenos e delicados desenhos infantis de Ludwig Richter cantará a mesma canção que os afrescos de Pisa. Por que foi que Ticiano, o amigo das verdades concretas e corporais, deu, às vezes, ao fundo dos seus quadros tão reais e tão objetivos, tonalidades do mais delicado azul? São apenas pinceladas de um azul escuro e quente e não se percebe se o artista pretendia representar montanhas distantes ou apenas o espaço sem fim. Nem o próprio Ticiano, o realista, o sabia. Ele não agia como os historiadores da arte pretendem, por causa da harmonia das cores, mas porque isso significava seu tributo à nostalgia sôfrega que vivia, secretamente, na alma desse artista alegre e feliz, como na de muitos outros. E assim, desta forma, creio que a arte, em todas as épocas, se preocupou em dar uma linguagem a esse anseio mudo que existe dentro de nós.

São Francisco porém o expressava de maneira amadurecida, mais bela e entretanto mais infantil. Foi então que eu o compreendi perfeitamente. Incluindo no seu amor por Deus a terra toda, as plantas, astros, animais, ventos e águas, ele se antecipa à Idade Média e ao próprio Dante, encontrando a expressão do que é eternamente humano. Todos os poderes, todos os fenômenos da natureza ele chama de irmãos e irmãs muito queridos e, quando anos mais tarde, já na velhice, os médicos aconselharam que lhe queimassem a testa, o doente torturado, diante dessa terapêutica, acolhia o ferro em brasa, como "querido irmão, o fogo".

Quando realmente comecei a amar a natureza como uma criatura humana, a ouvi-la como a uma amiga e companheira de viagens que fala uma linguagem diferente, então, embora não estivesse curado da minha melancolia, eu a enobrecia e purificava. Meus ouvidos e meus olhos se apuraram, aprendi a compreender as delicadas tonalidades e suas nuanças, e ansiava por ouvir cada vez mais perto e mais distintamente o bater do coração de tudo que possui a vida e, quem sabe, talvez chegue a poder entender e até mesmo participar do dom de poder expressá-la em palavras poéticas, para que outros também possam se aproximar ainda mais da natureza e alcançar as fontes de todo refrigério, pureza e inocência, com uma compreensão ainda maior. Por enquanto tudo isso era um sonho, um desejo — não sabia se jamais iria realizá-los; prendi-me ao que estava mais próximo, mais ao meu alcance, levando o meu amor ao que era visível e acostumando-me a não contemplar mais nada com indiferença ou desprezo.

Não posso dizer como isso deu um cunho novo e consolador à minha vida sombria! Nada é mais enobrecedor e nada traz maior ventura à vida do que um amor sem palavras, constante e desapaixonado, e meu desejo mais ardente é que, entre os que lerem estas minhas palavras, sejam eles alguns, ou dois ou mesmo um apenas, se inicie, com o meu empenho, nessa arte pura e maravilhosa. Muitos já receberam esse dom da própria natureza, e o exercem durante toda a vida, sem o saberem; são os eleitos de Deus, os bons, os que permaneceram criança entre os adultos. Outros o adquiriram através de sofrimentos atrozes — vocês já notaram,

entre criaturas aleijadas e desgraçadas, alguns cujo olhar é superior, calmo e brilhante? Se por acaso eu ou minhas pobres palavras nada significam para vocês, então procurem ir até eles, nos quais um amor desinteressado superou o sofrimento, transfigurando-os.

Infelizmente, até hoje ainda me encontro bem distante daquela perfeição que venerei em muitas criaturas sofredoras. Porém, durante todos esses anos raramente prescindi da certeza consoladora de saber qual o verdadeiro caminho que leva a essa perfeição.

Não devo dizer que sempre o segui, e sim que muitas vezes fiz paradas, sentei-me em todos os bancos que margeiam os caminhos e que não me abstive de tomar atalhos bem perigosos. Duas inclinações egoístas e poderosas lutam dentro de mim, contra o verdadeiro amor. Eu não passava de um bêbedo e um tímido diante dos homens. Aliás eu diminuía bastante minhas doses de vinho, mas a cada duas semanas aquele deus sedutor incitava-me para que eu me atirasse nos seus braços. Creio que jamais aconteceu de eu ficar jogado no meio da rua ou de participar de outras aventuras noturnas, porque o vinho me ama e me conduz apenas ao ponto em que seus espíritos mantêm, com os meus, um diálogo amigável. Contudo, durante muito tempo, após cada bebedeira, eu sentia minha consciência pesada. Mas não podia romper, definitivamente, minha amizade com o vinho, pelo qual eu tinha uma forte inclinação, herdada de meu pai. Durante anos a fio eu cultivara essa herança com muito carinho e tendo, finalmente, me apropriado dela, estabeleci um acordo, meio sério, meio jocoso, entre minha inclinação e minha consciência. E, entre os cânticos de louvor de São Francisco de Assis, inclui o "meu querido irmão, o vinho".

6

Muito pior ainda era o meu outro defeito. Sentia pouco prazer no convívio com outras pessoas, vivia como um ermitão e, em relação às coisas humanas, tratava-as com escárnio e desprezo.

No início da minha vida, eu ainda não pensava nisso. Achava certo que os homens confiassem uns nos outros e reservava minha ternura, a entrega de mim mesmo e minha simpatia, apenas à natureza. A princípio ela conseguia me satisfazer plenamente.

À noite, quando ia me deitar, lembrava-me, de repente, de uma colina, da orla de uma floresta, de uma árvore solitária e muito querida que eu não via há muito tempo. E eis que agora, em plena noite, balançada pelo vento, ela sonhava e quem sabe até dormitava, gemia e agitava seus braços. Qual seria seu aspecto? Então eu saía de casa e ia à sua procura e via sua forma indefinida, em meio à escuridão. Contemplava-a, com uma surpresa mesclada de ternura, levando comigo sua imagem imprecisa.

E vocês se riem! Talvez essa afeição fosse mesmo um erro, mas não era um desperdício. Mas, de que maneira, partindo daqui, eu chegaria ao caminho que poderia me levar ao amor pelas criaturas humanas?

Bem, quando há um começo, o resto caminha por si só. A idéia de escrever um grande poema pairava, cada vez mais próxima, cada vez mais exeqüível. E se essa minha afeição pelas coisas me levasse, como poeta, a falar a linguagem das florestas e da correnteza, para quem eu estaria me dirigindo? Não somente para as coisas que eu amava, mas sobretudo para as criaturas humanas, para as quais eu pretendia ser um guia e um mestre no amor. Todavia eu me mostrava rude, sardônico e insensível, justamente em relação a elas. Sentia a discrepância e a urgência de combater essa minha hostilidade grosseira, e de mostrar também aos homens o meu espírito de fraternidade. Era-me penoso conseguir fazer isso, porque, justamente nesse ponto, o isolamento e o destino me haviam tornado rude e mau. De nada adiantava eu me esforçar, ser menos grosseiro em casa ou na taberna, cumprimentar com amabilidade um conhecido. Aliás, foi aqui que constatei como eu arruinara minhas relações com os homens, pois as pessoas retribuíam meus esforços para ser amável, com desconfiança e frieza, ou tomavam-nas como ironia. O pior é que eu evitara, por mais de um ano, a casa daquele intelectual, a única que eu freqüentava na qualidade de amigo e concordei que era para lá que deveria me dirigir e procurar um caminho qualquer, na arte de sociabilidade, como era praticada ali.

Bem, o que me ajudou, nessa situação, favoravelmente, foi o conhecimento que eu tinha da natureza humana, que eu tanto escarnecia. Apenas me ocorrera a idéia de ir àquela casa, vi Elisabeth em pensamento, bela, como eu a vira diante das nuvens de Segantini; foi então que de repente percebi como ela participava da minha nostalgia e da minha melancolia. Aconteceu de, pela primeira vez na minha vida, pensar seriamente em me casar. Até então eu estava tão convencido da minha inaptidão para o casamento, que só pensava nisso com uma ironia mordaz. Eu era um poeta, um viandante, um beberrão e uma criatura que gostava de viver sozinho. Acreditava agora reconhecer no meu destino a possibilidade de poder atravessar a ponte que me conduziria ao mundo dos homens, através de um casamento de amor. Tudo me parecia tão sedutor e tão seguro! Já sentira e constatara que Elisabeth simpatizava comigo e que possuía uma natureza sensível e nobre. Recordei-me de como sua beleza adquirira vida durante nossa conversa sobre São Clemente e, mais tarde, diante do Segantini. Eu porém, durante muitos anos armazenara uma riqueza interior colhida na arte e na natureza; ela aprenderia comigo a ver toda a beleza ainda adormecida e eu a envolveria com tudo aquilo que é belo e verdadeiro, para que sua face e sua alma esquecessem todas as atribulações e toda sua capacidade desabrochasse por completo. Pode parecer estranho, mas eu não sentia o cômico da minha tão repentina transformação. Eu, o homem solitário, o original, me convertera da noite para o dia num rapazola apaixonado, sonhando com a felicidade conjugai e com a instalação do meu próprio lar.

Apressei-me pois em chegar àquela casa tão acolhedora, onde fui recebido debaixo de amáveis repreensões. Voltei depois diversas vezes e numa das minhas visitas tornei a encontrar Elisabeth. Oh! como ela era bela! Justamente como eu a

havia imaginado, como minha amada: bela e feliz. Durante uma hora inteira desfrutei da radiante beleza da sua presença. Elisabeth cumprimentou-me com bondade e até mesmo com ternura e uma familiaridade tão espontânea que me deixaram feliz. Vocês se recordam daquele passeio de barco, no lago, aquela noite com as lanternas vermelhas de papel, música e minha declaração de amor abortada? Foi a triste e ridícula estória de um rapazola apaixonado. Ainda mais ridícula — e mais triste ainda, é a estória do homem apaixonado, cujo nome é Peter Camenzind. Fiquei sabendo, assim por acaso, que Elisabeth ficara noiva recentemente. Apresentei-lhe meus cumprimentos e fiquei conhecendo seu noivo que viera buscá-la, cumprimentando-o também. Durante toda a noite via-se um sorriso protetor e benevolente no meu rosto, que pesava em mim, como uma máscara. Em seguida, não procurei refúgio, nem na floresta nem na taberna; fiquei sentado na minha cama, olhando a chama da vela, até que esta se extinguisse, exalando um odor desagradável. Eu estava estupefato, sentindo-me como se tivesse sido atingido por um raio, até que novamente minha consciência despertou. Então, por mais uma vez, a dor e o desespero estenderam suas asas negras sobre mim, e eu fique ali, pequeno, fraco e aniquilado, soluçando como um menino.

Em seguida arrumei minhas malas e, logo de manhãzinha, tomei o trem e fui para casa. Sentia desejo de escalar novamente o Sennalpstock, de pensar na minha infância e de saber se meu pai ainda estava vivo.

Nós nos havíamos tornado dois estranhos. Meu pai estava completamente grisalho, um pouco curvo e um tanto apagado. Tratou-me com carinho e com timidez, não fez perguntas, quis ceder-me sua própria cama e parecia mais acanhado com a minha visita do que propriamente surpreso. Ele ainda possuía nossa casinha, vendera todavia o pasto e o gado, recebendo uma pequena renda, e fazia, aqui e ali, alguns servicinhos leves.

Quando ele me deixou sozinho, aproximei-me do lugar onde se encontrava a cama de minha mãe e o passado desfilou diante de mim, como um rio largo e tranqüilo. Eu não era mais um rapazote e fiquei pensando que, com o passar dos anos, eu me tornaria um velhinho grisalho e encurvado, à espera da morte, amargurado. Naquele quarto modesto e velho, onde nada parecia ter sofrido uma mudança radical, onde eu fora criança, onde estudara latim e assistira à morte de minha mãe, tais pensamentos eram naturais e infundiam paz. Recordei-me com gratidão de todas as riquezas da minha mocidade e vieram-me à memória os versos de Lorenzo Mediei, que eu aprendera em Florença:

Quant' è bella giovinezza,
Ma si fugge tuttavia.
Chi vuol esser lieto, sia:
Di doman non c'è certezza.

Ao mesmo tempo eu me admirava de trazer para este modesto quarto familiar, recordações da Itália e de história e do vasto reino do espírito.

Dei depois algum dinheiro a meu pai. À noite fomos à taberna e, mesmo lá, tudo se encontrava como dantes, só que agora era eu quem pagava pelo vinho, e

meu pai, quando falava do vinho que continha estrelas e quando se referia ao champanha, pedia minha opinião e acontecia também de ser eu quem suportava a bebida melhor que ele. Perguntei pelo velho camponês, em cuja cabeça eu despejara vinho. Já fazia bastante tempo que ele morrera, o farsante e espertalhão, e suas fanfarronices também já começavam a morrer com ele. Tomei o vinho Waadt, fiquei ouvindo as conversas; eu mesmo contei alguma coisa e, quando ao lado do meu pai, ao luar, voltamos para casa e ele, embriagado, continuava falando e gesticulando, senti-me, como nunca, como se estivesse sob um encantamento. As imagens do passado rodeavam-me constantemente: o tio Conrado, Rösi Girtanner, minha mãe, Ricardo e a Aglietti; eu ficava olhando para eles, como se fosse um belo livro de gravuras que nos causa admiração pelas coisas lindas e bem distribuídas ali apresentadas e que na realidade não têm metade desse valor. Tudo aquilo havia desfilado diante de mim, havia passado, eu os havia relegado ao esquecimento, entretanto estavam ali, desenhados dentro de mim, uma boa parte de uma existência, e conservados na minha memória, sem que para isso houvesse concorrido minha vontade.

Foi somente depois que chegamos em casa e que meu pai se calou e adormeceu, é que pensei novamente em Elisabeth. Ainda ontem ela me cumprimentara, eu a admirara e desejara felicidades ao seu noivo. Parecia-me que um tempo enorme decorrera desde então. Porém a dor despertou dentro de mim, misturando-se ao fluxo das lembranças revoltas, sacudindo meu coração egoísta e indefeso, como a violência do *foehn* numa cabana abalada e arruinada, erguida nas pastagens alpinas. Não suportei mais ficar dentro de casa. Transpus a janela baixa, atravessei o jardinzinho, desamarrei nosso barco abandonado e remei mansamente na noite pálida que cobria o lago. As montanhas envoltas numa névoa prateada calavam-se, solenes, e a lua quase no seu plenilúnio ostentava-se, magnífica, na noite azulada e por pouco tocada pelos picos do Schwarzenstock. Tudo estava tão calmo que eu podia ouvir o leve sussurro da cascata distante do Sennalpstock. Os espíritos da minha terra natal e os espíritos da minha mocidade tocavam em mim com suas asas pálidas, apossando-se do meu barco, e apelavam suplicantes e com as mãos espalmadas, com gestos dolorosos e incompreensíveis.

Que significado tivera minha vida e por que motivo tantas alegrias e tantas dores haviam passado sobre mim? Por que tivera eu sede do verdadeiro e do belo, quando continuava ainda sequioso? Por que sofrerá eu as penas e as mágoas de amor, entre obstinações e lágrimas, por aquelas mulheres desejáveis — eu, que hoje inclinava novamente a fronte coberta de vergonha e de pranto por um triste amor? E por que motivo Deus, cujos desígnios não compreendemos, colocara dentro do meu coração aquela ânsia abrasadora por amor, já que Ele me destinara a uma vida de homem solitário e pouco amado?

A água gorgolejava surdamente na popa da embarcação e caía em gotas prateadas nos remos; as montanhas muito próximas estavam em volta de mim e, serena, a luz fria da lua caminhava sobre a neblina das gargantas. E os espíritos da minha mocidade pairavam em torno de mim silenciosos, olhando-me com seus olhos profundos, mudos e indagadores. Parecia-me ver, entre eles, também a

bela Elisabeth, que me amava e que teria se tornado minha, caso eu tivesse chegado a tempo.

Parecia-me, outrossim, que seria melhor se eu mergulhasse, mansamente, no palor daquele lago e que ninguém perguntasse por mim. Entretanto comecei a remar mais depressa ainda quando percebi que o barco velho e semi-deteriorado fazia água. De repente senti frio e apressei-me em ir para casa e diretamente para a cama. Ali fiquei, cansado e acordado, meditando sobre o que havia sido minha vida e procurando achar do que eu sentia falta e o que me seria útil para uma existência mais feliz, mais autêntica, e o que seria necessário para que eu pudesse chegar mais perto do coração dos seres.

Sabia muito bem que o centro de toda bondade e alegria é o amor, e que eu deveria começar querendo bem, seriamente, aos homens apesar do meu sofrimento ainda recente, causado por Elisabeth. Mas como? E quando?

Lembrei-me então do meu velho pai e percebi, pela primeira vez, que eu jamais o amara devidamente. Quando era menino, eu lhe causara momentos bem desagradáveis; depois eu partira, deixando-o sozinho após a morte de minha mãe; sua presença me irritava e, para terminar, quase que o esquecera completamente. Precisei imaginá-lo no seu leito de morte; eu sozinho ao seu lado, órfão, vendo sua alma fugir, essa alma que me fora sempre estranha e cujo amor eu jamais procurara conquistar.

Foi assim que dei início à difícil e doce tarefa de aprender a amar, não com uma mulher bela e admirada, mas com um pobre velho, bêbedo e andrajoso. Procurei não mais dar respostas atravessadas e rudes, ocupava-me dele, lendo em voz alta estórias de almanaques, falava-lhe a respeito dos vinhos que são cultivados e bebidos na França e na Itália. Não pude evitar que ele continuasse prestando pequenos serviços, porque sem eles meu pai se sentiria desamparado. Também não consegui que ele se acostumasse a tomar um chope comigo, à noite, em casa, ao invés de ir à taberna. Tentamos fazê-lo durante alguns dias: eu ia buscar vinho e charutos, esforçando-me por distraí-lo. Na quarta ou quinta noite notei que ele estava quieto e casmurro, e quando eu lhe perguntei o que sentia, acabou se lastimando:

"Creio que nunca mais você vai deixar seu pai ir à taberna."

"Que idéia!" respondi. "Afinal, você é o pai e eu o garoto, e cabe a você resolver o assunto."

Lançando-me um olhar inquisitivo, piscando os olhos para mim, apanhou satisfeito seu gorro e fomos os dois para a taberna.

Percebia-se, facilmente, que uma estada mais prolongada seria desagradável a meu pai, embora ele não comentasse nada a respeito. Além disso eu sentia a necessidade de aguardar, num lugar qualquer, no estrangeiro, que se apaziguasse a minha alma, ainda em conflito.

"Que tal se eu partisse qualquer dia destes?" perguntei ao velho.

Ele cocou a calva, encolheu os ombros emaciados e, para ganhar tempo, disse com um sorriso matreiro:

"Ora, você é quem sabe!"

Antes de viajar procurei alguns vizinhos e também algumas pessoas do Convento e pedi-lhes que olhassem um pouco por meu pai. Aproveitei um dia

lindo e escalei o Sennalpstock. Lá de cima, no alto do seu cume espaçoso e semicircular olhei por sobre montanhas e vales muito verdes, águas transparentes e o fumo que se elevava das cidades distantes. Tudo isso já me enchera de desejos ardentes quando eu era ainda uma criança; partira, com a intenção de conquistar o belo e vasto mundo e eis que ele se estendia novamente diante de mim, tão belo e desconhecido como dantes, e eu estava novamente me preparando para enfrentá-lo e procurar, uma vez mais, o país da felicidade.

A bem dos meus estudos, de há muito eu decidira passar um longo período em Assis. Parti portanto de volta à Basiléia, providenciei o mais necessário, arrumei meus poucos pertences e enviei-os na minha frente, para Perúgia. Eu mesmo fui de trem apenas até Florença e de lá prossegui a pé, tranqüila e comodamente em direção do sul. Lá não é necessário conhecer-se métodos e regras para se fazer amizade com as pessoas do povo: a vida daquela gente encontra-se sempre na superfície e é tão simples, tão livre e ingênua, que se pode fazer amizade com as pessoas de uma cidadezinha à outra, com a maior simplicidade. Senti-me novamente à vontade, familiarizando-me com tudo aquilo a ponto de tomar a decisão de, ao voltar para Basiléia, não procurar mais o calor do convívio com seus semelhantes na sociedade, mas sim entre as pessoas simples.

Em Perúgia e Assis meu trabalho sobre História ganhou novo alento e nova vida. Já que ali a própria vida cotidiana era um prazer, minha existência tão alquebrada entrou em convalescença e arquitetou novas pontes de emergência para a vida. Minha senhoria em Assis, uma verdureira muito tagarela e piedosa, logo após algumas referências minhas sobre o Santo, firmou uma amizade cordial comigo, tomando-me em conta de um católico fervoroso. Embora indigno de tal honra, esta me trouxe, porém, a vantagem de poder conviver mais intimamente com as pessoas, livrando-me da suspeita de ser um pagão, reputação esta que pesa em quase todos os estrangeiros. A mulher chamava-se Annunziata Nardini, tinha 34 anos, era viúva, dona de um corpanzil respeitável e de não menos boas maneiras. Aos domingos, envergando seu vestido mais florido, de cores alegres, era a própria encarnação do dia festivo; além dos brincos ainda usava uma corrente de ouro no peito, de onde pendia uma série de medalhas de metal dourado, que tiniam e brilhavam. Nestes dias ela carregava consigo um pesado livro de missa com enfeites de prata cujo uso ela pouco conhecia, e um terço de contas pretas e brancas, ligadas por uma correntinha de prata que ela desfiava com agilidade. Quando no intervalo de duas idas à Igreja ela se sentava na sua pequena *loggia,* contava às vizinhas admiradas os pecados das amigas ausentes e podia-se então notar, no seu semblante redondo e piedoso, a expressão comovedora de uma alma reconciliada com Deus.

Todos me chamavam simplesmente de *Signor* Pietro, pois não conseguiam de forma alguma pronunciar meu nome direito. Nas belas noites douradas nós nos reuníamos na minúscula *loggetta* ou na quitanda: vizinhos, crianças e gatos, entre frutas, cestos de verduras, caixas de sementes e lingüiças defumadas penduradas do teto; ali ficávamos, contando nossas pequenas aventuras, falando a respeito das colheitas, fumávamos um charuto ou nos regalávamos com uma fatia de melão. Eu lhes falava sobre São Francisco, sobre a Portiúncula, a Igreja do

Santo, Santa Clara e os primeiros Irmãos. Todos me ouviam com seriedade, fazendo mil e uma perguntas, enaltecendo o Santo, relatando e discutindo os acontecimentos mais recentes e sensacionais, sendo que os prediletos eram as façanhas de ladrões e os conflitos políticos. E ali no meio, brigavam gatos, crianças e cachorrinhos. Para meu próprio prazer e também para garantir minha boa fama, eu costumava revisar a lenda em busca de estórias edificantes e enternecedoras e alegrava-me de, entre os poucos livros que eu havia trazido, encontrar-se também a "Vida dos patriarcas e de outras pessoas piedosas", de Arnold, cujas anedotas ingênuas eu traduzia para um italiano vulgar, acrescido de pequenas modificações. Pessoas que passavam por ali detinham-se por um momento, ficavam ouvindo, falavam junto, e muitas vezes aquela pequena sociedade variava de ouvintes, de três a quatro vezes por noite; porém a senhora Nardini e eu éramos os únicos constantes, que jamais faltavam. Meu fiasco de vinho tinto estava sempre ao meu lado e eu impressionava aquele povinho humilde e de poucos recursos, com o meu consumo generoso de vinho. Aos poucos, as mocinhas da vizinhança pondo de lado a timidez, foram se mostrando mais confiantes, participando da conversa lá da soleira de suas portas, permitindo que se lhes enviassem santinhos e, começando a acreditar na minha santidade, já que eu não fazia brincadeiras irreverentes, não me preocupando em obter suas confidencias. Entre elas havia verdadeiros tipos de beleza: olhos grandes e sonhadores, como se tivesse saído dos quadros de Perugino. Queria bem a todas e alegrava-me com sua presença amável e travessa, sem contudo me apaixonar por nenhuma delas. As jovens mais belas pareciam-se tanto umas com as outras, como se sua beleza fosse um privilégio da raça e não um dom pessoal. Muitas vezes, Matteo Spinelli, o filho do padeiro, garoto finório e divertido, vinha sentar-se ao nosso lado. Sabia, como ninguém, imitar uma porção de animais, estava a par de todos os escândalos e era um verdadeiro mestre na arte das iniciativas atrevidas e espertas. Quando eu contava lendas a respeito dos santos, ele ficava ouvindo com uma piedade e humildade sem limites; depois começava a fazer perguntas irreverentes sobre os santos Pais, com a expressão mais ingênua, comparações e suposições cheias de malícia, para grande escândalo da fruteira e um manifesto descontentamento da parte da maioria dos ouvintes.

Amiúde eu ficava sozinho sentado ao lado da senhora Nardini, ouvindo sua prosa edificante, e sentia uma alegria profana nas suas numerosas bisbilhotices tão humanas. A mulher não deixava passar despercebido nenhum erro ou falta do seu próximo e após fazer uma estimativa meticulosa dos mesmos, apontava, de antemão, os lugares que os pobres pecadores teriam no purgatório. Minha pessoa, porém, ela encerrara no seu coração, confiando-me suas pequenas aventuras e descobertas, com a maior sem-cerimônia, enriquecendo-as com pormenores. Sempre que me punha a fazer compras, ela me interrogava, pressurosa, sobre o preço que eu havia pago e cuidava para que eu não fosse muito explorado. Eu lhe contava estórias sobre a vida dos santos e, em troca, ficava sabendo os segredos da cozinha e do comércio de legumes. Uma noite estávamos sentados no vestíbulo todo desmantelado. Para a alegria barulhenta das crianças e das jovens, eu começara a cantar uma canção típica Suíça, com os célebres *jodeln.* Eles se torciam de prazer imitando o som da língua estrangeira e mostravam-me como

meu pomo de Adão agia, quando eu emitia os trinados. Então alguém começou a falar de amor. As mocinhas riam-se à socapa; a senhora Nardini rolava os olhos e suspirava, sentimental; finalmente fui compelido a contar minhas próprias estórias amorosas. Nada falei sobre Elisabeth; contei porém meu passeio de barco com a Aglietti e minha malograda declaração de amor. Coisa estranha; este fato eu só ousara confiar a Ricardo e a mais ninguém; agora eu o contava a um curioso grupo da Úmbria, em presença das vielas estreitas, das calçadas de pedra do sul e das colinas sobre as quais tombava o perfume da dourada e rubra noite italiana. Eu contava sem muito refletir, à moda dos velhos contadores de estórias; sentia porém que meu coração estava ali presente e no fundo eu estava temeroso de que meus interlocutores fossem rir de mim e me ridicularizar.

Quando terminei, todos os olhos estavam voltados para minha pessoa, participando da minha tristeza.

"Oh! um homem tão belo!" exclamou uma das mocinhas, impetuosamente.

"Um homem tão belo e teve um amor tão infeliz!".

A senhora Nardini, porém, passava a mão macia e mole, cuidadosamente, sobre meus cabelos, repetindo: "Poverinoi".

Uma outra jovem presenteou-me com uma pêra e quando lhe pedi que desse a primeira mordida na fruta, ela o fez, encarando-me com os olhos muito sérios. Porém quando pretendia que outras moças também o fizessem, ela não o permitiu:

"Não, o senhor é quem deve comê-la. Eu a dei de presente porque o senhor nos contou sua infelicidade."

"Mas o senhor irá certamente amar uma outra mulher", disse um viticultor moreno.

"Não", respondi.

"Oh! então o senhor ainda ama aquela perversa Ermínia?".

"Agora eu só amo São Francisco e ele me ensinou a amar todas as pessoas, vocês, o povo de Perúgia, todas estas criancinhas aqui e até mesmo o homem amado por Ermínia."

Algumas complicações, certos perigos empanaram essa idílica estada, no momento em que descobri que a boa senhora Nardini estava possuída de um desejo ardentíssimo de que eu me estabelecesse para sempre ali, desposando-a. O pequeno incidente despertou dentro de mim a existência de um astuto diplomata, pois não me era nada fácil destruir estes sonhos sem abalar a harmoniosa e aconchegante amizade. Por outro lado, precisava pensar na volta. Se não fosse pelo belo sonho do meu poema e o vazio de dinheiro que minha carteira ameaçava apresentar, eu teria ficado por lá. Talvez até mesmo por causa da carteira, eu tivesse desposado a Nardini. Mas não, o que me impedia de fazê-lo era a minha dor, meu sofrimento ainda não cicatrizado e o desejo de rever Elisabeth.

Contra minha expectativa, a gorda viúva conformou-se, bem ou mal, com o inevitável e não deixou transparecer a sua decepção. Quando chegou o momento da partida, a despedida foi mais penosa para mim do que para ela. Eu deixava para trás muito mais do que deixara na minha pátria e jamais numa hora dessas minha mão foi tão apertada com tanta cordialidade e por criaturas tão amáveis.

Presentearam-me com frutas, vinho, aguardente doce, pão e lingüiça. Carreguei tudo junto comigo no vagão, com o estranho sentimento de estar me separando de amigos aos quais não era indiferente se eu ficasse ou partisse. D. Annunziata Nardini porém me beijou nas faces; seus olhos estavam molhados de lágrimas.

Outrora eu acreditava que deveria constituir um prazer todo especial, o de ser amado, sem retribuir esse amor. Agora porém eu descobria como é penoso não se poder devolver o amor que nos é oferecido. Todavia, sentia-me um tanto orgulhoso de ser amado por uma mulher estrangeira e que me desejava para esposo.

Esta pequena vaidade significava um passo na minha convalescença. Lastimava a senhora Nardini, mas ao mesmo tempo não desejava que tal fato não tivesse ocorrido. Aos poucos fui me convencendo de que a felicidade tem muito pouca relação com a realização de desejos materiais e que os sofrimentos de adolescentes que se apaixonam, por mais graves que sejam, dispensam toda tragédia. É claro que sofri por não ter podido conquistar Elisabeth. Mas minha vida, minha liberdade, trabalho e maneira de pensar permaneciam íntegros e era-me permitido amá-la, como antes, à distância, tanto quanto desejasse. Tais divagações acrescidas de uma alegria inocente, adquirida durante minha permanência na Úmbria, foram-me muito salutares. Eu sempre tivera uma inclinação por tudo aquilo que fosse ridículo e engraçado em relação às pessoas, e eu agora havia arruinado, com minha ironia, toda alegria que isso pudesse me oferecer. E eis que, de repente, sou despertado pelo humor da vida e parecia-me, cada vez mais possível e mais fácil, reconciliar-me com as estrelas e poder ter ainda o prazer de desfrutar no banquete da vida um ou outro bocado que ela pudesse me oferecer.

Geralmente é assim que se sente, quando se volta da Itália. Faz-se pouco de princípios e preconceitos, sorri-se com indulgência, enfia-se as mãos nos bolsos da calça, convencido de que se é um artista muito esperto da vida. Basta que se participe por alguns instantes da existência ardente e agradável do povo do sul, para logo se pensar que isso vai poder continuar em nossa própria casa. Cada vez que eu voltava da Itália acontecia isso comigo, com a diferença de que daquela vez fui ainda mais atingido. Ao voltar para Basiléia, encontrei a velha e rígida existência de sempre, sem um toque de rejuvenescimento, inalterada; senti como se estivesse caindo do alto da minha euforia, um degrau atrás o outro, desanimado e irritado. Porém, algo daquilo que eu adquirira continuou germinando e desde então o naviozinho da minha vida nunca mais navegou por entre águas cristalinas e turvas, sem pelo menos ostentar, atrevida e confiante, uma pequena flâmula colorida.

Também em outros setores minha opinião havia se transformado, lentamente. Sem grande pesar sentia-me saindo dos anos da mocidade e amadurecer para os dias em que se aprende a considerar a própria vida como um trajeto curto, e a si próprio como um caminhante cujas jornadas e cujo desaparecimento final não chegam a abalar ou preocupar, grandemente, o mundo. Conserva-se diante dos olhos uma norma de vida, um sonho especial, mas não se tem mais aquela ilusão de ser indispensável, e no meio do caminho faz-se uma pausa, permitindo-se a si mesmo um ócio freqüente para perder, sem remorsos, o

trajeto de um dia, poder deitar-se na grama, assobiar uma canção, satisfazendo-se com as alegrias do presente, sem as sombras das preocupações. Até então eu tinha sido, sem jamais ter implorado a Zaratustra e bem no fundo do meu ser, uma criatura que se julga acima dos outros homens, sem me privar da minha autoveneração e do desprezo que dedicava a criaturas inferiores. Mas, aos poucos, fui vendo que não existem fronteiras fixas e que no círculo dos pequenos, dos pobres e dos oprimidos, a existência não é somente variada, como em geral mais sincera, mais autêntica e mais exemplar do que a dos favorecidos pela sorte e dos que brilham na vida.

Cheguei a Basiléia a tempo de comparecer à primeira recepção em casa de Elisabeth que se casara nesse meio de tempo. Sentia-me contente, ainda recém-chegado, queimado da viagem e trazendo na minha bagagem uma série de alegres recordações. A bela mulher encantou-me com sua fina e cordial deferência e passei a noite usufruindo da minha felicidade que aliás me poupara, outrora, o ridículo de uma declaração de amor tardia. Apesar da minha experiência na Itália, eu ainda conservava uma ligeira desconfiança contra as mulheres, culpando-as de alimentarem uma alegria maldosa, com o sofrimento sem esperanças dos homens apaixonados por elas. Para ilustrar melhor e mais convincentemente uma tal situação desonrosa e desagradável, sirvo-me de uma pequena narração ouvida outrora da boca de um menino de escola, de cinco anos de idade. Na escola onde estudava, dominava o seguinte costume estranho e simbólico: se um menino era culpado de uma travessura muito grave e devia receber umas palmadas no lugar apropriado, seis meninazinhas eram encarregadas de segurar o rebelde, na posição penosa exigida para aquela espécie de correção. Como tal direito de poder segurar o culpado valia por um alto prazer e era considerado uma honra, então participavam dessa delícia de crueldade as seis meninas mais comportadas e as que mais se haviam distinguido como modelo de virtudes. Essa divertida estória infantil deu-me muito em que pensar e chegou mesmo a se insinuar por diversas vezes em meus sonhos, tanto assim que sei, pelo menos através das minhas experiências nos sonhos, como alguém se sente miserável numa posição daquelas.

7

Agora como antes eu não dava muita importância às minhas atividades literárias. Podia viver do meu trabalho, pôr de lado algumas economias e enviar, oportunamente, algum dinheiro a meu pai. Ele o levava satisfeito, à taberna, cantando meus louvores em todas as escalas e tons, e pensava até mesmo em retribuir essa minha atenção, prestando-me algum serviço. Aconteceu de eu lhe ter dito, numa certa ocasião, que ganhava meu pão, principalmente, escrevendo artigos para jornais. Sendo assim ele me tomou por um redator ou mesmo informante, como os há nas folhas locais de cidades do interior e, em vista disto, resolveu ditar três cartas muito paternais, endereçando-as a mim, nas quais ele

comunicava diversos assuntos que lhe pareciam importantes e que ele acreditava pudessem me dar material para ganhar mais dinheiro. Uma vez, foi o incêndio de um celeiro, depois, a queda de dois turistas nas montanhas e a terceira, o resultado das eleições do nosso alcaide. Tais notícias, redigidas num grotesco estilo jornalístico pomposo, realmente me causavam satisfação, pois era um sinal de uma mensagem amiga entre meu pai e eu, e as primeiras cartas que eu recebia da minha pátria, durante todos esses anos. Além disso, elas também me deliciavam, como uma crítica e um escárnio involuntário a tudo aquilo que eu escrevia, pois era incumbido pelo jornal de criticar, um mês atrás do outro, livros cuja publicação nada ganhavam em importância e conseqüência àqueles acontecimentos do campo.

Justamente naquela época haviam surgido dois livros cujos autores eu havia conhecido outrora em Zurique: dois jovens possuidores de um lirismo extravagante. Um deles habitava Berlim e sabia descrever muita sujeira com respeito a bares e bordéis das grandes capitais. O segundo havia mandado construir uma luxuosa mansão nos arrabaldes de Munique e procurava, louca e desesperadamente, uma inspiração, oscilando entre sua autocontemplação neurastênica e incitações espíritas. Eu deveria criticar os livros e naturalmente o fiz, caçoando de ambos, sem todavia empregar a malícia. Do neurastênico chegou-me às mãos uma carta, cheia de desprezo, num estilo verdadeiramente principesco. Quanto ao berlinense, este fez escândalo através de uma revista, julgando-se atacado no que havia de mais sério nas suas intenções, apoiou-se em Zola, censurou-me, não somente quanto à minha crítica insensata e sem fundamentos, como também e particularmente o espírito presunçoso e prosaico dos suíços, O cavalheiro tivera outrora, em Zurique, talvez a única e razoável oportunidade sadia e digna da sua vida literária.

Bem, eu jamais havia sido um patriota ferrenho, mas isso já me cheirava por demais a uma ofensa berlinense e respondi então ao que se mostrava tão insatisfeito e ofendido, através de uma longa epístola dizendo que, embora dentro da minha pequenez, nada ficava a dever aos enfatuados e convencidos homens modernos das grandes cidades.

Essa contenda me fez bem, obrigando-me a refletir mais uma vez sobre minha concepção da civilização moderna. O trabalho era penoso e demorado, trazendo à luz poucos resultados satisfatórios. Meu livrinho não perde nada, se eu me calar a seu respeito.

Ao mesmo tempo essas considerações forçavam-me, mais profundamente, a pensar sobre mim mesmo e na tão planejada obra da minha vida. Eu nutria, como se sabe o desejo de, num poema sublime, aproximar a vida muda e maravilhosa da natureza, do homem de nossos dias, e fazer com que ele a amasse realmente. Queria ensiná-lo a ouvir o coração da terra a pulsar; a tomar parte na universalidade da vida e a não esquecer, pressionado pelos seus pequenos destinos, que nós não somos deuses e que não fomos criados por nós mesmos, mas sim, que somos filhos e parte da terra e do cosmos universal. Queria lembrar ao homem que, da mesma forma que o canto dos poetas e os sonhos das nossas noites, as correntezas, rios, nuvens que caminham e tempestades são também símbolos e mensageiros das nossas aspirações, estendendo suas asas entre o céu e

a terra, e cujo destino é a certeza indubitável dos direitos à vida e à imortalidade de tudo aquilo que existe. O que há de mais profundo em cada ser, está garantido por esses direitos; ele é filho de Deus e repousa, sem temores, no regaço da eternidade. Porém, tudo aquilo que trazemos dentro de nós de perverso, de doentio e de depravado, opõe-se e acredita na morte.

Queria ensinar também os homens a encontrar no amor fraterno à natureza, as fontes de alegria e torrentes de vida; queria pregar a arte de contemplar, de caminhar e de desfrutar das alegrias do presente; que montanhas, mares e ilhas vos falassem na sua linguagem poderosa e sedutora; e queria obrigar-vos a ver que vida fabulosamente variada e operosa floresce e transborda, diariamente, fora de vossas casas e cidades. Eu queria conseguir que conseguísseis sentir vergonha de saber mais a respeito das guerras que ocorrem no exterior, das modas, das bisbilhotices, da literatura e da arte, do que da primavera que ostenta sua floração magnífica e exuberante às portas de vossas cidades, ou do que do rio que desliza sob vossas pontes e florestas e prados magníficos que são percorridos por vossos trens. Eu queria contar-vos de como eu, ermitão, homem que encara a vida seriamente, que corrente de ouro de prazeres inesquecíveis encontrei nesse mundo, e queria que vós, que sois talvez mais felizes e mais alegres do que eu, encontrásseis alegrias ainda maiores nesse mundo. Eu queria, mais do que tudo, depositar nos vossos corações, o belo segredo do amor. Esperei poder ensinar-vos a ser verdadeiros irmãos de tudo que existe e que pudésseis sentir tanto amor, a não mais temerdes o sofrimento e também a morte, mas a recebê-los como a irmãos sérios, severa e fraternalmente, quando vierem ao vosso encontro.

Tudo isso não esperei apresentar com hinos e cânticos sublimes, mas com simplicidade, verdade e objetividade, séria e jovialmente, como o viajante que chega e conta aos amigos o que viu lá fora. Eu queria — eu desejava — eu esperava; tudo isso soa como algo de cômico, mas continuava esperando ainda pelo dia em que todos estes queros tivessem um plano e um esboço. Pelo menos eu havia colecionado muita coisa. Não apenas na memória, como também numa série de livrinhos que eu levava sempre comigo nas viagens e nas minhas caminhadas, enchendo suas páginas em poucas semanas. Ali eu resumia as notícias sobre tudo o que havia para se ver no mundo, sem reflexões e sem comentários. Eram cadernos de esboços, como os dos desenhistas, e continham em poucas palavras somente coisas reais: imagens de ruas e de estradas; silhuetas de montanhas e cidades, conversas ouvidas entre camponeses, operários, vendedoras de mercado; observações sobre o tempo, notícias sobre iluminação, ventos, chuvas, pedras, plantas, animais, vôos de pássaros, formação de ondas, jogo de cores das águas do mar e forma das nuvens. Nessa ocasião eu escrevera algumas estórias curtas sobre tudo aquilo e as havia publicado como estudos sobre a natureza e sobre minhas caminhadas, tudo isso sem referência ao humano.

Para mim, a estória de uma árvore, a vida de um animal ou a viagem de uma nuvem sem um cenário humano, eram suficientemente interessantes. Inúmeras vezes passara pela minha cabeça que uma poesia importante, onde não aparecesse a figura humana, seria um absurdo, porém eu me apeguei durante anos a esse ideal e alimentava uma sombria esperança de que, talvez um dia, uma

inspiração muito grande viesse a triunfar sobre essa impossibilidade. Convenci-me finalmente que deveria povoar com seres humanos as belas paisagens, e que estes jamais poderiam ser representados no seu natural, com uma suficiente fidelidade. Havia muito a ser recuperado e até hoje eu me esforço por consegui-lo. Até então os homens, a meu ver, faziam parte de um todo e, no fundo, eram-me completamente estranhos. Recentemente aprendi como é louvável conhecê-los, não como uma humanidade abstrata, mas sim como indivíduos, e foi assim que meus livrinhos de notas e minha memória começaram a se encher de imagens completamente novas.

O início desses estudos foi reconfortante. Eu saía da minha indiferença ingênua e ganhava interesse em muitas pessoas. Via quantas coisas que aconteciam naturalmente ainda me eram estranhas e sabia também que era graças às minhas caminhadas e observações que meus olhos se haviam aberto, tornando-se mais penetrantes. E, como desde sempre eu nutrira uma predileção pelas crianças, sentindo-me atraído por elas, comprazia-me com sua presença freqüente. Todavia, a observação das nuvens e das ondas me alegrava ainda mais do que os estudos dos homens. Com verdadeira surpresa constatei que o homem se distingue do resto da natureza, principalmente, pela camada gelatinosa e escorregadia das mentiras que o rodeiam e protegem. Em resumo, observei em todos os meus conhecidos o mesmo sintoma — resultando do fato de que cada um é obrigado a representar uma personalidade bem definida, muito embora ninguém conheça o fundo do seu ser. O mesmo observei na minha própria pessoa, o que aliás me causou uma estranha impressão e, daí por diante renunciei a querer penetrar no íntimo das pessoas. Para a maioria delas, a camada gelatinosa era de suma importância. Encontrei-a em todos os lugares, até mesmo entre as crianças que sempre, consciente ou inconscientemente, preferem representar um papel a manifestarem pelo instinto e claramente aquilo que são.

Depois de algum tempo parecia-me que eu já não fazia mais progressos, que estava me estiolando com coisas insignificantes. Primeiro procurei o erro dentro de mim mesmo, mas em breve não podia mais me iludir quanto ao desapontamento do ambiente em que vivia e que não me fornecia mais as pessoas que eu procurava. Eu não necessitava de coisinhas interessantes e, sim de tipos. E isso eu não encontrava nem no mundo acadêmico e nem no círculo das pessoas da sociedade. Recordava-me, com saudades, da Itália e foi também, saudoso, que me lembrei dos únicos amigos e companheiros das minhas muitas caminhadas a pé, os operários. Em companhia deles eu andara muito e entre eles encontrara rapazes verdadeiramente encantadores.

Era inútil me dirigir aos albergues ou me meter em espeluncas. De nada me valeria essa corja de vagabundos e andarilhos desclassificados.

Continuei, novamente, por algum tempo ainda indeciso, tendo por companhia as crianças e prossegui nas minhas observações entre os ébrios, junto aos quais, naturalmente, nada podia colher. Algumas semanas se sucederam, tristes e sombrias, e, como desconfiava de ter exagerado ridiculamente nas minhas experiências e nos meus desejos, passei a perambular ao ar livre e ruminar projetos, novamente, junto a uma garrafa de vinho, grande parte da noite.

Sobre minhas mesas haviam-se acumulado alguns livros que eu gostaria de conservar, ao invés de devolvê-los ao antiquário, porém não havia mais lugar nas prateleiras. Para resolver esse problema, dirigi-me a uma modesta marcenaria e pedi ao dono que passasse lá em casa para tirar as medidas para uma estante de livros.

Ele veio; um homem pequeno e vagaroso, com maneiras ponderadas; tomou medida do espaço necessário, ajoelhou-se no chão, estendeu o metro até o teto. O homenzinho cheirava um tanto a cola e tomava meticulosamente nota das medidas com algarismos enormes, no seu caderno. Sem querer, no afã do trabalho, esbarrou numa poltrona abarrotada de livros, fazendo com que alguns volumes caíssem, e abaixou-se para erguê-los. Sob os livros encontrava-se um pequeno manual do dialeto de operários que se pode encontrar, encadernado em cartolina, em quase todos os albergues de operários na Alemanha, um livrinho bem feito e muito divertido.

Quando o marceneiro viu o livro que lhe era tão familiar, olhou-me um tanto curioso, entre divertido e desconfiado.

"Então, o que está havendo?" perguntei-lhe.

"Com sua permissão, é que estou vendo um livro que eu também conheço. O senhor estudou mesmo tudo isso?"

"Foi nas estradas que aprendi o dialeto dos companheiros", respondi, "mas de vez em quando é bom recordar uma expressão".

"Ora, vejam só! Com que então o senhor já freqüentou a vadiagem?".

"Não da maneira com o senhor está imaginando. Mas bem que andei por aí e dormi em muitas espeluncas."

Enquanto falávamos ele empilhava os livros para ir-se embora.

"E o senhor por onde andou?" perguntei.

"Daqui até Coblença e depois desci até Genebra. Não foi lá a pior época da minha vida."

"E chegou a brigar alguma vez?".

"Apenas uma vez, em Durlach."

"Precisa me contar como é que foi, se quiser. Que tal diante de um copinho?".

"Isso não me agrada muito, senhor. Porém se quiser passar lá na minha casa, numa noite de folga e perguntar: então como vão as coisas? Bem, eu, por mim, estou de acordo. Se é que tudo isso não seja uma tapeação."

Alguns dias depois Elisabeth recebia em grande estilo; a caminho, fiquei parado no meio da rua, pensando se não seria melhor ir até à casa do meu marceneiro. Dei meia volta, deixei a sobrecasaca lá no meu armário e fui visitar o marceneiro. A oficina já estava fechada e às escuras; tropecei numa soleira, atravessei um quintalzinho estreito, subi e desci uma escada de uma casa de fundos e encontrei finalmente uma porta que ostentava, numa tabuleta escrita a mão, o nome do mestre. Ao entrar, penetrei diretamente numa cozinha pequena, onde uma mulher magra providenciava o jantar, olhando ao mesmo tempo as três crianças que enchiam aquele espaço exíguo com vida e muito alarido. Surpresa ao meu ver, a mulher me conduziu ao cômodo vizinho, onde o marceneiro lia o seu jornal, junto à janela iluminada pela luz do crepúsculo. Resmungou,

aborrecido, quando à meia-luz, tomou-me por um freguês importuno; depois reconhecendo-me, estendeu-me a mão.

Percebendo que ele fora apanhado de surpresa e que se sentia acanhado, voltei-me para as crianças que fugiram de mim em direção à cozinha e eu atrás delas. Notando que a dona-de-casa preparava um prato com arroz, despertaram em mim as lembranças da cozinha da minha senhoria, lá na Úmbria, e eu então me propus ajudá-la. É hábito na nossa terra cozinhar o belo arroz de qualquer maneira, até ele ficar uma espécie de grude, com gosto de nada, que repugna à vista e ao paladar, pela sua consistência pegajosa. Aqui também esta desgraça já estava em- andamento e, para melhorar a refeição, peguei a panela e uma escumadeira e resolvi, rapidamente, salvar a situação. A mulher, meio aturdida com o imprevisto, resignou-se, e o arroz ficou quase a contento; colocamo-lo sobre a mesa, acendemos a luz e eu também participei da refeição.

Como a mulher do marceneiro passasse quase toda a noite interrogando-me a respeito de cozinha, pedindo-me receitas, o marido mal pôde falar e resolvemos então adiar a descrição de suas aventuras como caminheiro outro dia. Aliás, logo aquela boa gente percebeu que eu era um cavalheiro só na aparência e que eu não passava de um filho de camponês, nascido e criado na pobreza — logo na primeira noite nos tornamos amigos e trocamos confidencias. Assim como eles reconheceram em mim uma criatura da mesma origem, eu também farejara no modesto arranjo da casa o ambiente pobre de uma classe humilde. Aqui as pessoas não tinham tempo para etiquetas, poses e comédias; para eles, a vida pobre e rude, sem a capa da educação e outros interesses, era por demais preciosa e boa, para atapetá-la com futilidades.

Cada vez mais freqüentes se tornavam minhas visitas à casa do marceneiro, onde eu esquecia, não somente as misérias da sociedade, como também minhas tristezas e sofrimentos. Parecia-me que encenara aqui, reservado para mim, um pedacinho da minha infância e que aqui a vida prosseguia justamente naquele ponto em que os padres do Convento haviam interrompido, enviando-me para a escola.

Debruçados sobre um mapa em estilo antigo, rasgado e amarelado pelo suor, o marceneiro acompanhava comigo as suas e as minhas viagens, e nós nos alegrávamos com cada entrada de cidade, em cada ruazinha que ambos conhecíamos, rememorávamos anedotas e brincadeiras contadas por companheiros, e uma vez chegamos a cantar as sempre jovens canções de Straubing. Conversávamos a respeito do trabalho, da casa, das crianças, de coisas da cidade e, aos poucos, aconteceu, sem que o percebêssemos, que havíamos trocado os papéis, sendo eu o indivíduo grato que aprendia e ele, o generoso, o que ensinava. Sentia-me também mais aliviado, porque li eu era envolvido pela realidade e não pelas futilidades de um dão de sociedade.

Entre os filhos do marceneiro, uma garotinha de cinco anos chamava a atenção por sua meiga singularidade. Seu nome era Agnes, porém chamavam-na de Agi: loira, pálida, membros delicados, olhos tímidos e grandes e de natureza dócil e retraída. Um domingo, ao buscar a família para dar um passeio, encontrei Agi doente. A mãe ficou ao seu lado e nós partimos, caminhando lentamente para fora a cidade. Atrás de Sankt Margreten resolvemos nos sentar num banco e

enquanto as crianças corriam em busca de flores, pedras e tesouros, nós ficamos contemplando os prados estivais, o cemitério de Binninger e o belo perfil azulado do Jura. O marceneiro estava cansado, deprimido e silencioso, parecendo preocupado.

"O que se passa, mestre?" perguntei, quando as crianças se afastaram. Ele olhou-me, desconsolado e triste.

"O senhor ainda não percebeu?" começou ele. "A minha Agi vai morrer. Sei disso há muito tempo e me admiro de ela ter chegado a essa idade, pois sempre teve a morte nos olhos. Agora, porém, só nos resta acreditar que é mesmo verdade."

Comecei a consolá-lo, mas logo resolvi parar.

"Aí está", disse ele, sorrindo com tristeza. "O senhor também não crê que ela possa sobreviver. Não sou nenhum devoto, sabe, só vou à Igreja nos anos de Jubileu, mas agora eu sinto muito bem que o bom Deus quer me dizer uma palavrinha. Minha Agi não passa de uma criancinha; ela nunca teve boa saúde, porém Deus sabe que sempre a amei mais do que todos os outros juntos."

As crianças chegaram correndo, gritando de alegria e com mil e uma perguntas; rodearam-me, pedindo que eu lhe dissesse o nome de flores, capins e querendo, finalmente, que lhes contasse uma história. Falei-lhes então sobre as flores, árvores e arbustos que, como as crianças, também possuem, cada qual, sua alma e cada qual seu anjo-da-guarda. O pai também ouvia e sorria, dando, aqui e ali, sua aprovação, em voz baixa. Notamos que o azul das montanhas se tornava mais profundo, ouvimos os sinos que anunciavam o cair da tarde e fomo-nos embora para casa. A bruma avermelhada da noite caía sobre os campos; as torres distantes dos mosteiros erguiam-se, pequeninas e esguias, no ar quente; no céu, o azul estival tinha nuanças de verde e ouro, e as árvores espalhavam suas sombras longas. As crianças mostravam-se cansadas e silenciosas. Pensavam nos anjos das papoulas, dos cravos e das campânulas, enquanto nós nos preocupávamos com a pequena Agi, cuja alma estava preparada para receber asas e nos abandonar, a nós, pequena multidão assustada.

As duas semanas seguintes transcorreram sem novidade. A menina parecia se recuperar; já podia deixar a cama por algumas horas e, recostada nos travesseiros, mostrava-se ainda mais bonita e mais alegre do que antes. Depois vieram algumas noites de febre e constatamos, sem mais comentários, que a criança ainda continuaria ao nosso lado por algumas semanas ou, quiçá, alguns dias. O pai só tocou no assunto uma única vez. Eu o vi remexer na sua reserva de madeira e soube, por mim mesmo, que ele procurava separar algumas tábuas, para fazer o esquife para uma criança.

"Deve acontecer em breve" — disse ele — "e eu mesmo quero fazê-lo nas minhas noites livres."

Eu estava sentado num banco de carpinteiro, enquanto ele trabalhava ao lado. Quando as tábuas foram cuidadosamente aplainadas, ele mas mostrou, com uma espécie de orgulho. Era de madeira de pinho, bela, de boa qualidade, sem falhas.

"Aí não será batido nenhum prego, eu encaixarei tudo, de tal maneira que fique uma peça resistente e boa. Por hoje já chega, agora vamos lá ver minha mulher."

Os dias passaram; dias quentes e belíssimos de verão; todos os dias eu ia sentar-me ao lado da pequena Agi e ali ficava, durante uma ou duas horas, falando-lhe a respeito de belos prados e florestas, segurando sua mãozinha infantil, leve e fina, entre a minha mão grande e larga, aspirando com toda a minha alma o claro encanto que envolvia aquele pequenino ser, até o último dia.

Depois ficávamos por ali, angustiados e tristes, vendo como o pequeno corpo emaciado ainda armazenava forças para lutar contra a morte que acabou por dominá-la, fácil e rapidamente. A mãe se conservava silenciosa e forte; o pai debruçava-se sobre a caminha, despedindo-se centenas de vezes, afagando a cabecinha loira e acariciando o corpo sem vida da sua filhinha predileta.

Em seguida deu-se a solenidade simples do enterro e as noites lúgubres em que as crianças choravam nas suas caminhas, ali ao lado. Fazíamos depois belos passeios até o cemitério, onde depositávamos flores na campa recente e onde ficávamos sentados no banco nas frescas alamedas, todos juntos, sem falar, pensando em Agi e contemplando com outros olhos a terra onde repousava nossa queridinha, e árvores e a grama que cresciam sobre ela e as aves, cujos folguedos ressoavam livres e alegres, no silêncio do cemitério.

Enquanto isso, o trabalho diário prosseguia na sua faina diária, árduo e sério; as crianças voltaram a cantar, a brigar, a rir e queriam ouvir estórias e, sem que o percebêssemos, já começávamos a nos acostumar a não ver mais a nossa Agi e a ter no céu um belo e pequeno anjo.

Com todos esses acontecimentos, eu não gozava mais da companhia do professor e só visitara Elisabeth algumas vezes, onde me senti estranhamente desamparado, angustiado, no meio daquelas conversas fúteis. Resolvi ir à casa de ambos, onde encontrei as portas fechadas, pois todos haviam partido para o campo. Só então ocorreu-me, com espanto, que eu me havia esquecido completamente dos dias quentes e das férias, na minha amizade com a família do marceneiro e com a doença da menina. Outrora ter-me-ia sido impossível passar os meses de julho e agosto na cidade.

Despedi-me por alguns dias, empreendi uma viagem a pé através da Floresta Negra, a Bergstrasse e o Odenviwald. No caminho sentia um prazer para mim até então desconhecido, de enviar aos filhos do marceneiro, lá em Basiléia, cartões postais de belas paisagens e de imaginar tudo aquilo que eu iria lhes contar e a seu pai, sobre a agem.

Em Frankfurt tomei a decisão de oferecer a mim mesmo mais alguns dias de férias. Em Aschaffenburg, Nurenberg, Munique e Ulm usufruí com prazer renovado as antigas obras de arte e finalmente resolvi fazer, ingenuamente, uma parada em Zurique. Até então, durante todos esses anos, eu evitara essa cidade, como se fosse um tumulo; de repente eis-me perambulando pelas ruas familiares, novamente à procura dos velhos jardins, recordando, sem amargura, os velhos tempos passados. A pintora Aghetti se casara e alguém me deu o endereço. A noitinha dirigi-me à sua casa, li na porta o nome do seu marido, olhei para cima, para as janelas, e hesitei em entrar. Os velhos dias do passado renasceram dentro

de mim e aquele amor da minha mocidade despertou um tanto do seu sono, causando-me um pequeno sofrimento. Dei meia volta e não aviltei a bela imagem que eu conservava da tão amada mulher italiana, com um reencontro inútil. Continuei flanando pelas ruas e fui rever os jardins junto ao lago, onde outrora os artistas haviam festejado aquela noite de verão. Tornei a ver a casa em cuja mansarda eu morara durante três breves e felizes anos e, acima de todas essas recordações, pairava o nome de Elisabeth nos meus lábios. Contudo, o novo amor era ainda mais forte que o das suas irmãs mais velhas. Era também mais calmo, mais modesto e mais grato.

Para conservar meu bom humor, tomei um barco e remei, vagarosamente, sentindo-me confortável, no lago quente e luminoso. A noite já ameaçava cair e no céu via-se apenas uma única e bela nuvem, alva como a neve. Eu a tinha constantemente na minha frente, fazia-lhe sinais, recordando-me daquela minha paixão infantil pelas nuvens, pensando em Elisabeth e também naquele quadro de Segantini, diante do qual eu vira a jovem parada, bela e extasiada. Nunca, como agora, eu sentia que meu amor por ela, jamais maculado por uma palavra ou mesmo desejos impuros, me cumulava de felicidade, purificando-me. E, na contemplação da nuvem, só conseguia ver, tranqüilo e agradecido, tudo de belo que houve na minha vida e, ao contrário das paixões e desvarios de outrora, sentia dentro de mim as velhas aspirações do meu tempo de criança — sendo que elas se haviam tornado mais maduras e serenas.

Desde tempos imemoráveis, eu me habituara a acompanhar o ritmo dos remos dentro d'água, cantando em voz baixa, ou mesmo alta, Comecei, portanto, a cantar suavemente e percebi que, à medida que cantava, fazia-o em versos. Estes ficaram na minha memória e ao chegar em casa eu os transcrevi, como recordação daquela bela noite no lago em Zurique:

Como bela nuvem branca
Pairando no alto dos céus.
Formosa, clara e distante,
És tu, minha Elisabeth.

A nuvem passa e prossegue
Embora mal o percebas,
Entretanto nos teus sonhos.
Surge ela em noite profunda.

Passa e brilha tão esplêndida
Que pra sempre e sem cessar,
Tu sentes ao ver a nuvem
Uma doce e terna saudade.

Em Basiléia encontrei uma carta vinda de Assis. Era da senhora Annunziata Nardini e trazia notícias alvissareiras. Finalmente ela encontrara um segundo marido! Aliás, seria bem interessante reproduzir a missiva, tal qual a recebi:

Muito respeitável e querido senhor Peter:

Permita à sua fiel amiga a liberdade de escrever-lhe uma carta. Foi do agrado de Deus conceder-me uma grande felicidade e eu gostaria de convidá-lo para o meu casamento no dia 12 de outubro. Seu nome é Menotti e, embora tendo pouco dinheiro, ele me ama muito e já negociava antes com frutas. Ele é bonito, mas não é tão grande e belo como o senhor, senhor Peter. Ele vai vender frutas lá na Piazza, enquanto eu continuo na frutaria. A bela Marieta, lá do vizinho, também vai se casar, embora ele seja apenas um pedreiro vindo de fora.

Pensei no senhor todos os dias e falei a seu respeito com muita gente. Eu gosto muito do senhor e também do Santo, ao qual acendi quatro velas em sua lembrança. Menotti também vai ficar contente se o senhor vier ao casamento. Caso ele queira se mostrar desagradável por sua causa, eu o proibirei. Infelizmente foi provado que o pequeno Matteo Spinelli, como eu, aliás, sempre assegurava, não passa de um facínora. Muitas vezes ele me roubou limões. Levaram-no embora porque ele roubou 12 liras do seu pai, o padeiro, e também porque envenenou o cachorro do Giangiacomo, o mendigo.

Eu lhe desejo todas as bênçãos de Deus e do Santo. Sinto multas saudades do senhor.

Sua amiga, submissa e fiel,

Annunziata Nardini.

P.S. Nossa colheita foi sofrível. A das uvas foi muito má e havia também poucas pêras, mas os limões foram abundantes e, infelizmente, tiveram que ser vendidos bem barato. Em SpeUo aconteceu uma terrível desgraça. Um moço matou seu irmão com um ancinho; ninguém sabe por quê. Deve ter sido por causa de ciúmes, embora ele fosse seu próprio irmão.

Infelizmente não me foi possível aceitar aquele convite tão sedutor. Enviei-lhes meus votos de felicidade, prevendo uma visita na próxima primavera. Depois fui à casa do meu mestre-marceneiro, levando a carta e presentes de Nurenberg para as crianças.

Lá encontrei uma grande e inesperada mudança. Afastado da mesa, junto à janela, uma grotesca e recurva figura humana acocorava-se numa cadeira, como essas que usam as crianças, com uma tábua de proteção. Tratava-se de Boppi, irmão da mulher do marceneiro; um pobre aleijado, semi-paralítico e para o qual, após a morte da mãe, não se apresentara nenhum cantinho onde pudesse ficar. O marceneiro o havia acolhido, provisoriamente, em sua casa, embora relutante, pois a presença constante do aleijado pesava como um pavor no abalado ambiente familiar. Ainda não se haviam habituado com ele; as crianças tinham-lhe medo, a mãe sentia compaixão, acanhamento e depressão; o pai manifestava, abertamente, seu descontentamento.

Boppi equilibrava, sobre uma horrível corcunda dupla, uma cabeça enorme com traços muito marcados, desprovido de pescoço, testa larga, nariz muito grande e um bela boca sofredora; os olhos eram claros porém silenciosos e um tanto amedrontados; as mãos estranhamente pequenas e bonitas, repousavam,

constantemente, brancas e serenas, na tábua de proteção da sua cadeira. Senti-me também confuso e ao mesmo tempo aborrecido com o pobre intruso e foi-me penoso ouvir a descrição da curta estória do enfermo, enquanto ele ali ao lado olhava suas mãos, sem que ninguém lhe dirigisse a palavra. Era aleijado de nascença o que não impedira que tivesse freqüentado a escola pública; durante anos havia se mostrado útil trançando palha, até que repetidos ataques de gota o haviam deixado semi-paralítico. Fazia já alguns anos que ele ficava ora na cama, ora recostado em travesseiros, naquela estranha cadeira. A irmã contou que outrora ele costumava cantar para si mesmo, muito, e com voz agradável, todavia fazia anos que ela não mais o ouvia cantar e aqui, nesta casa, ele jamais o fizera. Enquanto tudo isso era relatado e comentado, ele se mantinha ali. e olhando para frente. Eu me sentia muito pouco à vontade e fui logo embora, ausentando-me dali por alguns dias.

Durante toda minha vida eu fora um homem forte e sadio, jamais doente de uma moléstia grave, e encarava as pessoas enfermas, principalmente os aleijados, com compaixão e com um pouco de desprezo; não me convinha, de forma alguma, sentir minha vida confortável e alegre na companhia da família do marceneiro ser perturbada pelo fardo pouco agradável dessa pobre existência miserável. Por esse motivo fui protelando dia a dia a segunda visita pensando, inutilmente, de que maneira poderíamos nos livrar do pobre paralítico. Devia haver um meio qualquer de, mediante algum auxílio pecuniário, conseguir um lugar num hospital ou asilo. Fui diversas vezes procurar o marceneiro para pedir seu conselho, mas eu me sentia acanhado e tomado de um certo temor infantil na presença do doente. Era-me desagradável vê-lo e ter que apertar-lhe a mão.

Assim sendo, deixei passar um domingo. No segundo domingo eu estava resolvido a subir o Jura de trem, de manhã bem cedo, quando senti vergonha da minha covardia e fiquei por ali mesmo; depois do almoço dirigi-me à casa do marceneiro.

Foi contrariado que dei a mão a Boppi. O marceneiro estava aborrecido e propôs um passeio; comunicou-me que já estava farto daquela miséria perpétua e eu então me senti satisfeito de poder participar-lhe minhas intenções. A mulher queria ficar em casa, mas foi o próprio aleijado que insistiu para que ela nos acompanhasse, pois ficaria muito bem sozinho. Bastava que lhe deixassem um copo d'água à mão e um livro, e depois poderiam trancá-lo e sair, despreocupadamente.

E nós, que nos julgávamos pessoas razoáveis e bondosas, nós o deixamos trancado e fomos nos divertir. E nós nos alegramos, nos divertimos com as crianças, nós nos sentimos felizes com o belo sol dourado do outono e nenhum de nós sentiu vergonha e a nenhum de nós pesou o fato de ter deixado um pobre paralítico absolutamente só, dentro de casal Pelo contrário, estávamos até contentes por termos podido nos ver livres dele por alguns instantes e respirarmos, aliviados, a atmosfera clara, aquecida pelo sol, oferecendo o espetáculo de uma família grata e inteligente, que desfruta o domingo do Senhor com sabedoria e gratidão.

Foi somente quando voltamos ao Hömli de Grenzach para tomar um copo de vinho e nos sentamos em redor da mesa do albergue, no jardim, que o

marceneiro começou a falar de Boppi. Queixou-se do hóspede cacete e lamentou-se de que a casa ficara ainda mais reduzida no seu espaço e as despesas maiores, e terminou dizendo a sorrir: "Bem, pelo menos aqui fora, a gente pode se divertir durante uma hora, sem que ele nos aborreça."

A essa observação infeliz, vi o pobre paralítico diante de mim, suplicante e sofredor, ele, que nenhum de nós amava e de cuja presença pretendíamos nos livrar e que estava, no momento, triste e solitário, abandonado à sua própria sorte, trancado por nós na sala mergulhada na meia-luz. Ocorreu-me então que em breve iria escurecer e que ele não seria capaz de acender a luz ou de aproximar-se um pouco mais da janela. Então ele poria de lado o livro e continuaria sozinho na penumbra, sem alguém com quem conversar, sem uma distração, ao passo que nós tomávamos vinho, ríamos e nos divertíamos. Lembrei-me também que eu contara aos vizinhos de Assis passagens da vida de São Francisco e como eu lhes havia mentido, dizendo-lhes que o santo me havia ensinado a amar todos os homens. Com que finalidade havia eu estudado a vida do santo e aprendido de cor seu magnífico Canto de Amor e procurado suas pegadas nas colinas da Úmbria se, não longe dali, uma pobre criatura inválida sofria, enquanto eu, sabedor disso, poderia ir em seu auxílio, consolando-a?

A mão de uma poderosa força invisível repousou no meu coração, pressionando-o, enchendo-me de tanta vergonha e de tanta dor, que estremeci e sucumbi. Eu sabia que, agora. Deus queria dizer-me alguma coisa.

"Tu, ó poeta!", disse-me Ele, "tu , ó discípulo do Úmbrico, tu, ó profeta, que pretendes ensinar o amor aos homens e torná-los felizes! Tu, ó sonhador, que desejas ouvir Minha voz nos ventos e nas águas!"

"Tu amas uma casa", continuou Ele, "onde todos são amáveis para contigo e onde passas horas tão agradáveis! E, no mesmo dia em que honro essa morada com a Minha presença, tu foges e sais à procura de um meio para Me expulsares dali! Tu, ó santo! Tu, ó profeta! Tu, ó poeta!"

Tive a impressão de ter sido colocado diante de um espelho claro e incapaz de enganar, onde eu via refletida a figura de um mentiroso, de um fanfarrão, de um covarde que não sabe manter sua palavra. Isso dói, isso é amargo, torturante e pavoroso; mas o que nesse preciso momento se rompeu dentro de mim, o que sofri de tormentos, o que se avolumou de sofrimentos era digno de despedaçar-se e de perecer para sempre.

Bruscamente, apressado, despedi-me, deixei o vinho no copo e o pão apenas partido sobre a mesa e voltei para a cidade. Na minha aflição fui atormentado pelo medo, insuportável, de que tivesse acontecido alguma desgraça. Poderia ter irrompido um incêndio, o pobre Boppi poderia ter caído da sua cadeira e, impossibilitado de se mover, ali teria ficado, no chão, sofrendo, ferido ou mesmo morto. Eu o via caído e parecia-me que estava ao seu lado, tendo que suportar o olhar silencioso e acusador do aleijado.

Alcancei a cidade e a casa, quase sem fôlego; subi correndo as escadas, quando me ocorreu que eu me encontrava diante de uma porta fechada, sem uma chave para abri-la. Porém, antes de ter alcançado a porta da cozinha, o medo que até então se apossara de mim foi desaparecendo, pois comecei a ouvir que alguém cantava lá dentro da casa. Foi um momento estranho. Com o coração aos

pulos, sem fôlego, eu me encontrava no patamar escuro da escada, de ouvido atento à canção do aleijado trancado lá dentro e aos poucos eu retomava, novamente, alento. Ele cantava baixinho, mansa e um tanto queixosamente uma canção popular que falava de amor: "Florzinhas brancas e vermelhas". Eu sabia que já fazia muito tempo que ele não cantava e isso me comoveu sobremaneira, de saber-me ali, à sua escuta, sabendo que ele aproveitava aquela hora, para, à sua maneira, se sentir feliz.

As coisas passam-se assim: a vida se compraz em colocar o cômico ao lado de acontecimentos sérios e de emoções profundas. Senti então o ridículo e o desdourado da minha situação. Movido pelo medo súbito, eu havia corrido durante uma hora, como um desatinado através dos campos, para finalmente chegar, sem chave, diante da porta trancada da cozinha. Agora eu deveria ou bem ir-me embora, ou gritar ao paralítico as minhas boas intenções, através de portas fechadas! Ali estava eu, na escada, com a firme resolução de consolar o infeliz, mostrar-lhe minha simpatia e ajudá-lo a passar algumas horas, e ele, sem desconfiar de nada, cantava e, certamente, levaria um susto enorme se eu chamasse a atenção sobre minha pessoa, gritando ou pondo-me a bater na porta.

Nada mais me restava fazer a não ser ir-me embora. Fiquei perambulando pelas ruas animadas daquele domingo e depois voltei à casa do marceneiro, onde encontrei a família que voltara do passeio. Desta vez não foi necessário fazer grandes sacrifícios para apertar a mão de Boppi. Sentei-me ao seu lado e entabulei uma conversa, perguntando-lhe o que estava lendo. Mostrou-se agradecido quando me ofereci para ler-lhe em voz alta. Quando lhe recomendei as obras de Jeremias Gotthelf foi constatado que ele já as lera, quase todas. Todavia Gottfried Keller lhe era desconhecido e eu prometi emprestar-lhe alguns livros desse autor.

No dia seguinte, ao trazer-lhe os livros, tive a oportunidade de estar a sós com ele, pois a irmã precisava sair e o marceneiro encontrava-se na oficina. Fiz-lhe então saber o quanto me envergonhava de tê-lo deixado sozinho na véspera e que me sentiria feliz em poder sentar-me, às vezes, ao seu lado e de poder me tornar seu amigo.

O pequeno aleijado volveu sua cabeça grande um pouco para meu lado e, encarando-me, disse: "Muito agradecido". Isso foi tudo, contudo esse voltar da sua cabeça significava um esforço enorme e valia tanto quanto dez abraços de uma criatura normal; seu olhar era tão belo e de uma pureza tão ingênua que eu, envergonhado, senti o sangue subir-me ao rosto.

Bem, faltava ainda o pior que era falar com o marceneiro. Pareceu-me que seria melhor confessar-lhe, abertamente, o medo e a vergonha que eu sentira ontem. Infelizmente ele não se mostrou compreensivo, permitindo, contudo que eu tocasse no assunto. Concordou em conservar o enfermo na sua casa como se fosse nosso hóspede, meu e dele, e que dividiríamos doravante os pequenos gastos da sua manutenção, sendo-me permitido entrar e sair, à vontade, para ver Boppi e considerá-lo como se fosse meu próprio irmão.

O outono conservou-se belo e quente, além do tempo previsto. Por esse motivo, a primeira coisa que fiz por Boppi foi comprar-lhe uma cadeira de rodas

e levá-lo para fora de casa, a passear, diariamente e, quase sempre, em companhia das crianças.

8

Foi sempre meu destino receber mais da vida e dos amigos, do que eu próprio podia dar-lhes em troca. Assim foi com Ricardo, com Elisabeth, com a senhora Nardini e com o marceneiro; aconteceu então de eu me tornar, na minha idade madura e dentro de uma autovalorização bastante satisfatória, o aluno surpreso e agradecido de um pobre aleijado. Se de fato eu chegar ao ponto de terminar e entregar a minha obra poética, de há muito iniciada, muito pouca coisa se encontrará nela, que eu não tenha aprendido com Boppi. Começou então uma época boa e feliz para mim, da qual eu iria poder usufruir durante muito tempo, generosamente. Foi-me também concedido poder olhar clara e profundamente dentro de uma alma humana, magnífica, por cima da qual a enfermidade, a solidão, a pobreza e os maus tratos haviam sobrevoado, como nuvens esparsas, muito leves.

Todos os pequenos empecilhos com os quais costumamos amargurar e estragar nossa breve e bela existência — a raiva, a impaciência, a desconfiança, a calúnia, todas essas enfadonhas e sórdidas úlceras que nos deformam, um sofrimento grande e longo as havia consumido neste homem, debaixo de verdadeiros martírios. Não se tratava de um sábio e nem de um anjo, mas de um ser cheio de compreensão e de dedicação que aprendera, através de imensos e pavorosos sofrimentos e privações, a sentir-se fraco sem se envergonhar, e a entregar-se nas mãos de Deus.

Uma ocasião eu lhe perguntei de que maneira ele conseguia se acomodar com seu corpo fraco e sofredor.

"É muito simples", riu-se ele, amavelmente. "Há sempre uma guerra constante entre mim e a doença. Uma vez sou eu quem ganha a batalha, depois perco a outra e assim por diante, continuamos lutando e, às vezes, fazemos uma trégua, assinamos um pacto de não-agressão, ficamos a nos observar, mutuamente, à espreita até que um de nós se torna atrevido e então a guerra recomeça outra vez."

Eu sempre me considerei uma criatura possuidora de uma visão segura e observação arguta; também nesse setor Boppi mostrou-se um admirável mestre. Como demonstrasse sentir um grande entusiasmo pela natureza e principalmente pelos animais eu o levava freqüentemente ao Jardim Zoológico. Lá passávamos horas preciosas. Em pouco tempo Boppi ficou conhecendo cada um dos animais e, como costumávamos levar conosco pão e açúcar, alguns animais já nos conheciam, e assim fizemos toda espécie de amizade. Tínhamos uma preferência especial pelo tapir, cuja única virtude era a de possuir uma higiene que não é própria a outros animais da sua espécie. No mais, nós o achávamos pretensioso, pouco inteligente, inamistoso, ingrato e altamente voraz. Outros animais,

principalmente o elefante, as corças e as camurças e até mesmo o patife do bisonte demonstravam uma certa gratidão pelo açúcar que lhes era oferecido, ou olhando para nós amistosamente, ou permitindo que nós os afagássemos. Quanto ao tapir, nada disso. Assim que nos aproximávamos dele, ei-lo junto das grades, devorando lenta e completamente tudo que levávamos para ele; quando percebia que a ração se tinha esgotado, afastava-se, simplesmente, sem tugir e nem mugir. Víamos naquela sua atitude um sinal de orgulho e de caráter e, já que não esmolara pelo que lhe davam, também não se via na obrigação de agradecer, aceitando com urbanidade, como um tributo absolutamente normal; por isso nós o apelidamos de Cobrador. Como Boppi nem sempre conseguia alimentar sozinho os animais, às vezes nos púnhamos a discutir se o tapir já havia recebido o suficiente, ou se poderia ainda ganhar mais um pedacinho. Nós o fazíamos com uma objetividade tal, após tantos e tão prolongados exames, como se se tratasse de assuntos de Estado. Uma ocasião, depois de termos dado de comer ao tapir, Boppi achou que deveríamos dar-lhe mais um pedaço de açúcar. Fizemos meia-volta mas o tapir, que já tinha recolhido ao seu leito de palha, piscou orgulhoso em nossa direção, sem se aproximar da grade. "Com mil perdões, senhor Cobrador", interpelou-o Boppi. "Acreditei que nos tivéssemos enganado por um pedaço de açúcar." E assim continuávamos até o elefante que já estava à nossa espera, rebolando de um lado para outro, alongando a tromba quente e ágil na nossa frente. Boppi conseguia alimentá-lo sozinho e via, com uma admiração toda infantil, como o gigante abaixava para ele sua tromba flexível, tirando o pão da palma da sua mão, olhando-nos com seus olhinhos sinceros e pequenos, com expressão amigável e matreira.

Entrei num acordo com um guarda, para que eu deixasse Boppi no Zoológico na sua cadeira de rodas quando eu não dispusesse de tempo para ficar ao seu lado, a fim de que ele não se sentisse privado, nesses dias, de desfrutar do bom sol e da companhia dos animais. Depois ele me contava tudo o que tivera oportunidade de ver. O que mais o encantava era observar como o leão tratava a sua esposa. Assim que ela se deitava para descansar, ele mudava de direção no seu constante vai-e-vem, de maneira a não tocar nem molestar e nem passar por cima da leoa. Boppi se interessava acima de tudo pela lontra. Não se cansava de ver as proezas natatórias e ginastas de grande flexibilidade do ágil animal, enquanto que ele mesmo se mantinha imóvel na sua própria cadeira, despendendo um esforço enorme, apenas para mover a cabeça ou os braços.

Foi num dos dias mais belos daquele outono que eu contei a Boppi as minhas duas estórias de amor. Nós nos havíamos tornado tão amigos que eu não conseguia guardar em segredo estas aventuras sentimentais, que nada tinham de alegre ou glorioso. Ele ficou ouvindo, amável e sério, sem nada dizer. Mais tarde, porém, exteriorizou o desejo de ver, pelo menos uma vez, Elisabeth, a nuvem branca, e pediu-me que guardasse bem esse seu desejo, caso nos deparássemos com ela, na rua.

Já que isso jamais ocorreria, e como os dias começavam a ficar frios, fui à casa de Elisabeth e pedi-lhe que concedesse essa alegria ao pobre corcunda. Ela aquiesceu de boa vontade e, no dia combinado, fui buscá-la e acompanhei-a até o Zoológico, onde Boppi nos esperava na sua cadeira de rodas. Quando a bela,

distinta e bem trajada dama cumprimentou o aleijado, estendendo-lhe a mão e curvando-se um pouco para ele, e quando o pobre Boppi levantou os olhos grandes e bondosos para ela, quase com gratidão e afeto, eu não seria capaz de distinguir entre os dois, neste preciso momento, qual era o mais belo e qual deles estava mais perto do meu coração. A senhora dizia algumas palavras amáveis e o aleijado não afastava dela o olhar brilhante e eu fiquei ali, de pé, admirado, vendo as duas pessoas que eu mais amava, de mãos dadas, por um minuto, criaturas estas que a vida mantinha separadas através de um precipício. Naquela tarde Boppi não falou noutra coisa a não ser em Elisabeth; louvou sua beleza, sua distinção, sua bondade, suas roupas, as luvas amarelas, a cor dos sapatos, seu modo de andar, o seu olhar, sua voz e seu bonito chapéu, enquanto tudo me parecia dolorosamente cômico, ter assistido como a minha amada dava uma esmola ao meu amigo predileto.

Nesse meio tempo Boppi já lera o "Henrique, o Verde" e "Os Seldwylers" tornando-se tão familiarizado com o mundo destes livros estupendos, que tínhamos nos personagens, Pancrácio e Alberto e nos justiceiros fabricantes de pentes, uns bons amigos em comum. Tive um momento de hesitação quando pensei em emprestar-lhe alguns livros de Conrad Ferdinand Meyer, todavia pareceu-me que ele não apreciaria a concisão quase latina da sua linguagem lacônica; por outro lado tive escrúpulos de abrir, diante de seus olhos calmos e joviais, o abismo da história. Em vez disso falei-lhe de São Francisco e dei-lhe para ler os contos de Mïricke. Notável me pareceu a declaração de meu amigo após ter lido a estória da bela Lau; não teria apreciado devidamente este conto se não tivesse estado tantas vezes diante do tanque da lontra, distraindo-se em tecer toda espécie de fantasias fabulosas em torno das águas.

Foi também bem divertida a maneira de como começamos a nos tratar por "você", como dois irmãos. Eu não o havia induzido a isso porque ele não teria aceito, todavia, aconteceu de empregarmos tal tratamento familiar quase que espontaneamente, e quando percebemos, achamos que era divertido e assim continuamos daí por diante.

A chegada do inverno impossibilitou nossos passeios, e eu passava novamente uma boa parte da noite sentado na sala do cunhado de Boppi; notei, pensativo, que essa minha nova amizade não deixava de exigir sacrifícios da minha parte. O marceneiro mostrava-se, via de regra, aborrecido, pouco amável e lacônico. Com o passar dos dias ele não somente se sentia importunado com a presença maçante do comensal inútil, como também com a minha atitude em relação a Boppi. Aconteceu de eu passar a noite inteira conversando animadamente com o paralítico, enquanto o dono da casa se mantinha ao lado, casmurro, lendo o seu jornal. Também com sua mulher, que era de uma paciência invulgar, ele se indispôs, quando ela afirmou não admitir que seu irmão fosse transportado para outro lugar. Freqüentemente tentei fazê-lo compreender o problema, e que o encarasse de maneira diferente, apresentando-lhe novas propostas, mas ele se mantinha firme, não aceitando coisa alguma. Chegou mesmo a se mostrar hostil, a escarnecer da minha amizade com o aleijado, amargurando-lhe a vida. Claro está que o enfermo e eu, que passávamos tantas horas juntos diariamente, significávamos um pesado fardo naquela casa já por si

tão acanhada, porém eu continuava mantendo a esperança de que o marceneiro se chegasse a nós, vindo a amar o enfermo. Da minha parte era impossível que eu fizesse fosse o que fosse em detrimento do marceneiro, ou que viesse a prejudicar o enfermo. Como odeio toda e qualquer decisão precipitada e forçada — nos nossos tempos de Zurique, Ricardo me apelidava de Petrus Cuntactor — fiquei à espera, semanas a fio, sofrendo o medo constante de perder a amizade de um ou de outro, ou, quem sabe até, dos dois.

O mal-estar crescente dessa situação sombria conduzia-me novamente, e com maior assiduidade ainda, às tabernas. Uma noite aborreci-me de modo especial com toda aquela estória enfadonha e fui a uma pequena cantina onde se servia o Waadt, para pôr fim às minhas mágoas, com uns bons litros de bebida. Pela primeira vez, em dois anos, tive dificuldade de andar em linha reta, para alcançar a minha casa. Dias depois, como sempre acontecia após uma forte carraspana, sentia-me com boa disposição e criei coragem para ir ter com o marceneiro e pôr um fim naquela comédia. Propus-lhe que deixasse Boppi inteiramente a meu encargo. O homem não se mostrou contrário à idéia, dando até mesmo sua aprovação alguns dias depois.

Aluguei uma nova habitação e algum tempo depois mudei-me para lá, em companhia do meu pobre corcunda. Até parecia que eu estava casado pois, em lugar de meu habitual quarto de solteiro, tive que instalar-me num ambiente confortável, para dois. Mas a coisa foi indo, embora a princípio eu tivesse que sofrer algumas experiências desagradáveis no setor doméstico. Contratei uma diarista para arrumar e lavar; quanto à comida, esta vinha de fora e em breve nós nos sentíamos bem e à vontade, nessa nossa nova vida em comum. A necessidade de vir a renunciar, no futuro, às minhas pequenas ou grandes caminhadas despreocupadas, não conseguiu me afetar, no momento. Eu chegava mesmo a sentir a presença serena de meu amigo, como algo de repousante e profícuo para o meu trabalho. Os pequenos serviços de assistência ao enfermo constituíam uma novidade para mim e no início eram-me bem pouco agradáveis, principalmente quando se tratava de vesti-lo e despi-lo. Mas meu amigo se mostrava tão paciente e agradecido que eu sentia vergonha e procurava me esforçar para servi-lo convenientemente.

Eu visitava poucas vezes meu professor, mas em compensação ia ver Elisabeth, cuja casa apesar de tudo me atraía, com um encantamento perene. Ficava por ali, tomava uma xícara de chá ou um copo de vinho, vendo-a no seu papel de dona-de-casa e sujeito, às vezes, a um acesso de sentimentalismo, embora, em relação aos eventuais sentimentos wertherianos eu estivesse sempre preparado para me defender com um constante sarcasmo. Aquele amor egoísta, adocicado e juvenil me abandonara de uma vez por todas. Entre nós havia um bom relacionamento: o de um estado de guerra elegante e confidencial; raramente nos encontrávamos sem que discutíssemos, amigavelmente. O espírito instável e mimado dessa mulher tão inteligente, e que era comum nas mulheres, não discordava de todo com a minha natureza apaixonada e cínica e, já que no fundo nós nos estimávamos, podíamos discutir por qualquer ninharia, com uma ênfase ainda maior. Entretanto, achava cômico discutir com ela a idéia do celibato justamente com ela, a mulher que ainda recentemente eu teria dado tudo

no mundo para poder desposar. Eu chegava a tomar a liberdade de escarnecer seu marido, um bom rapaz, orgulhoso da sua brilhante esposa.

Mas, dentro de mim, aquele velho amor continuava ardendo, só que agora não se tratava mais de um pretensioso espetáculo de fogos de artifícios dos outros tempos, e sim de uma boa chama duradoura, que conservava a juventude do coração e na qual um solteirão, sem esperanças, poderia, eventualmente, aquecer seus dedos nas noites frias de inverno. Desde que Boppi se encontrava agora, sempre perto de mim, envolvendo-me com a certeza maravilhosa de uma afeição honesta e sincera, então eu podia permitir que o amor continuasse existindo dentro de mim, como um pedaço de poesia e de juventude.

Aliás, Elisabeth me proporcionava, de vez em quando, com a sua malícia bem feminina, a oportunidade de abrandar essa chama e de fazer com que eu me alegrasse, cordialmente, com a minha condição de celibatário.

Desde que Boppi passou a morar em minha companhia, fui cada vez mais negligenciando minhas idas à casa de Elisabeth. Lia alguns livros ao lado de Boppi, folheava álbuns de viagens e diários, jogava dominó. Para nossa distração eu havia comprado um cachorrinho pudel; ficávamos à janela observando o começo do inverno e mantínhamos, diariamente, uma série de conversas inteligentes ou tolas. O enfermo havia ganho uma visão mais elevada do mundo, uma observação prática e realista, aquecida pelo bom humor e da qual eu todos os dias tinha alguma coisa para aprender. Quando vieram as pesadas nevascas e o inverno apresentou diante das janelas a sua beleza generosa, nós preparamos dentro da sala, ao pé da lareira, com um prazer juvenil, um cantinho idílico. E foi aí que tive a oportunidade de aprender a arte de conhecer os homens, atrás da qual eu correra por tanto tempo, em vão. Acontece que Boppi carregava consigo, como observador silencioso e arguto que era, uma infinidade de imagens da vida, da sua existência de outrora, e quando queria, uma vez iniciado o assunto, discorria maravilhosamente sobre o mesmo. Durante toda sua vida o aleijado conhecera apenas umas três dúzias de pessoas e jamais nadara na correnteza da vida; não obstante conhecia-a melhor do que eu, pois estava habituado a ver até as menores coisas e encontrar em cada homem uma fonte de experiências, alegria e conhecimentos.

Nosso divertimento favorito continuava sendo, como antes, o interesse na vida dos animais. Agora que não podíamos visitá-los no Zoológico, inventávamos uma série de estórias e fábulas de toda espécie. A maior parte delas não era contada; nós empregávamos um diálogo improvisado. Por exemplo: uma declaração de amor entre dois papagaios, problemas de família com os bizontes, conversas, à noitinha, entre javalis.

"Como está passando, senhor Furão?"

"Obrigado, sr. Raposo, vou mais ou menos. O senhor sabe, quando fui aprisionado perdi minha querida esposa. Seu nome era Rabo-de-Pincel, como aliás já tive a honra de lhe dizer uma vez. Uma pérola, é o que lhe digo, u m a..."

"Ora, deixe para lá essas velhas cantigas, senhor vizinho. Essa estória de pérola o senhor já me contou e, se não me engano, até mesmo mais de uma vez. Oh! Deus, afinal só se vive uma vez e não se deve estragar o pouco de prazer que se tem."

"Perdão, senhor Raposo, mas se o senhor tivesse conhecido minha esposa, talvez me compreendesse melhor."

"Ora, e por que não? Então, ela se chamava Rabo-de-Pincel, não é? Um belo nome, algo de acariciante! Porém, o que eu realmente queria lhe dizer é o seguinte: o senhor já notou como está aumentando essa maldita praga de pardais? Bem eu cá tenho meus planos."

"Com respeito aos pardais?"

"Com respeito aos pardais. Olhe bem, foi assim que eu imaginei: colocamos um pedaço de pão junto às grades e depois vamos nos deitar e esperar que esses sujeitinhos cheguem. Seria mesmo o diabo se não conseguíssemos pegar pelo menos um desses malvados. O que o senhor acha?"

"Fabuloso, senhor vizinho!"

"Então, tenha a bondade de colocar um pedaço de pão ali. Isso mesmo, muito bem! Talvez fosse melhor empurrá-lo um bocadinho mais para a direita, assim servirá para nós dois. Aliás, no momento, estou completamente desprevenido. Cuidado, atenção! Bem, agora podemos nos deitar, fechar os olhos — pst! ali vem um voando." (Pausa.)

"Como é, senhor Raposo, nada ainda?"

"Como o senhor é impaciente! Como se fosse à caça pela primeira vez. Um caçador deve saber esperar, esperar e novamente esperar. Pois bem, mais uma vez!"

"Tudo certo, mas onde é que o pão foi parar?"

"Como assim?"

"Ora, o pão não está mais aqui."

"Não é possível! O pão? Com efeito — desapareceu! Raios o partam! Mas está claro, foi o maldito vento, outra vez!"

"Bem, tenho cá minhas dúvidas. A mim me pareceu que o senhor mastigava qualquer coisa."

"Como? Eu mastigava? Mas, o quê?"

"Presumo que seja o pão."

"O senhor é obviamente ofensivo nas suas suposições, senhor Furão. Está certo que se tolere alguma coisa da parte dos vizinhos, mas isso já é demais. Já é demais, digo eu. O senhor está me entendendo? — Com que então, fui eu quem comeu o pão! O que está pensando, afinal de contas? Primeiro sou obrigado a ouvir essa baboseira da pérola, pela milionésima vez, depois tenho uma idéia genial: colocamos o pão e... "

"Isso fui eu que fiz. Fui eu quem deu o pão!"

"... colocamos o pão, deito-me, fico observando; até aí tudo vai bem. Então vem o senhor com essa lengalenga — é lógico, lá se vão os pardais, a caçada perdida, e agora, fui eu quem comeu o pão! Bem, o senhor pode esperar sentado até que eu o procure novamente."

E com isso, as tardes e as noites passavam rápidas e de maneira agradável. Eu me sentia de bom-humor, trabalhava com prazer e disposição, com rigidez, e me admirava de haver sido outrora tão preguiçoso, rabugento e complicado. Os dias mais felizes passados em companhia de Ricardo não foram, entretanto, mais

belos que esses dias serenos e animados, com flocos de neve dançando lá fora e nós dois e nosso cachorrinho nos aconchegando junto à lareira.

Foi então que meu querido Boppi praticou sua primeira e última asneira. Na minha euforia eu estava naturalmente cego e não notava que ele sofria mais do que nunca. Ele, porém, movido pela modéstia e pelo amor, mostrava-se ainda mais alegre do que de ordinário; não se lastimava, não me proibia de fumar e depois, durante a noite, tossia e gemia baixinho. Foi por mero acaso que uma noite em que ficara escrevendo até tarde no quarto vizinho ao seu, ouvi seus gemidos, quando ele imaginava que eu estivesse dormindo. A pobre criatura assustou-se e ficou aterrorizada, quando entrei no seu quarto com a lâmpada na mão. Coloquei-a ao lado, sentei-me junto dele na sua cama e comecei o interrogatório. Durante muito tempo ele quis me blefar mas, finalmente, acabou confessando tudo.

"Não é nada de grave.", disse timidamente. "Só quando faço certos movimentos sinto contrações no coração e também algumas vezes quando respiro."

Ele parecia se desculpar, como se fosse um crime ficar doente.

Logo de manhã bem cedo fui à procura de um médico. O dia estava claro e gelado; no caminho a angústia e as apreensões foram se atenuando e cheguei até mesmo a pensar no Natal e de como eu poderia proporcionar uma alegria ao meu amigo Boppi. O médico ainda se encontrava em casa e me acompanhou, vendo minha insistência. Voltamos no seu carro confortável, subimos a escada e entramos no quarto do enfermo, onde teve início o exame médico, como um apalpar e auscultar; à medida que o médico se mostrava um pouco mais sério e sua voz menos afetuosa, toda minha alegria foi se desvanecendo.

Gota, coração muito fraco — eu prestava atenção e escrevia tudo, espantado comigo mesmo, de não opor resistência, quando o médico ordenou que Boppi fosse transportado para um hospital.

A ambulância chegou logo mais, à tarde, e quando voltei do hospital, o ambiente da casa era horrível, com o cãozinho se achegando a mim e a grande cadeira do enfermo afastada num canto e o quarto vazio.

Assim acontece também quando se ama. Sofre-se muito e, nos dias que se seguiram, suportei muitas dores. Tem tão pouca importância que se sofra, ou não! Contanto que se viva, intensamente, com o ente amado, que se sinta os liames estreitos e vivos que nos une a tudo aquilo que tem vida, conquanto que essa ternura não se extinga! Eu daria todos os meus dias felizes que tive outrora, com todas as minhas pequenas paixões e todos os meus planos poéticos se, em troca disso tudo me fosse dado olhar novamente no Santo dos Santos, como o fiz naquela época. Isso fere profundamente os olhos, o coração e também o belo orgulho e a vaidade passam por uma dura prova; depois porém, fica-se tão sereno, tão humilde, tão mais amadurecido e enriquecido de vida interior!

Já com a pequena e loira Agi, morrera algo dentro de mim, da minha velha natureza. Agora eu via o meu corcunda, a quem havia dado toda a minha ternura e com o qual eu partilhava toda a minha vida, eu o via sofrer e ir morrendo, aos poucos, e eu sofria junto a cada dia que passava e participava também de tudo que havia de pavoroso e também de santo, na morte. Eu não passava de um

principiante na "ars amandi" e em breve iria começar com o sério capítulo da "ars moriendi". Não vou me calar agora, como me calei outrora ao falar de Paris. Falarei sobre a morte, bem alto, como o faz a mulher quando se refere ao seu tempo de noivado, e o velho ao recordar seus dias de infância.

Eu via morrer uma criatura cuja vida havia sido de sofrimento e de amor. Ouvia-o pilheriar como uma criança, ao passo que sentia dentro de si a obra da morte. Via como seu olhar me procurava, desprendendo-se das dores atrozes, não para esmolar, mas para me mostrar que esses espasmos e dores haviam deixado intacto o que havia de melhor dentro dele. Ele abria bem os olhos e eu não via mais aquele seu pobre rosto emurchecido, apenas o brilho dos seus olhos tão grandes.

"O que posso fazer por você, Boppi?"

"Conte-me alguma coisa. Quem sabe, do tapir."

Falei-lhe então do tapir; ele fechou os olhos e eu tinha dificuldade em me expressar no meu tom de voz natural, porque o desejo de chorar era grande. E, quando eu pensava que ele não estivesse me ouvindo ou que estivesse dormindo calava-me, imediatamente. E ele abria novamente os olhos:

"E depois?"

E eu continuava contando do tapir, do pudel, de meu pai, do pequeno e ladino Matteo Spinelli, de Elisabeth.

"Ora, ela casou-se com um bobalhão. Assim é a vida, Peter."

Muitas vezes, sem que o esperássemos, ele começava a falar da morte.

"Não é brincadeira, Peter. O trabalho mais pesado não o é tanto quanto o da morte. Mas no fim dá certo."

Ou então:

"Quando as dores passam eu consigo rir. Para mim, a morte tem suas vantagens; fico livre de uma corcunda, de uma perna mais curta e de um quadril paralítico. Já no seu caso vai ser uma lástima; você com suas costas largas e pernas fortes e sadias!"

Uma ocasião, já nos últimos dias, despertando de um cochilo, disse-me:

"Não existe nenhum céu como o vigário costumava contar. O céu é muito mais belo. Muito mais!"

A mulher do marceneiro vinha diversas vezes visitar o irmão, agindo de maneira inteligente, mostrando-se cooperante e simpática. O marceneiro, para meu grande pesar nem tomava conhecimento.

"Então, o que é que você me diz, Boppi? Será que lá no céu também existem tapires?" perguntei um dia, acidentalmente ao meu amigo.

"Oh, sim", respondeu, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

"Lá existe toda espécie de animais, até o camelo."

O Natal chegou e nós o comemoramos junto à sua cama. Depois vieram as fortes geadas, em seguida o degelo e uma neve fresca começou a cair sobre a superfície lisa do gelo. Eu pouco ligava para tudo isso. Ouvi a notícia que Elisabeth dera à luz um menino e isso também ficou no esquecimento. Uma carta bem divertida foi-me enviada pela senhora Nardini, passei os olhos naquelas linhas e coloquei-a de lado. Terminei, às pressas, o meu trabalho, sempre com a impressão de que cada hora que passava significava uma hora a menos para mim,

e para o enfermo. Em seguida eu corria, afogueado, impaciente, até o hospital; lá encontrava uma serenidade amena e permanecia, tardes inteiras, à cabeceira de Boppi, como que envolvido por uma paz profunda e sonhadora. Os dias que precederam o fim ele os passou um pouco melhor. Era estranho como aquela etapa ainda recente da sua vida parecia ter-se apagado da sua memória, passando ele a viver completamente do passado. Durante dois dias, não falou outra coisa, a não ser na sua mãe. Embora não conseguisse falar demoradamente, percebia-se, nas longas pausas, que ele só pensava nela.

"Eu lhe falei muito pouco sobre ela," queixou-se ele, "você não deve esquecer-se daquilo que lhe diz respeito, porque não haverá mais ninguém que a conheça e que lhe deva um pouco de gratidão. Seria bom, Peter, que todos tivessem uma mãe assim. Ela não me enviou a um asilo quando eu deixei de trabalhar."

Deitado na sua cama de enfermo, ele respirava com dificuldade. Passou-se uma hora e ele recomeçou:

"Ela me amava mais do que aos outros filhos e conservou-me ao seu lado, até morrer. Os irmãos foram-se embora, minha irmã casou-se com o marceneiro; eu porém fiquei em casa e, embora muito pobre, ela jamais permitiu que me faltasse alguma coisa. Você não deve se esquecer dela, Peter. Ela era miudinha, talvez ainda menor do que eu, e quando ela me dava a mão, parecia que um passarinho havia pousado em cima. Para ela serve um caixão de criança, disse o vizinho, o Rütiman, quando ela morreu."

Para ele também bastaria um caixão de criança. Estava tão sumido e pequeno no seu leito limpo de hospital, suas mãos pareciam mãos femininas, longas, estreitas, alvas e um pouco deformadas. Quando deixou de sonhar com a mãe, chegou a minha vez. Ele falava, como se eu estivesse ausente.

"Sabe, ele é um sujeito azarado, naturalmente, mas isso não o prejudicou. Sua mãe faleceu muito cedo."

"Você ainda me reconhece, Boppi?" perguntei-lhe.

"Como não, senhor CamenzindI" disse divertido, rindo-se, bem baixinho."

"Se ao menos eu pudesse cantar", acrescentou logo em seguida.

No último dia ainda perguntou:

"Diga-me uma coisa, esse negócio de hospital é caro? Pode se tornar muito dispendioso."

Todavia não esperou por uma resposta. Um rubor delicado subiu às suas faces muito pálidas, fechou os olhios, e durante um instante deu a impressão de uma criatura surpreendentemente feliz.

"O fim já está próximo," disse a irmã.

Mas ele abriu novamente os olhos, olhou-me com uma expressão maliciosa, moveu as sobrancelhas como se quisesse confirmar o que fora dito. Levantei-me, coloquei a mão debaixo do seu ombro esquerdo e ergui-o ligeiramente, o que, em geral, lhe fazia bem. Assim deitado sobre minha mão, contraiu os lábios num leve espasmo, voltou um pouco a cabeça para o lado e estremeceu, como se de repente sentisse frio. Foi a libertação.

"Você se sente melhor assim, Boppi?" perguntei ainda. Ele porém já estava livre dos seus males, e senti o frio do seu corpo na minha mão. Era o sétimo dia

de janeiro, uma hora após o meio-dia. Por volta da noitinha já tínhamos tudo pronto e o pequeno corpo do aleijado jazia sereno e limpo, sem outras alterações, até que chegou a hora de levá-lo embora e sepultá-lo. Durante estes dois dias eu me surpreendia comigo mesmo por não me encontrar nem triste e nem desamparado, não tenho nem mesmo chorado. Sentira tão profundamente aquela separação e a despedida durante a enfermidade, que não me restava mais grande coisa a suportar; mais aliviado, via que o prato da balança que continha as minhas dores ia novamente subindo.

Contudo, parecia-me que era chegado o momento de deixar a cidade, em surdina, para ir procurar o repouso em qualquer lugar, possivelmente ao sul, a fim de poder esticar no tear a trama grosseiramente disposta da minha poesia. Restava-me ainda algum dinheiro; pendurei no cabide todos os meus compromissos e obrigações literárias e preparei-me para arrumar minhas coisas e viajar, logo no início da primavera. Primeiro eu iria a Assis, onde a verdureira aguardava a minha visita, depois eu me atiraria a um trabalho consciencioso, num lugarzinho nas montanhas, o mais sossegado possível. Tinha a impressão de ter experimentado uma parcela bem generosa de vida e de morte, para poder exigir de outros que ouvissem, quando eu resmungasse a respeito dessas coisas. Eu esperava pelo mês de março acometido de uma agradável impaciência e já sentia, antecipadamente, nos ouvidos as expressões fortes da língua italiana e, no nariz, o odor picante e forte do risoto, das laranjas e do *chianti.*

O plano era perfeito e quanto mais eu refletia sobre o mesmo, tanto mais me sentia feliz e satisfeito. Enquanto isso, foi bom que eu tivesse degustado de antemão o *chianti,* pois tudo se passou de maneira diferente.

Em fevereiro chegou-me às mãos uma carta em estilo rebuscado e fantástico, onde o albergueiro Nydegger me participava que havia muita neve; na aldeia, a coisa não ia bem, nem para os homens, nem para os animais; quanto ao senhor meu pai, inspirava cuidados e, para terminar, seria bom se eu enviasse dinheiro ou aparecesse por lá. Já que eu não estava de acordo em mandar o dinheiro e que realmente o estado do meu pai me preocupava, resolvi que deveria ir vê-lo pessoalmente. Cheguei num dia horroroso; devido à neve e ao vento, tanto as casas como as montanhas estavam invisíveis, e o conhecimento que eu tinha dos caminhos foi-me de grande utilidade: eu os distinguia até de olhos fechados. O velho Camenzind não se achava na cama, como eu julgara encontrá-lo, mas desanimado e com aspecto lamentável, num canto junto ao fogão, assediado por uma vizinha que lhe trouxera um pouco de leite e que estava, precisamente, lhe fazendo uma severa e radical preleção sobre sua vida pregressa, não interrompendo seu sermão nem mesmo com a minha chegada.

"Olhe, o Peter está aí", disse o velho pecador, piscando para mim com seu olho esquerdo.

Mas a mulher continuava implacável no seu discurso. Sentei-me numa cadeira à espera de que se esgotasse o interesse do seu amor ao próximo, descobrindo na sua cantilena alguns trechos que também a mim me serviam como reprimenda. Ao mesmo tempo observava como a neve se derretia no meu casaco e nas minhas botas, escorrendo até o chão, fazendo uma pequena mancha úmida em volta da minha cadeira e formando, em seguida, uma ligeira poça

silenciosa. Foi quando a mulher parou de falar que se deu, oficialmente, a atenção requerida à minha chegada, da qual a mulher também participou prazerosamente.

Achei meu pai bem enfraquecido. Recordei-me daquela minha ligeira tentativa, de outrora, de cuidar dele. Pelo visto de nada valera a minha partida e agora que era mais necessário, eu que me agüentasse.

Não se pode esperar que um velho camponês teimoso, que na sua juventude jamais fora um exemplo de virtudes, vá se tornar nos anos enfermiços da velhice, manso e afetuoso, ou que se comova diante do espetáculo do amor filial. Isto ele jamais o faria, de maneira alguma; pelo contrário, tornava-se cada vez mais rebelde à medida que se sentia mais doente, devolvendo-me, se bem que sem juros, tudo aquilo que eu o fizera sofrer anos atrás, mas tudo bem calculado e medido. Embora não fazendo muito uso de palavras e mesmo assim, com muita reserva quando se tratava de mim, meu pai dispunha de uma porção de métodos drásticos para, mesmo em silêncio, se mostrar descontente, amargo e rabugento. Muitas vezes eu me punha a matutar se um dia eu também me tornaria, na minha velhice, um tipo assim tão esquisito, desagradável e agressivo. Quanto à bebida, era como se não houvesse, pois o copo que eu lhe servia duas vezes ao dia, ele o engolia com a cara trancada, mesmo em se tratando do bom vinho do sul; isto porque, depois de servi-lo, eu levava a garrafa de volta à adega vazia, cuja chave jamais lhe confiava.

Somente por volta dos fins de fevereiro é que chegaram aquelas semanas claras que tornam tão esplêndido o inverno das altas montanhas. As encostas escarpadas cobertas de neve apresentavam-se cintilantes no céu de um azul de lóios, parecendo fantasticamente próximas, no ar transparente. Prados e declives estavam cobertos de neve — com a neve das montanhas que jamais é encontrada nos vales, tão alva, tão cristalina e de um olhar tão acre. E sobre pequenos montículos de terra, a luz do sol, por volta do meio-dia, celebra festas deslumbrantes; nos vales e nos despenhadeiros estendem-se espessas sombras azuis e, após semanas inteiras em que a neve tombou, o ar foi tão purificado que é um prazer respirar-se ao sol. Nas ladeiras mais baixas, a juventude se diverte com os passeios de trenó e depois do meio-dia vêem-se pessoas velhinhas paradas nas ruas, desfrutando o calor do sol, enquanto que à noite os caibros rangem sob a geada. No meio dos campos cobertos de neve, o lago que jamais se cobre de gelo se estende, sereno e azul, mais belo do que jamais poderia ficar no verão. Todos os dias antes do almoço, eu ajudava meu pai a chegar até a porta e ficava observando como ele distendia, ao belo calor do sol, os dedos morenos e nodosos. Logo depois começava a tossir e a se queixar do frio. Este era um dos seus mais inocentes truques para que eu lhe servisse um gole, porque nem a tosse e nem o frio deviam ser levados a sério. Então ele recebia seu cálice de Enzian ou um pouco de absinto e, esperto como era, parava de tossir, gradualmente, rindo-se às minhas costas, certo de haver me enganado. Depois da refeição eu o deixava sozinho, amarrava minhas polainas e durante algumas horas ia para as montanhas, o mais distante possível; para voltar, sentava-me num saco vazio de frutas que havia trazido de casa e escorregava lá de cima, deslizando sobre as encostas cobertas de neve.

Quando chegou a época em que eu talvez fosse a Assis, ainda havia metros de neve cobrindo a terra. Foi somente em abril que a primavera se fez anunciar e, mesmo assim, num degelo rápido e perigoso que tombou sobre a nossa aldeia como há muitos anos não se vira outro igual. Dia e noite ouvia-se o uivar do *foehn,* o estraçalhar-se das avalanches distantes e o despencar das torrentes que arrastavam consigo lascas de rochedo e de árvores despedaçadas, atirando-os com violência sobre nossas pobres e exíguas faixas de terra e campos de frutas. A excitação criada pelo vento não me deixava dormir; noite após noite eu ouvia, tenso e medroso, os gemidos das tempestades, o troar das avalanches e o lago que se debatia nas margens. Nessa época febril das lutas da primavera, abateu-se, novamente, sobre mim, o sofrimento do amor já superado e de uma maneira tão violenta, que eu me levantava à noite, colocava-me junto à janela e gritava às procelas, movido por dores atrozes, palavras de amor a Elisabeth. Desde aquela noite amena em Zurique em que eu, perseguido pela paixão, correra sobre a colina no alto da casa da pintora italiana, nunca mais, como agora, aqueles sentimentos chegaram a me dominar de maneira tão pavorosa e indomável. Eu tinha a impressão de ver a bela mulher bem na minha frente, sorrindo, afastando-se de mim a cada passo que eu dava para me aproximar. Meus pensamentos, venham eles de onde vierem, sempre voltam para aquela visão e, qual criatura ferida, não conseguia deixar de tocar a chaga que me consumia. Sentia vergonha de mim mesmo, o que era tão torturante quanto inútil; amaldiçoava o *foehn e* contudo, em meio a todo esse sofrimento, eu sentia bem no íntimo, como nos tempos de criança, quando eu sonhava com Rösi, uma onda morna e sombria descendo sobre mim.

Notei que para esse mal não havia remédio e tentei pelo menos trabalhar um pouco. Comecei a composição da minha obra, lancei alguns estudos e logo me convenci de que agora não havia tempo para isso. Nesse meio tempo corriam notícias, de todos os lados, as mais apavorantes, de estragos cometidos pelo *foehn* e também nossa aldeia foi atingida. Os diques das torrentes estavam semidestruídos, muitas casas, celeiros e cocheiras haviam sofrido danos consideráveis; das comunidades vizinhas chegavam desabrigados e vítimas da catástrofe; só se ouviam queixas, lamentações e não havia dinheiro. Foi num desses dias que, para minha felicidade, o prefeito mandou me buscar e lá na sua salinha de Conselho perguntou-me se eu estaria disposto a participar de um comitê de auxílio aos flagelados. Confiava na minha pessoa para representar os interesses da comunidade no Cantão e, de modo todo especial, para que eu apelasse através dos jornais locais para os sentimentos de cooperação e simpatia dos habitantes do país. Isto viera bem a propósito, a fim de que pudesse esquecer, bem agora, meus próprios sofrimentos inúteis, lutando por uma causa mais séria e mais digna; atirei-me desesperadamente ao trabalho. Em Basiléia consegui, por intermédio de cartas, que se apresentassem imediatamente algumas pessoas prontas a se lançarem numa coleta de fundos para as vítimas. Como já era do nosso conhecimento, o Cantão não dispunha de dinheiro e só podia enviar alguns auxiliares. Voltei-me então para os jornais com pedidos e relatórios; choveram cartas, contribuições, pedidos de informações e eu tinha, além da papelada, a

incumbência de lutar, no Conselho Municipal, com aqueles camponeses cabeças-duras.

Aquelas semanas de um trabalho árduo e inevitável fizeram-me bem. Quando a coisa foi tomando um certo ritmo e eu já me sentia menos indispensável, as campinas das cercanias coloriam-se de verde e o lago, puro, banhado de sol, devolvia às encostas livres da neve as tonalidades azuis do céu. Meu pai passara uns dias mais suportáveis e meus males de amor haviam-se diluído e desaparecido, como os restos das avalanches sujas e desagradáveis. Era por essa época do ano que meu pai costumava, outrora, renovar a pintura do nosso barquinho, enquanto lá do jardim minha mãe ficava nos observando e eu não desgrudava os olhos do trabalho do meu velho, seguindo as espirais da fumaça do seu cachimbo e o vôo das borboletas amarelas. Agora não havia mais barco para ser pintado, minha mãe estava morta há muito tempo e meu pai acocorava-se, de mau humor, num canto da casa abandonada. A presença do tio Conrado também me fazia recordar os velhos tempos. Muitas vezes eu o levava, sem que disso meu pai tomasse conhecimento, a bebericar comigo um copo de vinho, e eu ficava ouvindo a descrição dos seus muitos projetos que ele trazia à baila, acompanhando-se de gostosas gargalhadas e com uma pontinha de orgulho. No momento ele não elaborava novos projetos e a velhice o havia marcado, rudemente; contudo ele conservava algo de infantil ou de adolescente nos seus traços e na sua risada. Quando eu não suportava mais a presença do meu pai, consolava-me e distraía-me ao lado do meu tio e, quando eu o convidava para tomar um gole, ele ia trotando ao meu lado, acertando o seu passo pelo meu, com muito esforço, esticando as pernas magras e um tanto curvas.

"Você precisa fazer-se à vela, tio Conrado", dizia-lhe eu, encorajando-o; sempre que mencionávamos as velas, voltávamos ao assunto do nosso velho barco que não existia mais e cuja perda ele lastimava como se chora a morte de um ente querido. E, como eu também estimara aquela velha carcaça que agora nos fazia falta, nós evocávamos, nos seus menores detalhes, todas as estórias em que ela tomara parte.

O lago estava tão azul quanto antes, o sol não menos festivo e quente, e eu, velho moleque, ficava a olhar as borboletas amarelas, sentindo que nada de especial havia mudado e que eu poderia, como dantes, ficar deitado na relva, tecendo sonhos de criança. Que tudo isso era uma ilusão, que eu não era mais um menino e que já havia gasto uma boa parte da minha existência que jamais voltaria, tudo isso eu podia ver todos os dias ao fazer o asseio matinal, no reflexo da minha cabeça com o nariz muito forte e da minha boca amarga, reluzindo no fundo da velha bacia enferrujada de folha de flandres. Camenzind *sênior* contribuía mais ainda para que eu não me deixasse iludir com o passar do tempo, e quando eu desejava me situar completamente no presente, bastava que eu abrisse a gaveta estreita da mesa do meu quarto, onde repousava a minha futura obra literária, que consistia de esboços já velhos e de seis ou sete projetos lançados em folhas *in-quarto*. Raramente abro essa gaveta.

Além de cuidar do meu velho pai, tinha ainda diversas obrigações em relação à casa, cujo estado era precário. As tábuas do assoalho abriam-se em verdadeiros precipícios, o forno e o fogão estavam estragados, faziam fumaça e

exalavam um forte mau cheiro; as portas não fechavam direito e a escada que levava ao celeiro, outrora palco das punições paternas, constituía um verdadeiro perigo de vida. Antes que qualquer coisa pudesse ser reparada, o machado devia ser afiado, os serrotes consertados, um martelo devolvido, pregos procurados; somente então foi que resolvi separar pedaços de madeira ainda úteis, no meio daquele monturo já meio apodrecido. Foi meu tio Conrado que me deu uma pequena ajuda no reparo das ferramentas e da pedra de amolar; ele, porém, já estava muito velho e encurvado para poder ser um pouco mais prestativo. Estraguei minhas mãos macias de escritor, na madeira rebelde, movimentei com os pés a pedra de amolar; subi no forro que balançava, umedecido pelas muitas chuvas e então me pus a pregar, martelar, colocar ripas, entalhar, fazendo com que meu pomo de Adão, já aumentado pela gordura, ficasse todo molhado com as gotas de suor. As vezes eu me permitia uma pausa, principalmente durante o conserto do telhado, bem quando deveria dar uma martelada num prego; sentava-me, então, aprumava o corpo, puxava uma baforada no cigarro já meio apagado, olhava para o profundo azul do céu e desfrutava da minha preguiça, em plena consciência, feliz e satisfeito, achando que, agora, nem meu pai poderia me obrigar a trabalhar, ou mesmo me castigar. Quando acontecia de passarem alguns vizinhos, mulheres, velhinhos, crianças, para justificar o meu ócio, entabulava conversas com eles; assim fui ganhando fama de ser um homem com o qual se podia trocar algumas palavras inteligentes.

"Hoje está muito quente, Lisbeth?"

"Sem dúvida, Peter. O que é que você está fazendo?"

"Dando um jeito no telhado."

"Ainda bem. Estava mesmo precisando."

"Certo, certo."

"E o que anda fazendo o velho? Ele já está na casa dos setenta."

"Dos oitenta, Lisbeth, oitenta. E quando nós ficarmos velhos assim, não vai ser brincadeira."

"É mesmo, Peter, mas agora preciso continuar meu caminho, meu marido quer comer. Faça direito seu trabalho."

"Adeus, Lisbeth."

E, à medida que ela se afastava, com a marmitinha dentro do seu lenço, eu lançava ao ar espirais de fumaça, acompanhando-a com o olhar, imaginando como era possível que todos corressem apressados para seus trabalhos, enquanto eu continuava batendo pregos na mesma ripa já fazia dois dias. Finalmente o telhado ficou pronto. O pai mostrou um interesse exagerado e, como não era possível carregá-lo até lá ao alto, tive que descrever até nos mínimos detalhes tudo que eu executara, fazendo um relatório completo sobre cada sarrafo de madeira; mas eu não estava preparado para aquele tipo de elogio:

"Está bem", concordou meu pai, "está bem, mas eu não acreditava que você fosse terminar esse trabalho ainda este ano."

Quando me recordo e analiso minhas viagens e minhas tentativas no sentido de encontrar meu lugar no mundo, alegra-me e aborrece-me ter experimentado, também em mim, o velho ditado que diz que os peixes pertencem às águas e os camponeses à terra e que, de um Camenzind da aldeia de Nimikon, apesar de

todos os esforços, jamais sairia um homem da cidade e da sociedade. Habituo-me a achar que está dentro da ordem e fico satisfeito em saber que a minha caçada em busca da felicidade na sociedade não passou de um fracasso e fez com que eu, contra minha vontade, voltasse para o meu cantinho entre as montanhas e o lago, e é onde eu pertenço e onde minhas virtudes e defeitos, em particular meus defeitos, são coisas comuns e mesmo tradicionais. Lá fora eu me esquecera da minha pátria e estava mesmo no ponto de me ter em conta de uma planta rara e excepcional; agora percebo novamente que agia em mim o espírito de Nimikon que não se adaptava aos costumes do resto do mundo. Aqui não entra na cabeça de ninguém que eu seja um original e, quando contemplo meu velho paizinho e meu tio Conrado, tomo-me por um filho e sobrinho normal e ajuizado. Minhas revoadas no campo do espírito, em zigue-zague, e a tão chamada cultura podem ser legitimamente comparadas à célebre excursão no barco a vela do tio Conrado, só que as minhas custaram mais dinheiro, esforços e alguns belos anos da minha existência. Também quanto à minha aparência exterior, desde que meu primo Kouni começou a aparar a minha barba e que voltei a usar as calças com cintura e mangas de camisa, tornei-me novamente um verdadeiro filho da minha aldeia; quando meu pai ficar grisalho e velho eu tomarei, imperceptivelmente, seu lugar, representando seu pequeno papel na vida da comunidade. As pessoas sabem apenas que eu vivi durante muitos anos no estrangeiro e eu me abstenho de dizer-lhe em que empregos miseráveis me meti, em quantas poças imundas chafurdei e, caso disso tivessem conhecimento, eu seria motivo de zombadas, sujeito até a ganhar um apelido. Sempre que me refiro à Alemanha, Itália ou Paris, exagero um tantinho, acrescentando sempre alguma coisa, mesmo nas descrições mais honestas, a ponto de eu mesmo duvidar da minha própria sinceridade.

E, afinal de contas, o que resultou de todas aquelas andanças e de tantos anos malbaratados? A mulher que eu amei e que amo até hoje educa em Basiléia seus dois filhos encantadores. A outra que me amou, acabou se consolando e continua vendendo suas frutas, verduras e sementes. O meu pai, razão da minha volta ao ninho, não morreu, nem sarou, mas está sentado à minha frente, no seu leito de preguiça, olhando para mim, roído de inveja porque eu possuo a chave da adega.

Porém isso não é tudo. Possuo, além da minha mãe e do meu amigo de juventude que morreu afogado. Agi, a loirinha, e o corcunda Boppi como anjos lá no céu. Fui também testemunha da restauração das casas da aldeia e de dois diques de pedra. Se assim o pretendesse, teria um lugar no Conselho Municipal. Mas lá já está abarrotado de Camenzinds.

Há pouco tempo abriu-se para mim uma nova perspectiva para o futuro. O albergueiro Nydegger, em cujo salão costumávamos beber, meu pai e eu, uns bons tragos de Veltlino, Vahso ou Waadt, começa a envelhecer e não sente mais prazer no seu ofício. Um dia desses ele me contou suas mágoas. O pior disso tudo é que, se ninguém da terra quiser continuar com a hospedaria, então ela será comprada por uma cervejaria e então tudo estará perdido e não mais teremos em Nimikon um cantinho convidativo e agradável. Por certo poriam Ia um gerente qualquer, não familiarizado com o povo da aldeia e que certamente preferiria bombear sua cerveja a servir o nosso vinho, envenenando e pondo a perder a

ótima adega de Nydegger. Desde que ele me pôs a par das suas intenções, eu não tenho mais sossego. Ainda me resta um pouco de dinheiro no banco de Basiléia e o velho Nydegger não teria em mim um mau sucessor, O problema nisso tudo é que eu não gostaria de me tornar um albergueiro estando meu pai ainda vivo. Primeiro, porque não conseguiria manter meu pai afastado do batoque; além disso o triunfo da sua vida seria o de ver que, com todos os meus estudos e todo meu latim, eu só cheguei a ser um albergueiro de Nimikon, e nada mais. Assim não vai, e desde então eu comecei a esperar, com calma, sem impaciência, pela morte do meu pai, a favor da boa causa.

Após longos anos de uma tranqüila modorra, eis meu tio Conrado despertado para novas aventuras, o que aliás não me agrada. Ele conserva o dedo indicador constantemente na boca e uma ruga de preocupação vinca-lhe a testa; dá passinhos apressados em volta do quarto e quando o dia está claro olha muito para o lago. "Acho que ele está querendo construir um novo naviozinho", disse-me sua velha Cenzina e de fato, há muito tempo ele não parecia tão vivo e esperto, com um ar decidido e malicioso no rosto, como se soubesse agora, realmente, como deveria agir. Creio porém que o motivo não reside ali e sim que a sua alma agora fatigada aspira por asas que a levarão para seus domínios. Você precisa fazer-se à vela, meu velho tio! Quando chegar esse momento, então os senhores de Nimikon presenciarão algo de inaudito. Tomei a firme resolução de, no dia do seu enterro, logo depois das orações do sacerdote, tomar eu também a palavra, o que jamais foi feito nessa região. Falarei do tio como de um homem bem-aventurado, favorito de Deus; seguindo-se a esta parte edificante direi algumas boas verdades, carregadas de ironia e desprezo, dirigidas aos queridos presentes, que tão cedo não se esquecerão de mim e nem me perdoarão.

E na gaveta encontra-se o começo do meu grande poema. "A obra-prima da minha vida", eu poderia dizer. Porém isso soa de maneira patética e prefiro não dizê-lo, pois é justo que eu reconheça que, tanto o prosseguimento da obra, como o seu epílogo, descansam em pernas bem vacilantes. Talvez chegue o dia em que eu recomece tudo de novo, continue e termine; somente então darei razão às aspirações da minha juventude de que fui realmente um poeta.

E isso teria para mim um valor tão grande ou ainda maior que o Conselho Municipal ou que os diques de pedras; e tudo isso pesaria menos para mim que o passado da minha vida, que não foi todavia perdido, juntamente com todas as imagens das pessoas queridas, desde a esbelta Rösi Girtanner, até o meu pobre Boppi.